Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 728
Abril 1985
Segunda-feira
30$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

URSS suspende até Novembro instalação de novos mísseis

- *Washington recusa moratória soviética*
- *Cimeira Reagan-Gorbachev tem "luz verde"*

A Casa Branca rejeitou a ideia de uma moratória no estacionamento dos mísseis norte-americanos Pershing-2 e de Cruzeiro no continente europeu, ideia sugerida pelo secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbachev, em entrevista concedida ao jornal «Pravda» e difundida pela agência TASS. Gorbachev afirmou que até Novembro próximo, a URSS cessa unilateralmente o estacionamento de mais mísseis apontados para a Europa no seu território, bem como o estacionamento de mísseis na Checoslováquia e RDA e a aplicação de outras medidas de retaliação adoptadas depois do começo da instalação dos «euromísseis» norte-americanos no velho continente. Segundo Gorbachev, se até Novembro, os EUA não seguirem o exemplo soviético, a URSS prosseguirá o seu rearmamento.

Págs. centrais

Totoloto

Um único totalista recebe 24 mil contos

Um anónimo de Lisboa foi o único totalista da edição desta semana do Totoloto, indo assim receber como prémio a quantia de 24 598 contos. Quanto aos resultados, ainda provisórios, do Totobola, apontam para três totalistas (prémio de 5320 contos), sendo um deles anónimo do Porto e os outros Manuel Tomás, de Portimão e Rui Guerra, do Couço. Recorde-se que, na semana passada, na sua sessão de lançamento, o Totoloto beneficiou com o 1.º prémio, uma senhora, Alzira Santos, retornada de Angola e residente no Pátio do Aljube, em Lisboa, e um anónimo de Seia, que ganharam nove mil contos cada um. Na sessão desta semana, o segundo prémio do Totoloto recolheu seis nomes, cabendo a cada um deles o valor de 820 contos. Na edição da semana passada os jogadores que acertaram em cinco números tinham recebido apenas 70 contos.

Firmino escolhe "Não"

Firmino Miguel não será candidato à Presidência da República! A notícia estourou hoje, como uma bomba, nos meios que apoiavam a sua candidatura a Belém. Considerado ainda ontem como o provável candidato do PSD e do CDS, Firmino Miguel decidiu de repente dar uma machadada nos projectos de pessoas que viam nele o único candidato apto a fazer frente, com sucesso, à candidatura de Mário Soares. A decisão do actual vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas é considerada «irrevogável» e assenta em razões de ordem «familiar, profissional e política».

Pág. 5

Na Política de A a Z:

O general desistiu na Semana Santa

Pág. 3

Amanhã, vida nova no seu "DL"

O "Diário de Lisboa" completou ontem, domingo 7 de Abril, 64 anos de idade, mas só amanhã os celebra, com uma edição de 48 páginas que ficará a marcar um salto qualitativo na apresentação e arranjo gráfico do jornal.

Os leitores reconhecerão as nossas secções, os nossos conteúdos e o nosso estilo habituais, mas estarão, de facto, folheando e lendo um jornal mais jovem, mais claro na divisão dos seus assuntos e — sabemo-lo já — bem mais atraente.

Este novo "Diário de Lisboa" significa para nós, que diariamente o escrevemos e realizamos, um investimento na qualidade: assim satisfazemos a exigência — que a nós próprios impomos — de não deixarmos cair na rotina a tarefa de informar melhor todos aqueles que têm as suas razões para nos preferir.

A aposta a que nos entregamos a partir de amanhã reforçará as razões da preferência dos nossos leitores.

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

SOS CTC

OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA ● SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B ● R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

Se os jovens pudessem...

Manuel Paulo, 19 anos, estudante

'A nossa cultura é negativa'

– O que estuda?

– Estou a estudar música no Conservatório, e toco na Banda da Guarda (GNR).

– O que levou a interessar-se pela música?

– Acho que é de família, o meu pai é músico e foi ele que me influênciou.

– É possível viver-se da música, em Portugal?

– Se se trabalhar só num sítio, não. Por enquanto, como é só para mim, a Banda da Guarda dá, mas um dia que me case, então é pouco, terei que optar por uma orquestra.

– Faz-se «boa» música no nosso país?

– Não creio, acho que ela é um reflexo do País. Se vivêssemos num país desenvolvido, a música também o seria.

– As actividades musicais são apoiadas a nível estatal?

– Penso que não, está tudo muito abandonado, sem qualquer tipo de ajuda.

– Como está o País?

– Acho que está mal, vê-se em todos os aspectos, não há nada que esteja bem.

– Na sua opinião, porque chegámos a esta situação?

– Talvez por sermos um país em vias de desenvolvimento. Mas eu de política nãopercebedo nada, não é um assunto que me interesse.

– O que o leva a tomar essa atitude?

– Tenho mais coisas em que pensar, como por exemplo em música. Para mim ela é quase tudo, e por isso não perco tempo com mais nada, muito menos com política.

– Mas a política reflecte-se na música.

– Acho que sim.

– E isso não lhe desperta o interesse, não o leva a reagir?

– De certa forma sim, mas não tenho outra solução senão «desligar». Claro que posso reagir, mas isso não me adianta nada porque não sou eu que mando, e as coisas estão de uma maneira que quem manda não se interessa com os nossos protestos.

– Acha que é por essa razão que se verifica um crescente desânio na população portuguesa?

– Penso que sim, mas de qualquer forma ainda há quem reaja, e isso vê-se na participação das pessoas em manifestações.

– Se pudesse governar o que começava por mudar?

– Começava por modificar todo o nosso campo cultural, porque a cultura é o que um povo tem de mais importante.

– Como está a cultura portuguesa?

– Está mal. É capaz de haver pior, mas também há povos que a têm bem mais rica e diversificada. Acho que a nossa cultura é negativa.

– Porque afirma isso?

– Acho que ela é muito pobre e que lhe dão pouca importância. Basta ver como temos poucos museus, e como as pessoas não vão lá, porque não foram educadas nesse sentido.

RDA-RFA

Socialismo e capitalismo em confronto no caso dos "20 mil arrependidos"

Josué da Silva

O Governo da República Democrática Alemã está disposto a rever, caso por caso, o massivo pedido de regresso de 20 mil antigos cidadãos que, tendo optado em tempos por viver na RFA, pretendem agora voltar à sua terra natal. A prioridade, no entanto, segundo as vozes oficiais da RDA, será dada aos casais com filhos, visto considerar-se que «estas crianças não puderam escolher entre o viver em capitalismo ou em socialismo e não devem carregar uma culpa que pertence inteiramente aos seus progenitores».

Entretanto assiste-se à reacção da opinião pública da RDA acerca do chamado «caso dos 20 mil». Segundo muitas das opiniões expendidas em cartas e telegramas enviados aos órgãos de soberania da RDA e aos órgãos de comunicação, a grande maioria dos habitantes deste país contesta com sérias reservas o regresso dos referidos ex-cidadãos, fazendo severas críticas aos «arrependidos». Franka Aschmutat, trabalhadora da empresa popular berlinense de Moda para Senhoras, sintetiza no seu depoimento o que pensam regra geral os cidadãos da RDA sobre este assunto: «Não consigo compreender como é que pessoas que nasceram e viveram na nossa República e que puderam usufruir de todas as vantagens do socialismo, incluindo a da segurança no futuro dos seus filhos, tenham podido abandonar a sua pátria. Deixaram-se cegar pela lenga-lenga dos inimigos de classe e da nossa luta. Atendendo a tudo isto e também porque está em jogo a existência de famílias inteiras, não é nada fácil decidir sobre o caso».

No comentário que, no dia 8 de Março, antecedeu o espaço dedicado a estas declarações, o «Neus Deutschland», órgão do Comité Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, argumentou: «Foi evidente que muitos destes antigos cidadãos da RDA procederam na esperança de que a sua traição à pátria lhes touxesse privilégios especiais na RFA. Ora o socialismo e a RDA não são instituições de caridade para cavaleiros errantes fracassados que procuram no capitalismo apenas as suas vantagens pessoais. Cada um deles sabia que, sendo a sua escolha uma decisão definitiva, lhe ficaria interditos todos os direitos conferidos pelo nosso Estado».

Acresce ainda que, como a RFA continua a não reconhecer o direito de cidadania dos habitantes da RDA, os alemães que escolham viver na parte ocidental da Alemanha são automaticamente «transformados» em cidadãos federais. Numa situação como a que agora se criou, tal pormenor arrasta consigo, para além de muitas outras, complicações de ordem jurídica cujo destrinçar não é tão fácil como possa parecer à primeira vista.

As vozes da verdade

De que se queixam os «arrependidos»? Dos milhares de cartas recebidas pelo Comité Central do PSUA, Conselho de Estado, Conselho de Ministros e instituições oficiais locais e nas quais os 20 mil ex-RDAs colocam claramente as razões do seu apelo, cento e dez foram transcritas em resumos fidelíssimos no número do «Neus Deutshland» de 6 de Março. Vejamos, pois, em alguns desses resumos, as causas que determinaram a massiva decisão daquela gente;

Helga Baumann, 33 anos, profissional de escritório, desempregada, dois filhos (11 e 13 anos respectivamente), 6417, Hofbieber 7-Hessen: Quer voltar à RDA porque, afirma, foi enganada acerca das condições existentes na RFA. Hans-Dieter Bechrendt, 39 anos, esmaltador, 4600, Dortmund: Deseja volver à RDA porque desde há muito tempo que não encontra trabalho na RFA. Peter Bergmann, 44 anos, proprietário duma empresa de transportes, 1000, Berlim Ocidental, 36: Não vê sentido nenhum em viver com a família numa terra onde a insegurança é total. Bárbara Blasius, 39 anos, empregada hospitalar, dois filhos (20 e 18 anos), 6280, Weilburg-Hessen: Pretende regressar porque não vê qualquer futuro para os seus filhos na RFA. Hubertus Hackel, 37 anos, condutor de camiões e Karin Hackel, 29 anos, trabalhadora industrial, dois filhos (9 e 2 anos), 8754, Grossostheim-Bayern: Querem voltar visto que na RFA e contra o que lhes prometeram vivem na fronteira de um mínimo de sobrevivência e porque a senhora Hackel nunca teve trabalho. Heiko Hänsel, 21 anos, empregado de restaurante, 5000, Colónia: Quer regressar para fundar uma verdadeira família e poder viver sem medo do futuro. René Helmerich, 25 anos, trabalhador, 8269, Burgkirchen-Bayer: Considera péssimas as condições sociais da RFA e por isso pretende voltar à RDA. John König, 20 anos, serralheiroâmecânico, 5300, Bona: Não se podendo integrar nas actuais condições sociais da RFA e não tendo qualquer perspectiva profissional, quer voltar à RDA com a sua companheira. Martina Lochmann, 24 anos, educadora infantil, 1000, Berlim Ocidental, 45: Sente-se discriminada na sociedade capitalista na qual não tem quaisquer direitos. Hartmut Petzold, 33 anos, mecânico, 6360, Friedberg-Hessen: Foi enganado acerca da segurança social na RFA. Mesmo escolhendo trabalhos que ninguém quer fazer não encontra emprego e sente-se humilhado por viver da ajuda social. Wilfried Weber, 41 anos, médico, dois filhos (5 e 8 anos), 6114, Gross-Umstadt-Hessen: Quer voltar porque considera hoje que só na RDA poderá ter uma vida com perspectivas, em especial no que respeita à personalidade e futuro dos seus filhos.

Este é o tom geral das cartas enviadas pelos 20 mil. Como amostragem acerca duma certa verdade parecem-nos bastante elucidativas.

A máscara caída

Não o podendo de todo em todo ignorar, a Imprensa ocidental dedicou, igualmente, «uma certa atenção» ao «caso dos 20 mil». No entanto, é claro que os órgãos de comunicação da RFA e doutros países do «velho mundo» procuraram logo reduzir-lhe as dimensões e ocultar aquilo que o acontecimento põe definitivamente em evidência. A altissonância, espalhafato, generosidade e «objectividade» – carregadas de calúnia e de uma falta à verdade assustadora –, que os jornais, a rádio e a televisão dos países capitalistas costumam conferir a qualquer descontente dos países socialistas que resolva abandonar a sua pátria, desta vez não se fizeram ouvir. E, contudo, é de ver que o chamado «caso dos 20 mil» e mais a «massiva dissidência» de cidadãos puros RFA, que procuram na RDA e no socialismo o direito a uma vida condigna e um futuro sem sobressaltos, denunciam sem contemplações o irremovível cancro de um sistema que perde de forma definitiva o que até há pouco ainda lhe era possível manter: a fachada.

Na realidade e como que tentando apagar os gravíssimos factores da «revolta» operada entre os cidadãos da RDA que em tempos optaram por viver em capitalismo e da deliberada escolha de muitos milhares de homens e mulheres oriundos da RFA que já vivem ou pretendem vir a viver em socialismo, os «mass-media» ocidentais procuram dar ao assunto um tratamento que lhe empreste um ar folclorista e ocasional. O que não conseguem: na confrontação de hoje, entre um socialismo já adulto e um capitalismo em agonia não há máscara que resista.

De facto, para folclore e acaso, tudo é demasiado sério, segundo o que dos números podemos concluir. E se não repare-se: são os **próprios círculos oficiais** da RFA a confessar que entre 1964 e 1975 decidiram escolher a RDA para viver e trabalhar 33 536 pessoas oriundas da Alemanha Ocidental. Mais: entre 1975 e 1984 outros 14 314 cidadãos do «paraíso a ocidente», resolveram-se pela cidadania RDA. E há, nesta altura, o pedido de fixação na RDA de 13 mil pessoas nascidas na República Federal. Agora acrescente-se os 20 mil «arrependidos» e verifica-se como em poucos anos 88 000 mil indivíduos decidiram escolher entre capitalismo e socialismo. O que não é de admirar. Acabaram-se os paraísos e as pessoas ganham cada vez mais a consciência de que, em lugar das velhas e incosnsistentes miragens, têm à sua mercê um novo mundo. Um mundo real, e não fictício. O mundo da hombridade, do trabalho, e do progresso e da paz.

política de A a Z

O general desistiu na Semana Santa

FOI há muitos meses que o semanário «O País», suspenso para uma reestruturação que ameaça eternizar-se, revelou a disposição do general Mário Firmino Miguel para uma intervenção de natureza política na vida nacional. Segundo o jornal de José Vacondeus, que, com o general, mantinha relações corteses, este estaria disponível para uma candidatura à Presidência da República, desde que solicitado, e não recearia enfrentar, na campanha, um Mário Soares.

Esta disponibilidade do general Mário Firmino Miguel, antigo ministro e já então no topo das hierarquias militares, envolvia, como é compreensível, algumas condições. A primeira das quais era a credibilidade do suporte político da candidatura. embora esta, para uso público, assumisse o cariz da independência.

Nas últimas semanas a hipótese Firmino Miguel ganhou forma e força. A maioria do PSD apostava no general para protagonizar a candidatura «independente e autónoma» para a qual o referendo partidário apontou. O dr. Francisco Lucas Pires, não se comprometendo em nome do CDS, nem no seu próprio nome, considerou, todavia, o general Firmino Miguel um candidato forte. E no seio do PS, o «civilismo» de doutrina e o «soarismo» de dedicação tiveram uma primeira crise: Firmino Miguel apresentava-se como um forte candidato e não parecia excluída a possibilidade da sua candidatura morder na base eleitoral do Partido Socialista.

Um potencial candidato civil, o dr. Francisco Pinto Balsemão, defendeu publicamente a candidatura Firmino Miguel, e, segundo consta, promoveu contactos do general e com o general. A tendência «Nova Esperança» sem desistir do seu «candidato de projecto» escolhido entre militantes do partido, deixou empalidecer a estrela de Alberto João Jardim. As diligências de aproximação e de consulta em que o dr. Rui Machete se empenhou, revestiam um aspecto convencional. O general Firmino Miguel subia no horizonte das eleições presidenciais. Desenhava-se a perspectiva triangular: Firmino Miguel, Mário Soares, Maria de Lourdes Pintasilgo. Mário Soares entalado entre uma candidatura de «centro-direita» ou de «direita-centro» e uma candidatura de «esquerda». Mário Soares correndo o risco de não chegar a uma segunda volta.

E havia a «área eleitoral APU». E havia a «área eleitoral eanista» a distinguir, por razões óbvias, da «área eleitoral» de Maria de Lourdes Pintasilgo, e controlada, ou controlável, pelo novo partido: o PRD.

Aqui atingimos uma encruzilhada. Por um lado o general Mário Firmino Miguel, disponível, para um combate eleitoral que atribuísse ao PSD a hegemonização do processo político, não estaria disposto a repetir a aventura do general Soares Carneiro. Nem queria ser o Presidente da República anti-Abril que Soares Carneiro se dispunha a ser; nem queria apresentar-se às Forças Armadas como o protagonista de um processo político de regresso e de restauração. Pesou na desistência do general, já comunicada ao presidente do PSD, dr. Rui Machete, a consideração das suas relações na sociedade castrense e o desejo de não se incompatibilizar com a «renovação» da Democracia e da vida política que o «movimento eanista» se propõe realizar.

O general Firmino Miguel gostaria de contar – segundo nos dizem – com o apoio negociado ou com a táctica luz verde do general Ramalho Eanes; gostaria de ter a garantia de que, nas Forças Armadas, a sua candidatura emergiria como um sinal de responsabilização dos militares na vida pública, e não como um factor de divisão, de agitação política, de partidarização.

Não tendo surgido um apoio não-partidário civil significativo à sua candidatura «independente e autónoma», tendo sido referida a necessidade de um «contrato político» que garantisse «o partido», ou «os partidos» que o apoiariam, o general Firmino Miguel compreendeu que iria sacrificar a sua carreira militar e na futura situação presidencial iria ser um instrumento político.

E por maior que fosse o seu empenho em manter-se «independente e autónomo», ficaria, inevitavelmente, vinculado a «partidos» e a «eleitores». Ficaria nas mãos dos dirigentes partidários, e, segundo todas as probabilidades, sem poder e sem poderes para se lhes impor.

A candidatura Firmino Miguel, de uma curiosa afirmação de disponibilidade pessoal, evoluiu, a contragosto do próprio, para um negócio interno e regateado no seio do PSD. Exigia na concepção do PSD, uma negociação com o CDS. Exigia, na concepção que parece ter sido a de Firmino Miguel, um entendimento com os «eanistas» ou concordância de Eanes. E nessas negociações, e muito mais nas manobras interiores do PSD, o general não terá querido desgastar o seu prestígio profissional e comprometer a sua carreira militar.

A sua «desistência», ou «recusa», vem criar uma situação difícil aos dirigentes do PSD. É uma derrota para o dr. Rui Machete.

Tudo leva a crer, porém, que outro candidato virá desempenhar o papel que fora atribuído ao general Mário Firmino Miguel.

Outro militar?

Um civil?

Não tardará que se saiba quem é o «candidato» que se segue.

ponto a ponto

O **Presidente da República** presidiu no sábado, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, às comemorações do 600.º aniversário da Batalha de Aljubarrota. Na sessão solene estiveram presentes o vice-primeiro-ministro, o ministro da Cultura, em representação de Mário Soares, e o ministro da Administração Interna. Lemos Ferreira bem como os chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas estiveram igualmente presentes. As autoridades eclesiásticas foram representadas pelo bispo de Leiria. Durante a cerimónia, Rui Machete afirmou que «é nos momentos difíceis que se conhece a têmpera dos homens e dos povos» e recordou a «importância dicisiva da batalha de Aljubarrota na sobrevivência e afirmação de Portugal».

•

O bispo de Coimbra, **D. João Alves**, afirmou ontem, na Sé Episcopal, que é preciso «tornar o mundo uma verdadeira morada de paz, de fraternidade e de justiça». D. João Alves, que proferia a homilia da Páscoa, exortou os cristãos a um maior empenhamento nas transformações necessárias. «Em tempo de tão grande crise de valores o discípulo de Cristo ressucitado há-de ser o mais comprometido na construção de uma sociedade justa, fraterna e pacífica», sublinhou D. João Alves. Também o bispo do Porto, D. Júlio Rebimbas, afirmou que «o homem de hoje não é livre, sendo na medida em que o diz e o proclama, e mesmo assim nem sempre». «As pessoas apostam no aumento do prestígio, na liceidade de tudo, na mudança segundo os pontos de vista próprios e os interesses pessoais», concluiu.

•

Cerca de 200 **autarcas socialistas** participam no próximo sábado na convenção autárquica organizada pela distrital de Faro do Partido Socialista. O encontro, que se realiza no Vale de Lobos contará com a presença de dirigentes locais, regionais e nacionais do PS. Entre os assuntos a debater consta a «estratégia eleitoral autárquica socialista para 1985, no Algarve». Da agenda faz ainda parte uma reflexão sobre os «dez anos de poder local democrático e perspectivas para o futuro». A convenção tem vindo a realizar-se anualmente e traduz-se no maior encontro dos autarcas socialistas da região algarvia.

•

Está já formado um consórcio internacional para exploração das jazidas de petróleo e gás natural nas águas de **Timor-Leste**, afirmou em Lisboa a Comissão para os Direitos do Povo Maubere. Empresas da Austrália, Japão, Estados Unidos e Indonésia fazem parte desse consórcio. Entretanto os governos australiano e indonésio continuam em negociações sobre a delimitação da fronteira marítima sul da ilha de Timor. As jazidas de petróleo e gás natural de Timor-Leste são consideradas das maiores do mundo, recordou a mesma fonte, segundo a qual a diplomacia portuguesa deveria impedir que australianos e indonésios negociassem entre si as riquezas daquele território.

•

O presidente do Governo Regional da Madeira, **Alberto João Jardim,** declarou a um quinzenário de Lisboa que Portugal «não deve ser o mandatário da política norte-americana em África». Em entrevista concedida ao «África Jornal», Jardim acrescentou que Portugal não deve consentir no seu território acções que ponham em causa a segurança de Angola, de Moçambique ou da África do Sul. Ao explicar que se sente «geograficamente africano, mas culturalmente europeu», Jardim comentou: «A Madeira fez uma opção portuguesa. Oxalá que nunca tenha que se arrepender».

O aperitivo Porto branco

Luís de Carvalho e Oliveira

O vinho do Porto branco estava a ter saída como aperitivo, dos mais saborosos e apreciáveis. Ligeiramente fresco, numa tarde de Verão, antes do jantar, o vinho do Porto branco é uma delícia. E, porque assim é, constitui um rival de outros aperitivos explorados por grandes multinacionais, vermute, cinzano, etc. Em 1982 saiu uma insólita portaria que determina entre muitas coisas más que só sejam autorizadas plantações para produção de vinho do Porto tinto de cinco castas que a mesma indica. Exclui-se assim directa, propositada e descaradamente a enxertia de qualquer casta branca para produção de vinho do Porto branco. É extremamente difícil dar uma explicação para o facto por qualquer via técnica ou comercial a não ser a intenção deliberada de excluir do mercado nacional e internacional, a curto prazo, esse terrível concorrente que tal vinho do Porto constituía como aperitivo.

Perguntar-se-á porque acontece assim, qual a génese de tal decisão ministerial, que forças imperam sobre Portugal e principalmente sobre o Governo português para que saia um diploma legislativo com uma enormidade tão lesiva do interesse regional do Alto Douro e do interesse nacional, já que todo o vinho do Porto constitui um grande peso na exportação e, portanto, uma grande fonte de divisas estrangeiras. É difícil dar uma explicação para isto a não ser mesmo a subordinação já com aspectos de nítida imoralidade e repugnância a que o País está sujeito e a que se sujeitam os governos, obedecendo a uma possível instrução ou ordem de quem mais pode e mais manda neste País em vias de perda total de independência, já que, por fracções, como no caso presente, a vai perdendo aos poucos e poucos.

Está revelado à evidência que há uma grande riqueza a produzir no Alto Douro em benefício da própria região e do País pela entrada mínima e cada vez mais restrita e cada vez mais limitada aos interesses de alguns contra os interesses da grande maioria dos produtores de vinho do Porto. A venda de vinho do Porto em 1983 atingiu catorze milhões e meio de contos. Poderia atingir muitas vezes este quantitativo. Fundamental era que, quebrando-se as algemas de exclusivos concedidos a certas empresas exportadoras, outras pudessem exportar e ocupar mercados estrangeiros – que conquistados estão eles como revelam as imitações e falsificações vendidas sob o rótulo de vinho do Porto por esse mundo fora.

Mas cada vez que se fala no sector do vinho do Porto cravam-se os interesses dos grandes na região para nela açambarcarem a maior soma de território no qual por via legal ou ilegal plantam vinhedos para produção de vinhos que preencham os seus interesses de exportadores. Quanto a apontar para um caminho de interesse nacional que seria o da exportação, as iniciativas aí falecem. É que parece haver uma estratégia das grandes empresas, a maior parte multinacionais, consistente em, numa primeira fase, açambarcar a produção e numa outra fase tratar da comercialização, ficando esta sempre sobordinada aos seus interesses de produtores para o ganho da cepa ao cálice, procurando excluir dela todos os pequenos e médios produtores como o fez já por via legislativa Basílio Horta através duma portaria de 1982.

E assim se vai dizendo que Portugal é um país pobre quando, como neste caso especial se vê, não é rico, não torna uma das suas regiões próspera e produtiva apenas porque a subordinação a interesses preponderantes proíbe que toda a região produza vinho do Porto, não impondo a sua exportação ou não criando condições para que essa exportação se realize na escala de toda a possível produção. Entretanto, outros se aproveitam do nome do vinho do Porto colocando no mercado imitações e falsificações.

Para já elimina-se o aperitivo Porto branco e limita-se a produção do tinto.

E assim vamos reduzindo o que podemos produzir para depois sermos embalados com a cantata de que Portugal é um país pobre – para o português, não para os estrangeiros que nele têm os olhos postos.

"Tem-te uma simples formiga que eu contemple"

Pedro Alvim

Por lapso técnico, na última edição do nosso suplemento literário «DL Ler/Escrever», saiu sem indicação de livro a publicar oportunamente, um texto em seis partes intitulada **Tem-te uma simples formiga que eu contemple.**

Autores do livro: quem esta nota assina e Ana Paula Portugal, presentemente professora de Filosofia em Bragança.

É óbvio que, isenta da referida indicação, o texto poderá ter alarmado quer alguns dos nossos leitores, quer gerado nos familiares dos autores do livro alguma confusão dolorosa. E isso porque tratando o romance (pois que é um romance o livro em questão) do problema do suicídio, quem porventura se debruçou sobre a mínima parte publicada, poderá ter concluído que os dois autores alimentam o propósito de se despedir, como diria Ruy Belo, da «terra da alegria».

O caso, no entanto, não é esse: ao longo do livro procede-se a um minucioso exame do acto de se pôr termo à vida, partindo ora de posições assumidas em dois diálogos de Platão, ora (nomeadamente) do «Livre Arbítrio» (Livro III), obra filosófica de Santo Agostinho. Ambos aqueles autores clássicos, e por motivos muito diversos, condenam o suicídio, acto que só ganhou foros de liberdade absoluta em Sartre, nas conhecidas páginas de «L'Être et le Néant».

«Tem-te uma simples formiga que eu contemple» (que até poderá não ser publicado por um muito grande intimismo que revela), é, pelo contrário, um livro que apela à vida, em que se aposta no Ser e nunca no Não-Ser. Claro que as personagens do romance, porque em certos momentos da sua existência não foram encarados como seres humanos e sim tratadas como simples bonecos, não deixaram de pensar uma ou duas vezes no fim do seu sangue quente. Mas...

Mas aconteceu que uma grande Ressurreição se operou em suas vidas – e, então, ora esta personagem, ora aquela personagem, não mais tentaram desistir de estar na terra (embora tudo seja relativo) e sempre que, por exemplo, bebiam um simples copo de água, tinham-se uma à outra, embora tocadas de dor e de mágoa. Vivemos, amamos e morremos: e sempre nos tem (é a vida) uma simples formiga que contemplemos.

comunicação social

Cândido de Oliveira

Busto inaugurado na terra natal

A inauguração de um busto de Cândido de Oliveira, um dos fundadores do jornal «A Bola», assinalou o encerramento da homenagem promovida pela Vila de Fronteira, sua terra natal.

O busto foi descerrado na zona desportiva da localidade, que passou a ter o nome de Cândido de Oliveira, após ter sido descerrada uma lápida na casa onde nasceu.

Na cerimónia de inauguração usaram da palavra o chefe de Redacção do jornal «A Bola», Vítor Santos, o presidente da Câmara de Fronteira, João Luís Semedo, e um familiar de Cândido de Oliveira.

A homenagem iniciou-se em Novembro de 1984 com diversas iniciativas desportivas e culturais com o apoio da Câmara local e da Direcção-Geral dos Desportos de Portalegre.

«Mestre» Cândido, como era conhecido, faleceu em 1958, na Suécia, distinguindo-se como jornalista desportivo, jogador e treinador de futebol, nomeadamente da Selecção Nacional, onde chegou a ocupar o cargo de seleccionador, tendo sido autor de diversos trabalhos de temática desportiva.

Democrata convicto, pelos seus ideais e posições, foi preso pela PIDE, chegando mesmo a ser deportado para o Tarrafal.

Setúbal saúda "Diário de Lisboa"

«A Câmara Municipal de Setúbal saúda o «Diário de Lisboa» e todos os seus trabalhadores por ocasião da passagem do seu 65.º aniversário ocorrido domingo passado» – assim se exprime aquela autarquia, adiantando-se a todas as outras (e sem desprimor para nenhuma) à efeméride.

Acrescenta ainda o Município setubalense que «deseja a todos quantos aqui trabalham os maiores êxitos na luta por uma informação digna e livre, bem como o pleno sucesso do 'DL'».

Gratos – dizemos todos nós.

"A Imprensa e a Defesa"

Maior constância dos assuntos nacionais mas o relevo vai para os internacionais

— *conclui estudo publicado no "DN"*

«A Imprensa portuguesa demonstra uma relativa disponibilidade para inserir matéria informativa sobre questões de defesa ou militares» embora se «limite a reproduzir a informação veiculada pelas agências noticiosas ou Serviços de Imprensa das Forças Armadas». Estas são duas das conclusões de um estudo sobre a «Imprensa e Defesa» realizado para o Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, com o patrocínio do Ministério da Defesa Nacional, e que hoje começou a ser publicado no «Diário de Notícias».

O estudo elaborado pelo jornalista Luís Delgado e a advogada Dulce Aleixo dá conta do modo como os assuntos de Defesa a nível nacional e internacional são tratados pela Imprensa portuguesa, tendo para tal analisado cinco jornais diários («Diário de Notícias», «Jornal de Notícias», «Diário de Lisboa», «O Diário», «A Tarde») e cinco semanários («Expresso», «Jornal, «Semanário», «O Tempo», «O Diabo»), durante o mês de Julho de 1984.

Segundo os autores do presente estudo, a disponibilidade demonstrada pela Imprensa portuguesa incidé, fundamentalmente, sobre «os aspectos sociais e políticos» das questões militares e nomeadamente sobre as «actividades das Forças Armadas com algum aparato visual». «Apesar desse interesse – acrescentam – a Imprensa concede, por regra, pouco relevo a essas questões». Quanto aos assuntos de Defesa a nível internacional, eles merecem, pelo contrário, «sempre um maior destaque».

Por outro lado, e conforme já referimos atrás, estas questões são abordadas «sem tratamento informativo» ou seja, a Imprensa não se dedica «a um trabalho de investigação ou de análise sistemática sobre a defesa ou assuntos militares». A análise de 176 exemplares de jornais e um inquérito a jornalistas permitiu ainda aos autores do estudo determinar os temas de Defesa preferidos pela Imprensa. Entre estes contam-se os já citados – relacionados com o «aparato visual» ou seja, celebrações, comemorações, etc. – e, com maior destaque, mas menos vezes noticiado», aparece o material informativo referente a actividades de carácter pacifista».

«A nível nacional, as questões menos referidas prendem-se com as relações entre Portugal e a NATO». No campo internacional, são as relações Leste-Oeste «os temas mais vezes referidos» e «com maior relevo pelo conjunto da Imprensa analisado».

Os autores do estudo concluem ainda que «o 'Diário de Notícias' se mostrou o jornal mais equilibrado no destaque concedido às matérias informativas nacionais e internacionais». «Pelo contrário – acrescentam – o 'Diário de Lisboa' e o 'Jornal de Notícias' aparecem com um significativo número de notícias de Defesa nacional de pouco destaque». Por outro lado, é «também o 'Diário de Lisboa' que, a nível internacional, dá muito destaque ao material que insere».

O estudo recomenda também a «criação de um serviço de Imprensa que estabeleça e mantenha as relações entre os órgãos de Comunicação Social e instituições de defesa civis e militares».

Igreja prepara-se para intervir na campanha presidencial

O bispo auxiliar de Lisboa afirmou ontem que a Igreja «terá certamente uma palavra a dizer» se nas eleições presidenciais ou parlamentares «as candidaturas forem portadoras de projectos contrários aos projectos essenciais da Igreja Católica». Em entrevista ao programa «Nem mais nem menos» da Antena Um, D. José Policarpo manifestou-se «céptico quanto às candidaturas de projecto».

«Acredito pouco, hoje, que uma personalidade ou mesmo um partido seja capaz de apresentar, sozinho, um projecto viável e válido que possa ser um projecto da Nação portuguesa» – disse D. José Policarpo para concluir que «falta a Portugal um projecto colectivo, dinamizador, envolvente, em que todos se possam identificar no essencial». Afirmou também que «os portugueses têm de ser chamados a participar muito mais numa crítica e num juízo do que é a sua história, o seu presente e o seu futuro».

«Esse projecto ainda não aconteceu e não creio que seja na próxima campanha presidencial que ele aconteça», sublinhou o bispo auxiliar de Lisboa. Quanto à posição política da Igreja, D. Policarpo disse que «a Igreja é na sua própria realidade um facto político», mas que «não lhe convém, no entanto, tomar posições partidárias».

«A ela (Igreja) interessa influenciar a política», disse o bispo para acrescentar que em relação ao Estado e à sua concepção a «Igreja tem algo a dizer e muito».

Interrogado sobre o novo discurso da Igreja Católica, D. José Policarpo afirmou que «isso não obedeceu a uma estratégia definida» e que a mudança, «se realmente existe, é o reflexo de uma Igreja inserida, participante, que procura estar atenta aos verdadeiros problemas».

Política da "Língua Portuguesa"

Uma delegação cultural na Guiné-Bissau

O dr. José Fernandes Fafe, embaixador itinerante encarregado de promover relações culturais com os países de expressão oficial portuguesa, partiu para a Guiné-Bissau com uma delegação constituída pelo dr. Diogo Pires Aurélio e a actriz Madalena Pestana. A delegação integrava, igualmente, o professor doutor Lindley Cintra que, por razões de saúde, não seguiu viagem, sendo o dr. José Fernandes Fafe o portador do texto da autoria do professor Cintra que se destina à apresentação, na Guiné-Bissau, na «Nova Gramática do Português Contemporâneo». São autores da «Nova Gramática do Português Contemporâneo», os professores Lindley Cintra e Celso Cunha.

As palestras sobre a «Nova Gramática» e outra sobre a Literatura Portuguesa Contemporânea, está a cargo do dr. Diogo Pires Aurélio, serão ilustradas com leituras de textos por Madalena Pestana. Os textos que ilustrarão esta intervenção cultural são dos autores seguintes: Luandino Vieira (Angola) Manuel Bandeira (Brasil), Baltasar Lopes (Cabo-Verde), Agnelo Regalla (Guiné), José Craveirinha (Moçambique), Camões (Portugal), Francisco José Tenreiro (S. Tomé e Príncipe).

Lucas Pires defende

Portugal deve ser responsável pela cooperação com África

No âmbito da CEE, Portugal deveria ser responsável pela cooperação com África, defendeu o líder do CDS, Lucas Pires, numa conferência de imprensa promovida pelo seu partido que contou com a presença de deputados conservadores no Parlamento Europeu.

Para justificar tal pretensão, Lucas Pires salientou que Portugal «é o País europeu mais africano» e que a assunção de tal função significaria «uma forma do nosso retorno, ainda que indirecto, a África».

Quanto à adesão às Comunidades, o dirigente centrista defendeu uma valorização da «nossa aliança com a Inglaterra» como forma de «garantia da nossa independência no interior da CEE».

Por seu lado, o presidente da delegação inglesa, Sir James Scott-Hopkins, disse que a sua vinda a Portugal tinha como objectivo «estudar as melhores formas de cooperação» com o CDS.

Afirmou também que a troca de informações entre os conservadores europeus e o CDS poderá «tornar-se muito útil uma vez que Portugal terá brevemente deputados seus no Parlamento Europeu».

A delegação, que integra também conservadores de outros países, seguiu ontem para o Norte do País onde visitará diversas unidades industriais.

Lucas Pires anunciou, entretanto, que irá, em Maio, a Londres para participar numa reunião da União Democrática Internacional (UDI) em que apresentará um relatório sobre África. Este relatório será sujeito, em Junho, à aprovação em nova reunião da UDI, desta vez a realizar em Nova Iorque.

AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL

GP PORTUGAL FÓRMULA 1

DIAS 19·20·21 DE ABRIL DE 1985

BILHETES

Bancadas	Sexta-Sábado	3 Dias	Domingo
A	5.600$00	12.000$00	9.000$00
B		7.500$00	
C	4.200$00	11.000$00	7.000$00
D	3.000$00	6.500$00	5.000$00
E	3.000$00	6.500$00	5.000$00
E (preços reduzidos)	900$00	1.900$00	1.500$00
F	3.600$00	7.800$00	6.000$00
GERAL SUL	2.000$00	4.000$00	3.000$00

PREÇO ESPECIAL PARA SÓCIOS 7 500$00

À VENDA NO AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL, SEDE, SRN E DELEGAÇÕES:

LISBOA — Rua Rosa Araújo, 49
PORTO — Rua Gonçalo Cristovão, 2
COIMBRA — Av. Navarro, 6
AVEIRO — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 89/D
BRAGA — Av. da Liberdade, 466 — 1.º Dt.º
FARO — Pç. D. Francisco Gomes

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que no Conselho Administrativo desta Direcção — Av. Infante Santo, 49, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO PÚBLICO N.º	DESIGNAÇÃO	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS DATA	HORA
10/85-Mat	AQ. SOB. MAGIRUS 178D	2,5% do valor da proposta	14MAI85	15H00
13/85-Mat	SENSORES REMOTOS		14MAI85	16H00

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 às 17 horas.

As propostas devem ser entregues até às 17 horas do último dia útil anterior ao da abertura de propostas.

O PRESIDENTE DO C.A.

FERNANDO JOAQUIM SILVA PONTES

Major de A.M.

Adesão à CEE poderá ser fracasso

— diz a imprensa da RFA

Industriais e políticos alemães-federais são unânimes em considerar que o êxito da Comunidade dos «12» depende da capacidade da CEE para acelerar reformas internas e dos governos espanhol e português para modernizarem as respectivas economias.

«Para a Espanha e Portugal, a adesão será inevitavelmente um fracasso se não fizerem um esforço significativo para acertarem o passo com os seus futuros parceiros comunitários tornando os seus mercados mais abertos e os produtos mais competitivos» afirmam círculos empresariais da RFA.

Funcionários governamentais, por seu turno, consideram igualmente de profundas reformas no seio da CEE nos planos institucional, financeiro, industrial, tecnológico e agrícola.

O gabinete cristão-liberal presidido pelo chanceler federal Helmut Kohl entende que a entrada dos dois Estados ibéricos «tem de coincidir com novos impulsos» visando o reforço da unidade europeia.

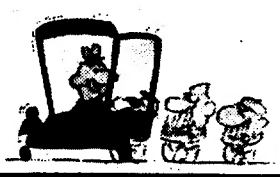
Em diversos departamentos governamentais, em Bona, está a ser preparada a cimeira dos chefes de Estado e de governo da CEE, em Junho, em Milão, onde deverão ser analisadas propostas para a reforma da organização.

Entretanto, círculos da indústria manifestaram-se confiantes de que a entrada na CEE irá provocar a resdescoberta de Portugal para os investidores estrangeiros. «A adesão à CEE constitui um factor psicológico importante que não deixará certamente de actuar sobre quem ficou céptico em relação a Portugal depois das nacionalizações de 1975», acentuou. O fundamental em matéria de reformas terá no entanto de partir dos actuais dez estados membros, os grandes responsáveis pelo imobilismo de que a CEE deu provas nos últimos cinco anos.

A simplificação do processo de decisões no Conselho de Ministros e o alargamento dos poderes do Parlamento Europeu são as duas principais sugestões da comissão «ad-hoc» para as questões institucionais encarregada de estudar a reforma da Comunidade.

Contrastando com o optimismo do governo alemão-federal, em Bona, os observadores consideram difícil um rápido acordo sobre as propostas por serem ainda grandes as divergências entre os «Dez». Simultaneamente a reforma institucional não terá êxito, segundo os especialistas, se os «Dez» não conseguirem nos próximos meses fazer mais progressos para a redução dos excedentes agrícolas, problema que será agravado com a integração de Portugal e da Espanha no mercado agrícola comum.

POUPE COMBUSTÍVEL



"Bomba" no PSD e CDS. E agora?...

Firmino Miguel volta costas à corrida presidencial

Considerado ainda ontem como o provável candidato presidencial do PSD, CDS e, inclusive, parte do eleitorado do general Ramalho Eanes, Firmino Miguel anuncia hoje a sua recusa em entrar na corrida para Belém. Na base dessa recusa, motivos de ordem «familiar, profissional e política».

A notícia da recusa de Firmino Miguel, publicada pelo «Diário de Notícias» na sua edição de hoje, caiu como uma bomba no seio dos partidos que se preparavam para o apoiar nas próximas eleições presidenciais.

A recusa de Firmino Miguel deixa o PSD sem candidato

Francisco Pinto Balsemão, um dos grandes defensores da candidatura do general, «lamentou» a decisão embora declare que a «compreende». Para Pinto Balsemão, e segundo se deduz de declarações suas feitas ao «Diário de Notícias», é compreensível que o general Firmino Miguel tenha optado por não se candidatar dada a «auto-exclusão» de demasiados dirigentes sociais-democratas de qualquer responsabilidade na futura campanha. Pinto Balsemão acrescenta que «no CDS, a alternativa surgiu, também antes e depois, com espantosa rapidez».

As palavras do ex-primeiro-ministro trazem à tona os «fundamentos» políticos da recusa do general Firmino Miguel em se candidatar à Presidência da República. Com o PSD dividido entre «militaristas» e «civilistas», com o CDS a meio caminho entre um candidato próprio e um candidato militar comum ao PSD Firmino Miguel terá considerado fracas as suas possibilidades de ser eleito.

Aliás, e segundo o «Diário de Notícias», a intranquilidade do general era patente, perante os resultados «muito divididos» do recente referendo do PSD e a indefinição por parte do CDS. No que toca aos democratas-cristãos, o matutino acrescenta que Firmino Miguel «contava com o apoio claro de Lucas Pires mas não possuía indícios de que o mesmo sentimento fosse generalizado às estruturas directivas do partido centrista».

Última palavra?...

Aos motivos de «ordem política» acrescentam-se os de «ordem familiar e profissional». Se, por um lado, Firmino Miguel encontra a nível familiar «insistências no sentido de não se candidatar, por outro, considera a sua carreira militar «longe de estar terminada».

Tomada a decisão, antes do prazo que a si próprio fixara, Firmino Miguel informou o líder do PSD, Rui Machete, e escreveu cartas a várias personalidades que apoiavam a sua candidatura.

Embora a decisão assuma os contornos do irrevogável, alguns dos apoiantes da sua candidatura consideram que «este pode não ser a última palavra do general Firmino Miguel». É o caso de Silva Marques, membro da Comissão Política do PSD e um dos mais se distinguiu no apoio à candidatura Firmino, que em declarações feitas esta manhã ao «DL» considera: «Para mim, a atitude do general devemos torná-la como um teste às forças políticas, à própria instituição militar e, sobretudo, ao próprio país».

As palavras de Silva Marques – repita-se: um dos que mais se distinguiram nas hostes sociais-democratas no apoio à candidatura Firmino Miguel –, podem traduzir uma certa realidade. Ele, que participou em várias reuniões com o general, deve conhecer as linhas pelas quais Firmino Miguel se rege.

Seja como for, parece lícito afirmar que Firmino Miguel vai continuar a sofrer pressões para se candidatar, nomeadamente por parte de um PSD cuja direcção entende que, sem o general, são nulas as suas possibilidades de encontrar um candidato que possa fazer frente com sucesso à candidatura de Mário Soares.

«Análise errada»

Se Pinto Balsemão «lamenta» a decisão de Firmino Miguel e se Silva Marques acredita que «esta pode não ser a sua última palavra», outros sectores do PSD quase se regozijam com a vontade do general em dizer não à corrida presidencial.

José Miguel Júdice, dirigente social-democrata que ainda não há muito tempo previu esta situação – «vai ser bonito: voltámo-nos para um general que, depois de ver que não tem possibilidades de vitória, desiste e à última hora nos deixa sem candidato...» –, encara a recusa do general como a consequência dos «riscos» que o PSD assumiu ao escolher um candidato «não filiado no PSD».

Em declarações ao «Diário de Notícias», José Miguel Júdice considera ainda que «com tudo isto, a situação não é prejudicial ao PSD». O dirigente social-democrata entende igualmente que «as pessoas que brandiram a candidatura do general Firmino (...) fizeram uma análise tão errada da situação política que só agora acabam por verificar que não havia condições para lançar essa candidatura».

Imprensa estrangeira

A notícia de que Firmino Miguel decidiu voltar costas à corrida para Belém desmente outras vindas a público ainda ontem na Imprensa internacional.

O diário madrileno «El País» apresentou na sua edição de ontem Firmino Miguel como «provavelmente um dos principais adversários de Mário Soares nas eleições presidenciais de Dezembro próximo». Para o «El País», Firmino Miguel contaria com o apoio do PSD, CDS «e inclusive parte do eleitorado do general Ramalho Eanes».

Também o diário alemão «Frankfurter Allgemeine» se referiu sábado às candidaturas de Firmino Miguel e Mário Soares. «São más as perspectivas de Mário Soares ser eleito pois (...) entre o general Firmino Miguel, à direita, e a católica pacifista Maria de Lourdes Pintasilgo, à esquerda, Mário Soares poderia ficar em terceiro lugar na primeira volta, não conseguindo atingir a segunda volta presidencial», lê-se no «Frankfurter Allgemeine».

MESA DL

Amanhã

ZITA SEABRA

Amanhã, à mesa "DL" da nossa edição do 64.º aniversário, a deputada comunista Zita Seabra fala do seu partido, das mulheres e suas lutas na sociedade portuguesa, de si própria... e do 14 de Julho — uma data que este ano, em Portugal, adquire um significado extremamente importante e invulgar.

Dois anti-reumáticos já mataram dez mil

Ciba ataca 'Tanderil' por pressão dos consumidores

A multinacional farmacêutica suíça Ciba-Geigy anunciou ontem restrições à venda de dois anti-reumáticos vendidos em todo o mundo, incluindo Portugal, por acarretarem efeitos secundários elagadamente mortais.

Os dois produtos, a Butazolidina e o Tanderil, teriam causado mais de 10 mil mortos em todo o mundo, segundo dados de associações de consumidores suecos e norte-americanas, em cerca de 200 milhões de pacientes que se tratam actualmente com aqueles medicamentos.

A Ciba-Geigy, a segunda multinacional farmacêutica do mundo, anunciou ter comunicado aos médicos, farmacêuticos e autoridades sanitárias em todo o mundo novas restrições no uso da Butazolidina e a interrupção da venda do Tanderil de ingestão por via oral.

Após mais um ano de polémica a nível internacional, alimentada pelas associações de consumidores, a Ciba-Geigy disse que esta decisão foi tomada «após um severo e cuidadoso exame dos dados actualmente disponíveis sobre o uso médico e o valor terapêutico» dos dois produtos.

«A implementação desta decisão vai iniciar-se imediatamente e estará completada no terceiro trimestre de 1985», disse um comunicado da Ciba-Geigy.

«Não existem riscos imediatos para a saúde dos pacientes sob tratamento. Recorde-se que ambos os medicamentos constituem uma medicação normal há décadas», prosseguiu.

A Butazolidina, um composto químico da phenilbutazona, e o Tanderil (oxyphenbutazona) foram imitados por várias outras firmas farmacêuticas desde que expiraram as suas patentes.

A Butazolodina e o Tanderil, foram introduzidos no mercado respectivamente em 1952 e 1960.

Funcionários da Ciba-Geigy afirmam ter repetidamente avisado os médicos e as autoridades sanitárias dos possíveis efeitos secundários perigosos desses dois produtos, e que o seu uso foi progressivamente adaptado à luz de novos dados relativos às reacções dos pacientes.

Os efeitos secundários mais perigosos, incluem um bloqueamento grave da formação de células sanguíneas, por insuficiência na produção da glóbulos vermelhos ou brancos.

Um relatório interno da Ciba-Geigy referia 1182 óbitos presumivelmente relacionados com o consumo de Butazolidina e Tanderil. Uma cópia do documento foi então divulgada por um neurologista sueco, Olle Hansson, um dos mais destacados críticos da indústria farmacêutica.

Sabugosa vai às urnas a 19 de Maio

A Câmara Municipal de Tondela, distrito de Viseu, deliberou marcar para dia 19 de Maio as eleições intercalares para a Assembleia de Freguesia de Sabugosa.

A Assembleia de Freguesia de Sabugosa foi dissolvida em fins de Fevereiro na sequência do pedido de demissão do presidente Joaquim Henriques, acusado pelo presidente da assembleia municipal de faltar ás reuniões deste órgão autárquico.

Solidarizando-se com o presidente da assembleia de freguesia, pediram a demissão os autarcas socialistas e independentes, o que originou a dissolução da assembleia.

Metade da população tem menos de 34 anos

Figueira da Foz: desenvolvimento passa por serviços estatais e turismo

O presidente do executivo municipal da Figueira da Foz, Aguiar de Carvalho, definiu os sectores de serviços e equipamentos que considera mais carenciados do concelho.

«Pretendemos a localização, na cidade, de serviços estatais, objecto de descentralização, e envolver a iniciativa privada em investimentos turísticos e na nossa zona industrial» – precisou.

O concelho da Figueira da Foz, com 355 quilómetros quadrados é o maior, em superfície, do distrito de Coimbra, sendo 150 ocupados por superfície agrícola, 170 florestal e 35 quilómetros por área urbana.

No que diz respeito à pirâmide etária, cerca de 52 por cento da população tem uma idade inferior a 34 anos, apresentando o concelho uma taxa de crescimento média anual de um por cento.

Com 60 mil habitantes e uma taxa de actividade de 37,4 por cento, a sua população activa distribui-se maioritariamente pelo sector secundário e terciário com o valor percentual de, respectivamente, 39,6 e 36,4.

No último recenseamento actualizado, de Maio de 1984, faltavam menos de mil eleitores para se atingir a barreira dos 50 mil.

Maioria PS

O Partido Socialista, nas últimas eleições autárquicas, obteve a maioria absoluta na Câmara e Assembleia Municipais e conquistou todas as Juntas de Freguesia do concelho, em número de treze.

Em consonância com aqueles resultados, a Câmara Municipal integra quatro elementos do Partido Socialista, sendo os três restantes do Partido Social-Democrata, Aliança Povo Unido e Centro Democrático Social.

Sobre o funcionamento global do executivo, Aguiar de Carvalho salientou «a cordialidade de relações entre todos os membros e a existência de um espírito de equipa que tem permitido superar os problemas quotidianos que surgem, numa base não conflitual e de perfeito entendimento.

Defendeu, também, a actual legislação eleitoral, que permite a eleição pelo método de Hondt para o executivo, como forma de «manter a transparência das forças políticas e a vontade real das populações».

Desde o 25 de Abril de 1974 e em todas as eleições autárquicas, o PS foi sempre o partido vencedor, pelo que, nestes quase doze anos, tem dominado politicamente o concelho, tanto no espaço urbano como na generalidade das zonas rurais.

Do ponto de vista económico, os últimos dados disponíveis referem que, na distribuição do Produto Interno Bruto (PIB), é dominante o sector secundário, com 83 por cento, assistindo-se a um aumento progressivo do terciário em detrimento do sector primário.

O Porto é fulcral

No subsector agro-florestal existem apenas 15 explorações com uma área superior a 20 hectares, enquanto mais de seis mil lhe são inferiores, sendo a superfície média de exploração agrícola de 1,5 hectares.

Nas pescas, em 1984, o peso bruto descarregado na lota atingiu as 23 mil toneladas, num valor superior a 1,25 mil milhões de escudos, sendo o número de embarcações existentes da ordem do meio milhar.

«O porto é uma das apostas do nosso desenvolvimento, pelo que se torna necessário o acabamento das infra-estruturas de equipamento, a continuação dos trabalhos de drenagem e a sua exploração racional 24 horas por dia» – disse uma fonte da Junta Autónoma.

«Logo que esta fase esteja concluída» – adiantou a fonte – «é possível encarar com optimismo a criação, no lado norte, de uma doca de recreio e de um conjunto de estruturas de apoio.»

Com 450 unidades industriais, a Figueira da Foz ocupa um dos primeiros lugares na relação valor acrescentado bruto/população, na Região Centro, e a quarta posição no mercado regional, sendo relevantes as duas unidades de celulose, situadas no sul do concelho.

Os dados relativos ao comércio referem a existência de 1490 estabelecimentos para cerca de 1200 trabalhadores, números que indicam uma débil capacidade de emprego e a sua configuração familiar.

O maior parque hoteleiro

Com cerca de 1800 camas e 22 unidades, a Figueira da Foz tem o maior parque hoteleiro da Região Centro e o único estabelecimento com cinco estrelas.

No âmbito do aproveitamento turístico, tem vindo a ser solicitada a abertura ao tráfego civil da Base Aérea de Monte Real, de modo a viabilizar o turismo durante todo o ano e a concretização do itinerário principal três (IP3), que liga a Figueira da Foz a Vilar Formoso.

Observando os investimentos autárquicos durante o actual mandato, constata-se que a maior fatia foi gasta em saneamento e salubridade, desenvolvimento económico e abastecimento público, habitação e urbanismo.

«Trata-se de, primeiramente, resolver os problemas básicos da população, pois sendo nós um concelho da Europa, não desfrutamos, ainda hoje, das vantagens que o progresso tecnológico trouxe à qualidade de vida dos cidadãos», acentuou o chefe do executivo.

«Sem aqueles investimentos» – prosseguiu – «inviabilizaremos toda e qualquer evolução qualitativa das condições existenciais e comprometeremos qualquer forma de desenvolvimento.»

No ensino, e para os 4500 alunos que frequentam os quatro estabelecimentos de ensino preparatório e secundário, é notória a inexistência de escolas superiores em domínios tão importantes como as pescas, a construção naval, hotelaria e educação.

Mais de uma centena de colectividades

Relativamente aos aspectos culturais, assinale-se a eficiência de mais de uma centena de colectividades, algumas das quais constituídas no século passado.

Para um centro urbano que em 1982 comemorou o seu primeiro centenário de elevação a cidade, é significativa a qualidade do museu, que procederá este ano, à abertura das novas salas de escultura religiosa e exposições itinerantes, enquanto sob a sua direcção prosseguem as escavações arqueológicas de Santa Olaia.

Entre as realizações anualmente mais divulgadas, é de salientar as Jornadas de Teatro Amador e a Gala dos Pequenos Cantores.

No património cultural, são relevantes as igrejas do Convento de Santo António e da Misericórdia de Buarcos e a capela da Senhora da Conceição, todas do século dezasseis, e ainda os Paços de Maiorca e Tavarede.

Na Casa do Paço, situada na parte baixa da cidade e construída nos finais do século dezassete, existe a maior colecção mundial de azulejos de Delet, de origem holandesa.

Longitudinalmente às marginais marítimas, existem, também, ass muralhas de Buarcos e o ex-líbris da cidade, o Forte de Santa Catarina, hoje afastado do mar cerca de 800 metros devido à construção do molhe norte – portuário.

Por tudo isto, fácil é concluir que a Figueira da Foz reúne condições significativas para o aproveitamento turístico e para o investimento, tanto no sector de serviços como no âmbito industrial.

VILA DO SEIXAL

Concelho do Seixal 25 de Abril

COMUNICADO À POPULAÇÃO

Festejar o 25 de Abril é um acto de juventude, de resistência e de esperança.

A Comissão Municipal para o Ano Internacional da Juventude – Comissão de Honra para as Comemorações do 25 de Abril, foi eleita a 7 de Março de 1985, em sessão plenária, na Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense.

A Comissão, reunida em 2 de Abril, em sessão de trabalho, entendeu por bem dirigir-se à população do Município para informar que o programa de iniciativas para as comemorações do 25 de Abril está prestes a ser concluído e divulgado.

Este ano, a avaliar pela mais ampla participação das organizações populares e de todas as restantes estruturas municipais, o 25 de Abril será festejado ainda com mais determinação e vontade.

Na verdade, o crescente empenhamento dos jovens na vida do Município tem insuflado a todas as iniciativas uma alma renovada que é justo salientar desde já.

Estamos certos, mais uma vez, que os festejos do 25 de Abril vão mostrar à evidência que a população do Município do Seixal, castigada pela política dos ministérios, jamais confundirá o 25 de Abril com quem tanto o tem atacado e denegrido.

Festejar o 25 de Abril é um acto de juventude, de resistência e de esperança.

Os trabalhadores festejam as suas datas mais queridas a pensar num futuro melhor.

A preparação das comemorações é já 25 de Abril.

PARTICIPA

A Comissão Municipal para o AIJ e Comemorações do 25 de Abril no Concelho do Seixal

Câmara Municipal do Seixal

BIBLIOTECA NACIONAL

NOVO HORÁRIO
(A PARTIR DE AMANHÃ DIA 9/4)

SÁBADO 9.15 — 13.00 H

(Leitura Geral e Leitura de Periódicos, mediante requisição prévia)

2.ª a 6.ª 9.45 — 20.00 h

(Todos os serviços de Leitura, requisição até 17 h)

A partir do próximo dia 15/4, entra em vigor um sistema simplificado de obtenção de cartão de leitor

INDC estabelece protocolos com associações de consumidores

Protocolos de colaboração para prestação de apoio técnico e financeiro, foram assinados pelo Instituto Nacional de Defesa do Consumidor (INDC) com a Cooperativa de Consumo «Novos Pioneiros» (Braga), Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO) e Associação Portuguesa de Utilizadores de Telefones, Telecomunicações e Telemática (UT3).

Nos termos dos acordos estabelecidos por ocasião do Dia Mundial dos Direitos do Consumidor, o INDC compromete-se a prestar apoio financeiro e técnico àquelas associações de consumidores, de modo a permitir a viabilização, durante o corrente ano, das acções constantes dos respectivos planos de actividades.

No caso dos «Novos Pioneiros», esta cooperativa compromete-se a facultar ao Instituto para divulgação, os resultados de estudos, ensaios e testes comparativos de bens alimentares.

O protocolo assinado com a DECO destina-se, essencialmente, a viabilizar a publicação regular da revista da associação, «Proteste» assim como o aumento da sua tiragem para oito mil exemplares.

Loteamentos urbanos: nova legislação há um mês em vigor (2)

Tutela do Governo até Março de 1988

Nos distritos de Lisboa, Setúbal, Evora, Portalegre e Vila Real o número de construções clandestinas chega a ser superior ao número das legais. Concentra-se no Sul, pois, o maior volume de construção não licenciada, segundo Isabel de Sousa Lobo que fez esta revelação bem recentemente. Foi durante o colóquio «Mudanças Sociais no Portugal de Hoje», ao abordar o tema «Estrutura social e produtiva e propensão à subteraneidade no Portugal de hoje», que aquela especialista em urbanismo não só denunciou tal situação, como vincou que um quarto das habitações não licenciadas se distribui pelos distritos de Lisboa e Setúbal.

Em termos gerais, as sub-regiões de Lisboa, Alentejo e Algarve representam 40 por cento da construção não licenciada e as regiões do Norte e do Centro as restantes 60 por cento, em partes sensivelmente iguais. É no Centro do País que neste momento se verifica um progressivo controlo do licenciamento das construções, o que significa que os emigrantes vão adquirindo os melhores hábitos dos países em que trabalham.

Para obviar ao crescimento das construções clandestinas o Governo publicou em 31 de Dezembro último o Decreto-Lei n.º 400/84, de que falamos substancialmente na nossa edição de sábado. Prosseguimos hoje o inquérito aberto àcerca dos loteamentos urbanos face à nova legislação, questão polémica sobre a qual se debruçaram, além da Sociedade Portuguesa de Urbanistas e do presidente da Câmara de Sesimbra, a vereadores do pelouro de «clandestinos» da Câmara Municipal de Cascais, Olga Ferreira, e o vereador do pelouro da Habitação do Município de Sintra, Raul dos Santos.

O novo regime dos loteamentos urbanos é, segundo o arq.º Leopoldo de Almeida (cujo depoimento publicaremos numa das próximas edições do «DL») é «centralista e burocratizante». A SPU, por exemplo, defende que «combate a construção clandestina no aspecto jurídico, mas pode vir a fomentá-la na prática». Um dos seus membros, Adriano Lucas sustenta que o novo regime poderá «promover a corrupção quando estabelece que os processos de autorização de construção pelas autarquias estão tacticamente indeferidos uma vez decorridos sessenta dias».

Nos termos do diploma 400/84 estão sujeitas a licenciamento municipal as acções que tenham por objecto ou simplesmente tenham por efeito, a divisão em lotes de qualquer área de um ou vários prédios, destinados, imediata ou subsquentemente, à construção; e a realização de obras de urbanização, incluindo as destinadas a conjuntos e aldeamentos turísticos e a parques industriais, bem como à construção de vias de acesso a veículos automóveis ou a simples preparação de terreno para essa finalidade. Esses licenciamentos obedecem, de acordo com a sua importância, à designação de «especial», «ordinário» e «simples».

«Especial» é o processo que envolve alterações da rede viária pública ou o redimensionamento das infra-estrutras exterior do prédio ou prédios a lotear, bem como as operações que impliquem um acréscimo de população residente, permanente ou flutuante; «ordinário» é o processo que, envolvendo a construção ou remodelação de arruamentos públicos ou infra-estruturas no prédio ou prédios a lotear, não dá lugar à alteração da rede viária pública.

Até 1 de Março de 1988 (isto é, durante os próximos três anos), o licenciamento das operações de loteamento de prédio ou prédios nas situações de «especial» ou «ordinário» que se situem fora dos aglomerados urbanos, está sujeito a parecer vinculativo da Direcção-Geral do Ordenamento e a eventual tomada de posição da Direcção-Geral do Planeanemto Urbanístico.

Olga Ferreira, CM de Cascais:

"Clandestinos" são quebra-cabeças para a generalidade das câmaras

«Uma das pragas maiores com que se têm debatido os municípios localizados junto das grandes urbes é a construçao de casas em loteamentos ilegais, Designados como clandestinos.

Com efeito, o fenómeno dos «clandestinos» têm efeitos extremamente negativos no ordenamento do território e se, de algum modo, poderão ter contribuído para a sobrevivência da indústria da construçãO civil e de outras que desta derivam, têm sido quebra-cabeças para as Câmaras e para quem as dirige, por dificilmente se enquadrarem em qualquer planeamento e pelos elevados custos de recuperação, como ainda pelas, realmente, más condiões de vida dos seus habitantes que, não obstante a ilegalidade de toda a situação, reivindicam constantemente as infraestruturas que deveriam ter se tivessem adquirido ou construído as suas casas em zonas urbanizadas, legalmente loteadas e, portanto, com todo o equipamento necessário às várias habtações.

Não têm tido as Câmaras meios de contrariarem este fenómeno, pois os meios legais que têm tido ao seu dispor não correspondem à forma mais adequada e expedita de pôr fim a tal flagelo.

Efectivamente, depois de se verificar o facto consumado correspondente ao terreno loteado, o que normalmente só se detecta quando a Fiscalização Municipal depara com as estacas demarcando os lotes ou já com uma construção iniciada, apenas resta executarem-se algus actos previstos na lei em vigor (deliberação de posse administrativa e envio do processo a Tribunal, decorridos os prazos legais), na prática sem quaisquer efeitos suspensivos, no que refere ao crescimento de mais um bairro, ou a simples demolição do que já se encontrar construído.

Figura sinistra...

Esta última acção que teria, com certeza, efeitos dissuasores, dificilmente é posta em prática, já por falta de meios materiais e humanos das Câmaras Municipais, já porque os próprios autarcas são sensíveis aos problemas sociais decorrentes da destruição do que corresponde ao fruto de sacrificadas economias, quando não, ainda, do que é o abrigo de uma família que, após porfado labor de todo um fim-de-semana, ali se instalou.

Para contrariar isto, têm vindo as Câmaras a reclamar, de há longos anos a esta parte, legislação que visasse atacar mais a causa do que o efeito. Isto é, medidas impeditivas para o negócio do loteador clandestino, normalmente figura sinistra de intermediário sem escrúpulos, que bem se pode inscrever na longa lista dos que praticam crimes no âmbito das actividades económicas.

Com a maor impunidade, com efeito, têm estes indivíduos vindo a vender, em retalhos, largas áreas de terrenos, em avos indivisos, em zonas rurais, não estruturadas, por vezes com solos de uso defendido (aptidão agrícola), ou zonas previstas para alteração ou alargamento da rede viária, confinantes com ribeiras ou mesmo leito de cheias. Tudo isto, com escritura feita no notário, normalmente de um outro concelho, mas sempre na ignorância das Câmaras onde esses terrenos se situam.

Finalmente, foi atendida a reclamação que os municípios vinham a fazer e, em Março, cremos ter chegado ao fim este singular negócio da venda de terrenos em avos indivisos, cujo incremento nos últimos anos foi espantoso, mercê da entrada em vigor do Decreto-Lei 400/84, de 31 de Dezembro.

Melhorias significativas

Traz-nos esta legislação, no que se refere aos loteamentos clandestinos, melhorias significativas:

Assim, não mais se poderão fazer escrituras que correspondam ao fraccionamento de prédios rústicos, sem que a Câmara Municipal do local em que esses terrenos se situem, emita parecer favorável.

A mesma Câara Municipal goza do direito de preferência quando haja transmissão de propriedade, a título oneroso. As sanções a aplicar pelas infracções cometidas são muito mais pesadas do que eram até aqui, bem como as medidas que a Câmara pode tomar, para obviar aos inconvenientes com que agora se confronta; são muito mais eficazes, nomeadamente, no que se refere à posse administrativa que constitui ónus objecto de registo, sendo apenas necessário que a Câmara o requeira, mediante certidão da deliberação respectiva.

Em traços breves, e sem que corresponda esta minha posição a um comentário técnico à lei – para o que não estaria à altura – mas apenas como autarca eleita e já com uma larga experiência da autarquia, concretamente com grande conhecimento de como se processa todo este flagelo dos clandestinos, considero francamente positiva a lei, que deu acolhimento a recomendações e solicitações que vínhamos fazendo há anos. Ela constitui, pela primeira vez, um travão sério a todo um negócio ilícito a que vínhamos assistindo, impotentes. Negócio esse que causava grande prejuízo aos municípios e aos que compravam, mas, fundamentalmente a toda a comunidade que, em última instância, é sempre quem acaba pagando a factura que, cedo ou tarde, a ilicitude faz pagar.»

JÚLIO RODRIGUES

Vereadora do PS na CM de Cascais incumbida do pelouro da «Clandestinos» desde finais de 1984.

Rauldos Santos, CM de Sintra:

Diploma vem parcialmente ao encontro dos municípios

«O D-L n.º 400/84 de 31 de Dezembro, que traduz o novo regime jurídico dos loteamentos urbanos vem, ainda que parcialmente, ao encontro de reivindicações dos municípios quanto à gestão urbanística dos seus territórios. É um facto que o presente decreto-lei ainda condiciona a autonomia municipal, em particular quando se trata de transformações urbanísticas de grande dimensão ou com especial impacto ambiental, condicionamento que não se verifica quando existem instrumentos de planeamento, em particular o Plano Director Municipal. Quer isto dizer que a eficácia do novo regime se medirá, em termos de maior autonomia para os municípios na gestão urbanística do seu território, pela quantidade e qualidade dos instrumentos produzidos.

Nesta ordem de ideias, e tomando como referencial o Município de Sintra, considera-se prioritária a elaboração de projectos de delimitação de solo urbano, de Planos Gerais de Urbanização, Planos Parciais de Urbanização e Planos de Pormenor.

O Plano Director Municipal, normativo para todo o território concelhio, constitui o instrumento por excelência da gestão do território, mas que devido à sua complexidade será naturalmente o mais moroso.

Refira-se que pela primeira vez é definido em documento oficial o perímetro de solo urbano, para cuja delimitação as câmaras aparecem com total autonomia, já o mesmo não acontecendo quanto ao sistema de comparticipações, nem têm em conta o factor localização.

O «contrato de urbanização», figura criada no documento em apreço, revela-se de importante significado na medida em que, através dele, se regulam os compromissos a assumir pelo requerente e pela câmara municipal na prossecução de objectivos que interessam às partes contratantes.

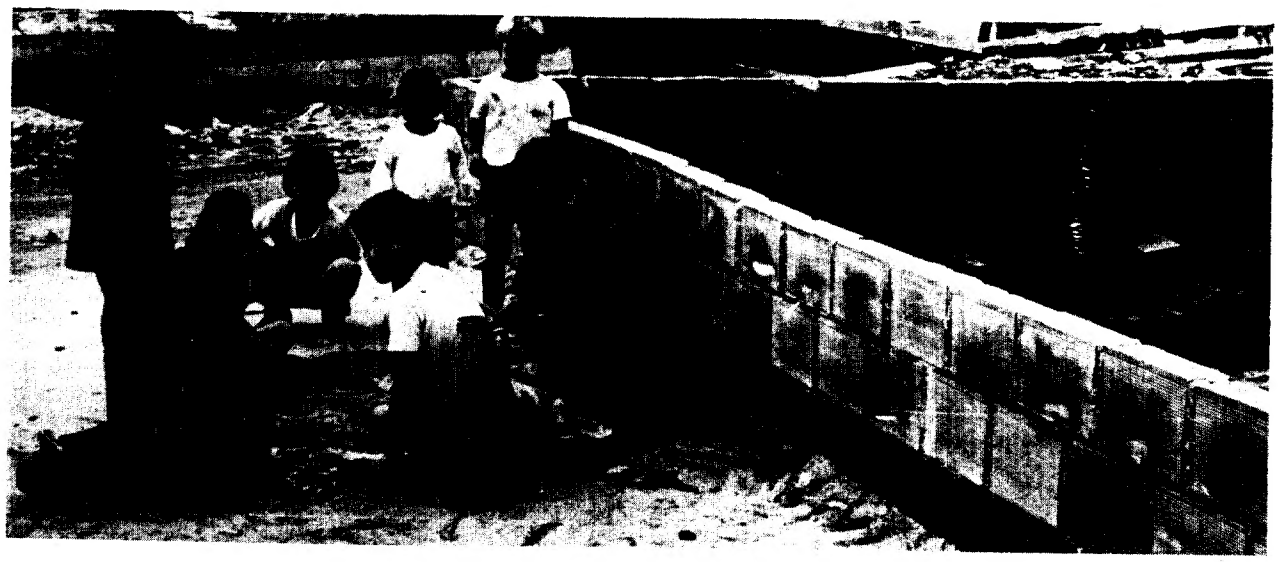
É também verdade que a plena eficácia do novo regime jurídico de loteamentos urbanos, para além do que ficou dito quanto a instrumentos de gestão, exige a introdução de alterações significativas no circuito de apreciação dos processos.

A venda em avos indivisos, que constituía o primeiro passo para o loteamento clandestino – o qual conduzia à construção clandestina —, foi considerado no referido decreto-lei de tal forma que permite às câmaras controlar o processo logo na sua origem, o que considero extraordinariamente positivo por através desta medida ser possível controlar a forma de ocupação do território municipal, para além de eventuais fugas que os especuladores possam encontrar.

Em meu entender, o documento em apreço não corresponde às expectativas criadas, mas constitui sem dúvida um passo extraordinamente importante no caminhar para a autonomia dos municípios na gestão efectiva dos seus territórios.

Ele corresponde a um estádio de desenvolvimento dos municípios que na sua esmagadora maioria não são possuidores dos intrumentos de planeamento e gestão que directa ou indirectamente são ali referidos, e que uma vez elaborados permitirão o reforço da autonomia municipal.

Poder-se-á dizer que, para além de eventuais falhas ou omissões, este documento contém em sim a semente da evolução em direcção ao reforço efectivo e real da autonomia municipal, para tanto bastará que as câmara produzam em tempo os instrumentos já referidos.»



A qualidade de vida proporcionada pelos clandestinos é evidente. Assim, um subúrbio da grande cidade.

de ontem para hoje

Morte de casal e filho foi provocada pelo frio

AS certidões de óbito do casal e do filho mortos dentro do seu automóvel, na serra da Estrela, referem que os mesmos sucumbiram por enregelamento. Não foram efectuadas autópsias e os funerais realizaram-se na sexta-feira à tarde em Lisboa, da Igreja de Arroios para o cemitério do Alto de S. João. Na altura em que foi encontrado o carro já não tinha gasolina, consumida certamente pelo facto das vítimas terem mantido o aquecedor muito tempo aceso. Os mortos (numa «foto» já com alguns anos) são António Marcos Assunção, de 45 anos, natural de uma aldeia próximo do Sabugal, sócio-gerente da «boîte» Elefante Branco, na Rua Luciano Cordeiro, Maria Odete Celestino Marques, de 46, doméstica, nascida no Algarve, e José João Celestino Marques Assunção, de 17, estudante, nascido em Benfica, onde residia com os pais.

Assassinou a mulher e cortou-lhe a língua

Em Alvite, Moimenta da Beira, um abastado agricultor assassinou a mulher à facada e cortou-lhe em seguida a língua. O casal, sem filhos, encontrava-se separado há meses, mas, na sexta-feira, Manuel Fernandes Bernardo, de 45 anos, convenceu a mulher, Esmeralda dos Santos, da mesma idade a regressar a casa, assassinando-a na própria residência. O homicida entregou-se voluntariamente à GNR local.

Criança afogada no rio Cávado

O corpo de um garoto de doze anos que, na passada terça-feira, tinha desaparecido quando nadava no rio Cávado, foi encontrado ontem a cerca de dez metros de profundidade. As operações de recolha do cadáver foram efectuadas por mergulhadores dos Bombeiros Sapadores de Braga. Manuel Cândido era natural de Pousa, Barcelos.

Armas antigas no Castelo de Palmela

NO Castelo de Palmela encontra-se patente até ao final de Maio próximo uma exposição de armas antigas, integrada nas comemorações do VIII centenário da concessão de foral àquela vila do concelho de Setúbal. O certame é considerado como o mais importante do género realizado nos últimos dez anos na Europa, e o mais completo até à data organizada em Portugal.

Bebé sem vida na estação de Barcelos

Um bebé do sexo masculino, com o máximo de três dias, foi encontrado sem vida, próximo da estação ferroviária de Barcelos. O corpo foi recolhido pelos Bombeiros locais, tendo a investigação do caso ficado a cargo da Polícia Judiciária de Braga.

Passagem desnivelada no Barreiro

As obras de construção de uma passagem desnivelada na Rua Miguel Bombarda, no Barreiro, iniciaram-se esta manhã. As obras segundo fonte municipal, orçadas em 140 mil contos, serão segundo a edilidade local «um importante melhoramento para eliminar um dos mais cruciais problemas do município». Os trabalhos, que se prolongam por cerca de nove meses, vão motivar o corte ao trânsito naquela artéria pelo que foram previstas, pela Câmara alterações no percurso dos principais transportes colectivos do concelho.

Festas de Guadalupe em Serpa

Em Serpa, vila do distrito de Beja, estão a decorrer desde ontem, e prolongam-se até à próxima quarta-feira, as Festas de Nossa Senhora de Guadalupe. Desde há anos que a edilidade local tem vindo a recuperar antigas tradições da região, baseando-se em textos de uma importante revista etnográfica, «O Serpense», publicada no século XIX.

Incêndio nas Caves São Domingos

Um incêndio no 1.º andar do edifício das Caves S. Domingos, em Ferreiros, Anadia, provocou prejuízos cobertos pelo seguro, avaliados em cerca de 15 mil contos. Nas instalações atingidas pelo sinistro, provocado em princípio por um curto-circuito, funcionavam o sector administrativo da empresa e um armazém.

Motociclista trucidado pelo comboio

Ao atravessar inadvertidamente na sua motorizada uma passagem de nível sem guarda em Algueirão-Mem Martins, na Linha de Sintra, um adolescente de 16 anos, Luís José Madeira, morreu trucidado pelo comboio. O corpo foi levado para a morgue do Hospital de Sintra.

Já houve adiamento a 25 de Fevereiro

Crime de Montechoro deverá voltar amanhã ao Tribunal de Albufeira

Dois anos depois do atentado de Montechoro, que vitimou o dirigente moderado da OLP Isam Sartawi, o seu presumível autor – um palestiniano do grupo extremista «Abu Nifal» – volta a sentar-se, amanhã, no banco dos réus do Tribunal de Albufeira.

No primeiro julgamento, realizado em Janeiro de 1984 e posteriormente anulado pelo Supremo Tribunal de Justiça, Mohamed Rashid (ou Arabe Gamal, segundo as autoridades israelitas) foi ilibado desse crime, sendo apenas condenado a três anos e meio de prisão por uso de passaporte falso.

A Polícia Judiciária, porém, continua a considerá-lo o verdadeiro autor do atentado, ocorrido a 11 de Abril durante um congresso da Internacional Socialista.

Isam Sartawi, um médico formado nos Estados Unidos da América, era o representante das tendências moderadas no seio da OLP, atraindo por isso o ódio das facções palestinianas mais extremistas.

Neste segundo julgamento, que amanhã recomeça, deverá estar também presente o secretário de Sartawi, Abu Eishen, atingido a tiro numa perna durante o mesmo atentado.

Inicialmente marcado para 25 de Fevereiro passado, este segundo julgamento de Rashid foi adiado para 9 de Abril devido ao facto do advogado da viúva de Sartawi, José Manuel Galvão Teles, ter requerido que os jurados fossem escolhidos entre os cidadãos eleitores de três comarcas (Albufeira, Portimão e Silves) e não apenas da comarca onde ocorreu o crime (Albufeira), como aconteceu da primeira vez.

Do ponto de vista daquele causídico, a população de Albufeira poderia estar demasiado afectada psicologicamente, mas o seu requerimento não foi diferido pelo Supremo Tribunal de Justiça.

Mothamed Rashid, que entrou em Portugal com um passaporte marroquino passado em nome de Youssef Al-Awad, foi detido num hotel de Lisboa cerca de oito horas depois do atentado.

Rashid, de 27 anos, hospedara-se na véspera numa residencial perto do Hotel de Montechoro e veio para Lisboa de táxi, logo a seguir ao assassinato de Sartawi.

Alguns dias depois da sua detenção confessou à Polícia Judiciária ter morto Sartawi e mais tarde reconstituiu o atentado de uma forma que os investigadores consideraram «surpreendentemente rigorosa».

Perante o tribunal, porém, Rashid negou a autoria do atentado, declarando que o seu papel foi apenas o de despistar a polícia.

«Não fui eu que disparei, mas se os meus companheiros me tivessem encarregado de o fazer tê-lo-ia feito» – disse.

Na reunião de 25 de Fevereiro, que acabou por ser adiada, Rashid, alias Arabe Gamal, foi apoiada pela sua advogada, Fátima Pontes

Investigações a cargo da PJ de Setúbal

Mulher detida por implicação na rede de haxixe de Tróia

A Polícia Judiciária de Setúbal, a quem já foi delegada a responsabilidade pelas investigações relacionadas com a apreensão na madrugada de sexta-feira de 450 quilos de haxixe, confirmou esta manhã ao "DL" a captura da mulher que conduzia a carrinha tipo furgão, onde a droga era transportada. Até ao momento, ainda não foram detidos os cinco ou seis indivíduos, também pertencentes à rede que conseguiram fugir quando a Guarda Fiscal surpreendeu, na zona de Tróia-Comporta, a carrinha e mais duas viaturas de apoio.

Ao que conseguimos apurar, a mulher tem cerca de 40 anos, mas um porta-voz da PJ de Setúbal disse ao "DL" que «até uma fase mais conclusiva do processo, não serão fornecidos mais pormenores sobre o evoluir das investigações».

Recorde-se que, tal como noticiámos na nossa edição de sábado, a Guarda Fiscal conseguiu detectar posteriormente o armazém onde a droga iria ser depositada. O êxito da Guarda Fiscal ficou a dever-se à existência de alguns documentos na carlinga da carrinha. O haxixe apreendido estava acondicionado em pacotes de 25 quilos.

Cadáver de português no mar da Corunha

O cadáver de um cidadão português foi encontrado a flutuar nas águas do porto da Corunha – anunciou a polícia espanhola.

A documentação encontrada no corpo identifica o cadáver como sendo o cidadão português Eduardo Alves, de 52 anos, natural de Santa Cruz de Matosinhos.

O cadáver foi recolhido por membros da Cruz Vermelha do Mar e posteriormente levado para a morgue municipal.

As autoridades creem que Eduardo Alves morreu afogado, mas funcionários da Brigada Judicial efectuam investigações para esclarecimento das circunstâncias que rodeiam o caso.

O estado de decomposição do cadáver leva a crer que se encontrava há vários dias na água.

Bebé português morre na estrada em Valladolid

Uma criança portuguesa de 44 dias, Filipe Alexandre Amaro Rodrigues, morreu num desastre de viação na região espanhola de Valladolid.

O carro de matrícula francesa conduzido pelo português António João Pinto Rodrigues, de 29 anos, colidiu com um veículo espanhol dirigido por José António Gomez Fernandez, de 51 anos, residente em Santander.

Os dois condutores sofreram ferimentos graves, bem como os demais ocupantes do carro do primeiro: Maria da Piedade Carvalho Geirinhas Amaro, de 24 anos, Miguel Manuel Amaro Rodrigues, de 2 anos, e Manuel Geirinhas Amaro, de 49, todos estes de nacionalidade portuguesa.

A segunda pessoa que seguia no veículo espanhol, Maria del Pilar Abascal Obejon, de 52 anos, apenas sofreu ferimentos ligeiros.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concursos n.ºs: 3-0918/85 – 3-0919/85 e 3-0923/85

PARA ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS E ALARGENEOS DIVERSOS

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 10 de Abril próximo, para os mencionados concursos.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 20 de Março de 1985.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

Concurso Público n.º 3-0980/85
«CATETERES PARA PUNÇÃO DA JUGULAR»

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 30 de Abril para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16 as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 25 de Março de 1985.

O CHEFE DE SERVIÇO
a) Ilídio Luís de Sousa

Iate francês encalhou perto de Viana do Castelo

Marinha procura viajantes do "Dauphiné" entre os quais se suspeita haver crianças

• *Autoridades negam existência de armas e brinquedos no espólio*

Não foi encontrado qualquer corpo dos tripulantes do iate francês que ao princípio da madrugada de ontem deu à costa a cerca de 200 metros a Norte de Forte do Cão, junto a Viana do Castelo, na área de Vila Praia de Âncora. Presume-se que a bordo daquela embarcação da Dieppe viajassem várias pessoas, entre elas crianças. No entanto, as pesquisas ontem e hoje efectuadas pelo «Cunene», da Marinha Portuguesa, apoiado por um avião da FAP, não tiveram quaisquer resultados.

A Capitania do Porto de Viana do Castelo negou esta manhão ao "DL" que no barco tenham sido encontrados brinquedos e armas de fogo. Recorde-se que inicialmente fora essa a versão recolhida alegadamente junto da GNR de Vila Praia de Âncora, se bem que as armas de fogo até pudessem ser dos próprios tripulantes... Também se chegou a admitir que o «La Dauphiné» — é este o nome do iate francês, inscrito em Dieppe — transportasse droga. A existência desta estaria relacionada com o alegado aparecimento de armas junto à costa. Ficaria por explicar, contudo, a descoberta de roupas de criança no iate.

A Capitania de Vila Praia de Âncora estava esta manhã encerrada, enquando a de Caminha dispunha apenas de um funcionário. Por essas razões, e também por via da disposição hierárquica destes serviços, cabia à Capitania do Porto de Viana do Castelo a superintendência das buscas no mar para tentar encontrar eventuais sobreviventes do «La Dauphiné». Populares haviam entretanto saqueado o iate, de casco voltado, entre as rochas, ao qual acorreram ontem e hoje inúmeras pessoas.

São remotas esperanças de encontrar sobreviventes

São cada vez mais remotas as hipóteses de existirem sobreviventes do iate francês «La Dauphiné», que ontem de madrugada deu à costa perto de Vila Praia de Âncora, na área da Capitania do Porto de Viana do Castelo.

Desconhecia-se esta manhã o número de tripulantes do iate francês com a matrícula 24-18-02-D, inscrito no porto normando de Dieppe. O iate encontrava-se abandonado, com o fundo voltado para cima, tendo sido avistado por um indivíduo que comunicou o facto à Guarda Fiscal.

Ignora-se igualmente se a tripulação do iate se tentou aproximar do porto de Viana do Castelo cuja entrada se encontrava ontem encerrada, segundo disse esta manhã um informador da Capitania do Porto contactado pelo "DL".

O navio-patrulha da Marinha, «Cunene» e um avião da Força Aérea Portuguesa tentaram ontem todo o dia encontrar infrutiferamente, os tripulantes do iate, vivos ou mortos. Não foram detectados, apesar de terem sido encontradas roupas dos tripulantes no barco de recreio. Aliás, terá sido preocupação dos seus tripulantes, na aflição do momento, assinalar que o iate transportava gente, uma vez que nele foram encontradas roupas, como já referimos.

Roupas de adultos e de crianças que, segundo o mesmo informador da Capitania do Porto de Viana do Castelo foram entregues, assim como todo o espólio do «La Dauphiné» à Guarda Fiscal.

«Julga-se que os mastros tenham quebrado — dizia ontem um comunicado da capitania de Viana — e o motor parado, ficando assim a embarcação à deriva. Posteriormente, o barco foi atirado à costa, devido à força do mar e ao vento forte que se fazia sentir».

Autoridades negam existências de armas e brinquedos

As autoridades marítimas encontraram uma jangada pneumática intacta e uma bóia circular a bordo do iate, o que à partida parece confirmar a ideia de que a embarcação estaria bem equipada, pois no «La Dauphiné» foi igualmente detectado um receptor de navegação por satélite.

Por essa razão, eram algumas as esperanças de encontrar ontem sobreviventes do iate francês inscrito no porto de Dieppe, em pleno coração marítimo da Normandia. Esperanças que se foram diluindo à medida que o tempo passava, apesar do barco-patrulha da Armada Portuguesa ter esta manhã voltado às operações de busca.

O iate, de cerca de quinze metros de comprimento, não transportava nem armas nem brinquedos, como chegou a constar, afirmou peremptoriamente ao "DL" o comandante da capitania do porto de Viana. Também não é verdade que tenha aparecido um corpo da tripulação ou o couro cabeludo de um dos tripulantes, como chegou a ser noticiado.

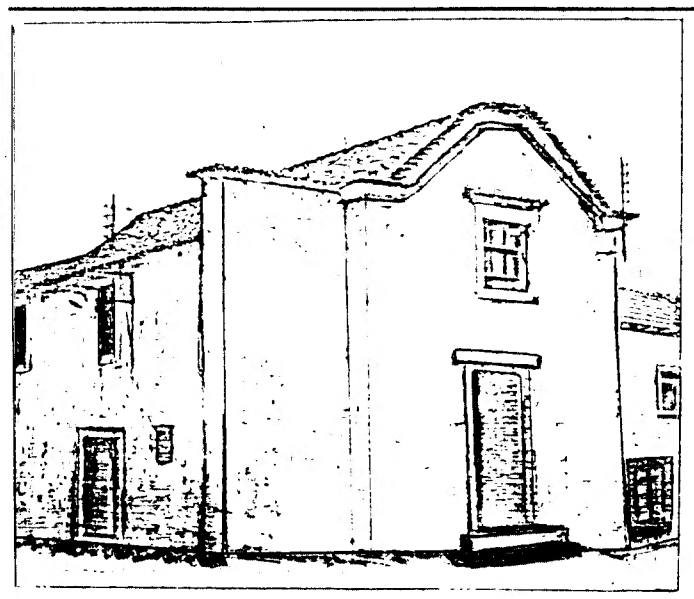
O iate encontrava-se esta manhã entre Viana do Castelo e Caminha, junto ao Norte do Cão e da Praia de Glefa, na área de Vila Praia de Âncora, onde têm ocorrido grande número de pessoas, ontem e hoje, para o verem — e algumas para o saquearem, como ontem acqnteceu e acima referimos.

A GNR de Vila Praia de Âncora disse entretanto ter sido no sábado à noite alertada pelos Bombeiros Voluntários para a emissão de sinais luminosos da embarcação, que nesse momento estaria já em perigo devido à forte ondulação na zona.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM

Eles esperam o autocarro enquanto a chuva cai sempre.
Eles esperam que o fiscal não apareça e assim pouparão um módulo.
Eles esperam a hora de chegar a casa com esperança e com angústia.
Eles esperam a hora de se deitarem e que os miúdos dêem uma noite boa.
Eles esperam que o salário estique até ao dia vinte e três.
Eles esperam que amanhã não haja problemas no emprego.
Eles esperam o fim do mês e até pelos dedos contam os dias.
Eles esperam que a febre do miúdo não seja nada de mau.
Eles esperam que talvez não seja preciso chamar o médico.
Eles esperam receber em breve o subsídio de Natal.
Eles esperam um milagre qualquer, mas um milagre.
Eles esperam que não haja guerra nuclear.
Eles esperam ter dinheiro suficiente para comprar os livros escolares dos miúdos.
Eles esperam que o arranjo do carro não seja muito caro.
Eles esperam que o aumento das rendas de casa não vá por diante.
Eles esperam conseguir uns biscates para pagarem as prestações.
Eles esperam que o chefe amanhã esteja bem disposto.
Eles esperam que a cantina amanhã não dê pastéis de «bacalhau».
Eles esperam que o Benfica não desça a menos que o terceiro lugar.
Eles esperam que, se houver uma guerra nuclear, não caia nenhuma bomba para cá de Badajoz.
Eles esperam chegar a casa a tempo de ver «Chuva na Areia», apesar de não a gramarem.
Eles esperam dar férias aos miúdos em Agosto.
Eles esperam que um dia, um sábado, às 19 e 45, diante do televisor, e com a ajuda mágica de seis simples números, mandarão bugiar esta infame sociedade.



Assim foi desenhado o prédio onde funcionou um dos primeiros animatógrafos de Almada

Com prioridade às escolas

Câmara dá a conhecer animatógrafos de Almada

Claro que nenhuma criança almadense tem ideia de como se via cinema, no princípio do século, na cidade que hoje habita. A Câmara Municipal local tomou a iniciativa de editar uma brochura intitulada «Os animatógrafos em Almada», retirada de um livro, «Almada, terra nossa», escrito pelo comandante da corporação de Cacilhas, Eduardo Alves, recentemente falecido.

«O primeiro animatógrafo de Almada data de 1913, como relata o autor do livro: «Estava montado no chamado Largo da Câmara, ao princípio da Calçada da Pedreira, junto à Rua da Lage». O seu nome: Cine-Patté.

O que se seguiu a este «Patté», segundo o autor, foram instalações improvisadas, até que o movimento associativo, fortalecido com a Ditadura Militar de 1926, deu como fruto a constituição da Incrível. A sua sala foi inaugurada a 2 de Janeiro de 1926.

Dos tempos em que o cinema mobilizava famílias inteiras, em combinação com vizinhos e metendo farnéis, já muito pouco restará. «Os almadenses que se propunham ir ao animatógrafo do Castelo, o Cine-Eclair, já gozavam o ver ou não ver o filme. Se o motor pegava havia espectáculo e tudo corria bem» — recorda a brochura, que acrescenta a circunstância alternativa: o motor não pegava e voltava tudo para casa.

Cinco mil exemplares foram publicados de «Os animatógrafos em Almada», grande parte dos quais para distribuição directa e gratuita nas escolas do concelho. Quem quiser pode adquiri-lo na Biblioteca Municipal.

Presidente é um dos responsabilizados

Relatório do MAI reconhece haver irregularidades na Câmara de Covilhã

O presidente da Câmara Municipal da Covilhã, Lopes Teixeira (PS), é responsilizado pela entrega de projectos de obras sem prévia deliberação camarária, num documento a que a ANOP teve acesso.

A afirmação consta do relatório de uma inspecção efectuada pelo Ministério da Administração Interna (MAI) em que Lopes Teixeira e alguns responsáveis por serviços ou secções afectas ao município são responsabilizados.

Lopes Teixeira é tido como responsável principalmente na obra de abastecimento de água, conhecida como abastecimento de água da Malhada do Prior, em que foram pagos mais de 14 mil contos, enquanto que a Inspecção refere que os custos da obra «ficam aquém dos três mil contos». O presidente do Município é ainda referido por ter «tomado a iniciativa de, verbalmente, mandar executar os projectos a técnicos pertencentes a diversas repartições públicas na expectativa de que tal facilitasse eventualmente as respectivas aprovações».

Relativamente à obra da Malhada do Prior, o documento diz que «não está aprovado, por qualquer deliberação, que o Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados tenha discutido, votado e aprovado a execução da obra».

A obra refere-se ao reforço do abastecimento de água à Covilhã, em que o inspector afirma nada permitir concluir que Lopes Teixeira tenha encarregado os serviços técnicos de proceder à fiscalização da obra antes e depois do recebimento do primeiro auto de medição nos referidos serviços.

Autos de medição assinados

O relatório da Inspecção, à Câmara da Covilhã, diz ainda que todos os autos respeitantes à obra foram assinados pelo engenheiro, Vítor Abrantes Marques, que os enviou ao presidente da Câmara e assim «ficou responsável pela veracidade e autenticidade do respectivo teor».

O documento da Inspecção-Geral da Administração Interna (IGAI), do Ministério da Administração Interna, refere também anomalias em várias obras executadas por iniciativa camarária, nomeadamente a construção de uma ponte sobe o rio Zêzere, em Ourondo.

A construção da ponte foi adjudicada a uma empresa, «a qual nem sequer se encontrava nas condições legais para ser admitida ao respectivo concurso», lê-se no documento.

A ilegalidade é imputada «a negligente conduta dos funcionários que, em conjunto, haviam sido designados para apreciar os documentos apresentados pelos concorrentes, concretamente o engenheiro-chefe dos Serviços Técnicos, Vítor Marques, e o então chefe de secretaria, Joaquim dos Reis».

O documeno, datado de Novembro, propõe que a cópia do relatório da sindicância realizada, acompanhada das do relatório de diligências complementares e das respectivas fichas-súmulas, sejam enviadas ao alto comissário Contra a Corrupção e delegado do Ministério Público junto da auditoria competente.

As conclusões gerais do inquérito de sindicância à Câmara da Covilhã referem a entrega da elaboração de elevado número de projectos de obras sem prévia deliberação ou decisão da Câmara ou do presidente do município.

Ordens verbais

O facto deve-se, de acordo com o documento, a que Lopes Teixeira tenha tomado a iniciativa de «verbalmente mandar executar projectos a pessoas ligadas a repartições públicas».

O documento refere ainda que nunca se procedeu nos serviços municipalizados à leitura e aprovação das actas das reuniões do respectivo conselho de administração.

O ex-chefe de secretaria, Joaquim dos Reis, não subscreveu nenhuma das minutas das actas das reuniões daquele Conselho de Administração, realizadas entre 1977 e 1983, assim como o chefe de secção, Álvaro Soares da Costa relativamente a reuniões de 1983.

As conclusões gerais referem o desaparecimento de um auto de medição de trabalhos relativo à construção de dois parques infantis no Bairro da Biquinha, Covilhã, assim como o não cumprimento de um despacho do presidente da Câmara que o submetia a este órgão.

São dados como faltosos o engenheiro dos Serviços de Obras, Cruz Pombo e o chefe da secção, Álvaro Soares da Costa.

O documento considera ainda haver irregularidades, ilegalidades e deficiências nas obras de pavimentação das ruas da cidade e do concelho da Covilhã.

Para o efeito foi considerado ter existido uma acção interligada do executivo camarário, dos seriços de secretaria e dos serviços técnicos e notariado privativo.

As propostas decorrentes do inquérito ou sindicância à Câmara da Covilhã prevê a instauração de processos disciplinares a vários funcionários municipais.

Os processos disciplinares propostos são referentes ao ex-chefe de secretaria, Joaquim dos Reis, ao chefe de secção, Álvaro Soares e ao engenheiro-chefe dos Serviços de Obras, Cruz Pombo.

O processo de sindicância à edilidade é proposto para constituir a fase de instrução dos referidos processos disciplinares.

Fotocópias do relatório de sindicância e de outros documentos a ela relativos ou ligados foram enviados ao governador civil de Castelo Branco e aos presidentes da Câmara e Assembleia Municipais da Covilhã.

Estudantes sudaneses, junto da sua Embaixada no Cairo, gritando slogans contra o antigo presidente Numeiry (Telefoto UPI/NP/"DL")

Sudão

Prisão de colaboradores de Numeiry e libertação de presos políticos

A prisão de elementos do antigo regime e a libertação de 350 presos políticos foram domingo os primeiros passos do novo regime sudanês, que reiterou a promessa de manter uma linha pró-ocidental.

A agência sudanesa SUNA deu conta de que entre os presos de domingo contam-se dois vice-presidentes do regime de Gaafar Numeiry, deposto no sábado: Omar El Tayeb e Jospeh Lagu.

A Agência Nacional de Segurança sudanesa, polícia política, vai ser dissolvida, depois de os seus agentes terem sido desarmados pelo Exército. Uma manifestação aparentemente espontânea pediu o fim dos serviços secretos frente à sua antiga sede.

A SUNA anunciou a libertação de 350 presos políticos, identificando-os como comunistas, baathtistas de extrema-esquerda e fundamentalistas islâmicos. Foram ainda postas em liberdade cerca de cem pessoas presas na sequência dos motins da semana passada.

O novo governo, presidido pelo comandante do exército Abdul Raham Swareddahab e integrado por oito outros militares e três civis, prometeu também reformas baseadas na «liberdade de expressão e nos direitos básicos dos indivíduos».

Num gesto de reconciliação para com o novo governo, os rebeldes secessionistas cristãos do sul do país concordaram num cessar-fogo com efeito imediato, parando pelo menos temporariamente a guerra civil de dois anos.

A oferta do líder rebelde John Garang, do Exército de Libertação Popular sudanês, foi aceite pelo governo, a quem a guerra no Sul custa 300 mil dólares por ano, e cuja continuação terá sido uma das causas do descontentamento popular na origem do derrube de Numeiry.

No dia seguinte ao golpe sem efusão sangue, a vida em Cartum regressou lentamente à normalidade, depois das manifestações de apoio ao novo regime que se seguiram a semanas de motins contra o governo de Numeiry.

As ruas de Cartun estão cheias de retratos desfeitos ou meio queimados de Numeiry, agora exilado no Egipto, onde chegou no dia do golpe, sábado.

Todavia, o aeroporto continuou encerrado e as ligações internacionais de telefone e telex mantiveram-se cortadas.

A repressão aos elementos do antigo regime, que durou 16 anos, foi anunciada pela agência SUNA, que sublinhou: «O nosso movimento não é uma extensão da anterior revolução de Maio».

Numeiry chegou ao poder em Maio de 1969 e chamou «Revolução de Maio» ao seu regime.

Nimeiry sobreviveu, pelas suas contas, a 22 tentativas de golpe de Estado, mas caiu à vigésima terceira, e está num lugar desconhecido do Cairo, com asilo político oferecido pelo presidente egípcio Hosni Mubarak.

Este preveniu, por outro lado, a Líbia, afirmando-lhe que não deve intrometer-se no Sudão, e disse que o Egipto reconhecerá qualquer governo sudanês que seja desejado pelo povo do país.

Todavia, para Khadafy, houve no Sudão «triunfo popular» e o líder líbio, citado pela agência JANA, afirmou que Nimeiry «pagou o preço de ter tido o apoio do regime egípcio, que traiu a nação árabe».

Outro país árabe da «linha dura», o Irão, comentou os acontecimentos no Sudão afirmando que a derrocada de Nimeiry se deveu à sua política hostil para com os muçulmanos.

Os Estados Unidos já sondaram, entretanto, o novo regime, e um diplomata norte-americano, David Shinn, encontrou-se em Cartum com o presidente Swareddahab. Para o departamento de Estado, «há desejo de ambas as partes de trabalhar juntas», mas é ainda muito cedo para dizer como será a política do novo governo.

O governo britânico mostrou-se «encorajado» pelas primeiras declarações provenientes de Cartum, ao passo que Israel manifestou um optimismo moderado quanto à eventualidade de o regime se manter pró-ocidental.

Reacção

O diário do Partido Comunista Soviético, «Pravda», noticiou ontem, sem comentar, o golpe de Estado no Sudão que afastou o presidente Gaafar.

Os jornais dos países do Golfo Persico manifestaram entretanto a sua opinião, denunciando Nmeiry como tirano mas recordando que os novos dirigentes eram até sábado o pilar do regime do presidente sudanês.

«Menos um tirano», titulava ontem de manhã o diário radical «Al-Rai Al-Am», do Kuwait. «Nmeiry pagou o preço do conluio com os Estados Unidos e Israel contra os sentimentos do seu povo», acrescentava o jornal denunciando o auxílio sudanês à ponte aérea de judeus etíopes para Israel.

O diário independente «Al-Qabas» aos árabes para serem pacientes e prudentes e reçordava que os novos chefes de Cartum tinham sido os maiores apoiantes de Nmeiry.

Outros diários do Golfo, nomeadamente dos Emiratos Árabes Unidos e do Bahrain, diziam que os novos dirigentes não deveriam ser apoiados de imediato e apelavam à democracia no Sudão e à entrega do poder aos civis.

Até Novembro URSS não instala mais mísseis

Casa Branca rejeita morat apresentada por Gorbatch

Os Estados Unidos não renunicarão à colocação, segundo o calendário inicialmente previsto, dos mísseis de médio alcance Pershing-2 e de Cruzeiro na Europa Ocidental — afirmou ontem Larry Speaks, porta-voz da Casa Branca, no rancho de Santa Bárbara, onde o presidente Ronald Reagan se encontra a passar um curto período de férias. No entanto, segundo Larry Speaks, a Administração vai estudar a última proposta de Gorbachev, secretário-geral do PCUS.

Esta foi a primeira reacção oficial dos EUA à moratória unilateral proposta por Gorbachev, em entrevista concedida ao órgão do PCUS, "Pravda", e previamente distribuída pela agência TASS. O novo secretário-geral do PCUS asseverou que até Novembro próximo a URSS cessará unilateralmente (portanto sem quaisquer condições prévias e mesmo no caso de resposta desfavorável do campo da NATO) a instalação de novos mísseis apontados para a Europa no seu território, a instalação de novos mísseis na RDA e na Checoslováquia, e a aplicação de outras medidas — como a colocação junto das costas dos EUA de submarinos equipados com mísseis — tomadas pelo Tratado de Varsóvia em retaliação pelo começo do estacionamento na Europa dos mísseis norte-americanos Pershing-2 e de Cruzeiro. Se, depois de Novembro, os EUA não tomarem medida idêntica, a URSS prosseguirá o seu programa de rearmamento.

O argumento invocado por Larry Speakes para a Casa Branca rejeitar a moratória proposta por Gorbachev foi o de que uma moratória deste tipo não pode substituir reduções significativas de armamento, que são, segundo disse, o objectivo das conversações globais em curso em Genebra. E argumentou ainda dizendo que os soviéticos têm neste momento uma vantagem de dez para um no domínio de mísseis de médio alcance baseados em terra.

Na mesma entrevista, Gorbachev, aceitou expressamente a ideia de uma «cimeira» com Ronald Reagan.

Recorde-se que cinco países da NATO receberão mísseis de médio alcance: a RFA, que já começou a receber os primeiros Pershing-2 e os de Cruzeiro, a Itália, a Bélgica, a Grã-Bretanha (todos estes países já receberam os primeiros mísseis de Cruzeiro) e a Holanda.

É justamente em Novembro que o governo holandês vai decidir se receberá ou não os mísseis de Cruzeiro. O Ministério holandês dos Negócios Estrangeiros afirmou que a instalação dos mísseis no território nacional seria feita, caso a URSS estivesse dotada de mais SS-20 do que os que tinha a 1 de Junho de 1984.

Outras propostas de Gorbachev: que americanos e soviéticos cessem a criação, ensaio e estacionamento de armas espaciais enquanto decorrerem as conversações de Genebra. Segundo o líder soviéticb, «se nos sentamos à mesa de negociações para chegarmos a um acordo sobre redução dos armamentos, então devemos, ao menos, evitar aumentá-los».

Nos resumos da entrevista transcritos pelas agências ANOP e NP não existe qualquer ameaça de Gorbachev acerca de uma eventual ruptura das negociações de Genebra, que estão a decorrer divididas em três grupos de trabalho e que foram reencetadas em Março. Mas, referindoj-se a essas conversações, Gorbachev declarou: «é precisamente neste momento que se decide como se desenvolverão de futuro as relações soviético-americanas e como evoluirá o Mundo em geral», acrescentando: «A alternativa é esta — ou a corrida aos armamentos de todos os tipos e o aumento do risco de guerra, ou o reforço da segurança em todo o Mundo e uma paz mais sólida para todos».

Estas palavras são um claro aviso de que a URSS não se disporá eternamente a conversar por conversar. O líder soviético admitiu que tem havido «certos progressos, embora muito diminutos», nas relações entre os EUA e a URSS, mas que elas continuam a ser tensas.

Gorbachev acusou Washington de apostar na força, e condenou o facto de algumas das pessoas «que fazem passar os novos programas de armamentos estratégicos no Congresso estarem igualmente, em nome dos EUA, a conduzir as negociações em Ge-

Envolvidos com a RENAMO

Militares sul-africanos presos em Moçambique

As autoridades moçambicanas prenderam dois militares sul-africanos alegadamente envolvidos nas actividades da RENAMO, informou hoje em Lisboa a Rádio Comercial, através do seu correspondente no Maputo.

O despacho do correspondente da Rádio Comercial, Fernando Lima afirma que o crescendo das críticas de Moçambique à África do Sul relativamente ao cumprimento dos acordos de Nkomati poderão levar Maputo a apresentar publicamente aqueles dois militares, um dos quais oficial superior.

A mesma fonte acrescentou que a notícia já foi confirmada por várias embaixadas ocidentais no Maputo.

Observadores na capital moçambicana referem que os dois militares sul-africanos foram presos no fim do ano passado e que este facto tem sido utilizado por Maputo como meio de pressão junto da África do Sul, com vista ao cumprimento dos acordos de Nkomati.

O presidente Kenneth Kaunda, da Zâmbia, foi ontem citado como tendo dito que a África do Sul atacará o seu país para desviar a atenção dos seus próprios problemas internos.

Numa entrevista ao jornal britânico «Observer», Kaunda afirmou que «podemos esperar intervenção porque o Congresso Nacional Africano (ANC) está aqui».

O proibido movimento nacionalista sul-africano tem a sua sede em Lusaca, capital da Zâmbia.

Kaunda declarou que as recentes agitações raciais na África do Sul, nas quais foram mortos mais de 40 negros em confrontos diários desde 21 de Março, tinham afectado a administração do presidente Botha.

Kaunda disse ainda que anteriormente tinha reunido com Botha e com outros líderes brancos da África do Sul na esperança de promover a cooperação

«Hesitaria fazer o mesmo agora por isto poder apenas retardar a libertação de Nelson Mandela, cuja liberdade incondicional é bastante precisa nesta região» – declarou.

Mandela, 66 anos, era presidente do ANC quando foi condenado a prisão perpétua em 1964 acusado de planear sabotagem.

A polícia sul-africana matou a tiro um jovem negro de 20 anos em confrontos ontem na área de New Brighton.

Teerão anu com a URS

O Governo de Teerão revelou sábado a existência de um acordo com a União Soviética para o estreitamento de laços entre os dois países.

Segundo a Rádio Teerão, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromiko, anunciou num encontro em Moscovo com o secretário de Estado iraniano dos Negócios Estrangeiros, Kazempuk Ardebili, que «as relações entre os dois países serão expandidas».

Gromiko disse que tal seria feito na base da «não-ingerência nos assuntos internos» e em «relações de boa vizinhança», expressando o desejo de Moscovo em «trocar visitas de delegações políticas ao mais alto nível».

Ardebili, que se deslocou inesperadamente sexta-feira a Moscovo chefiando uma importante delegação iraniana, afirmou que os dois países concordaram em formar uma comissão económica ministerial conjunta «como medida prática para expandir as relações bilaterais».

O acordo anunciado representa uma mudança da política de Teerão que em 1983 expulsou do país 18 diplomatas soviéticos e dissolveu o partido «Tudeh», comunista, executando vários dos seus membros.

Conversações sino-soviéticas retomadas

O vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, Quian Qichen, partiu ontem para Moscovo onde vai participar numa nova ronda de negociações sobre a normalização das relações sino-soviéticas.

Qichen, enviado especial do governo chinês, declarou antes da sua partida que nas conversações com os soviéticos será estudado o problema dos «obstáculos» que se opõem à plena normalização das relações entre as duas potências.

A actual ronda de negociações, a sexta desde 1982, coincide com um momento especial de «distensão» nas relações entre Moscovo e Pequim, sobretudo desde a subida ao poder do líder soviético Mikail Gorbachov.

Depois de Gorbachev ter assumido as funções de secretário geral do Partido Comunista da URSS (PCUS), os dois governos repetiram os seus gestos de «boa vontade», diminuindo a agressividade mútua dos comunicados oficiais e aumentado o número de visitas.

Nesse quadro, espera-se para o corrente ano um significativo aumento do comércio sino-soviético e, em Junho próximo, um dos vice-primeiro-ministro

tória
hev

nebra».

Abordando especificamente a chamada «guerra das estrelas», o líder soviético acentuou: «Falam da defesa, mas preparam-se para o ataque, fazem propaganda de um escudo espacial, mas forjam uma espada espacial, prometem liquidar as armas nucleares, mas, na realidade, estão a aumentar o seu número e a aperfeiçoá-las, prometem a estabilidade no Mundo, mas tudo fazem para romper a paridade militar».

Congressistas

O líder da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, o democrata Thomas «Tip» O'Neill, disse hoje que o facto de Mikhail Gorbachev estar pronto a encontrar-se com Ronald Reagan é um «bom augúrio para a paz». O'Neill, que chegou a Moscovo no domingo para uma visita que deverá incluir um encontro com o líder soviético, acrescentou que está feliz ao saber da disposição de Gorbachev para o encontro.

Ele chefia uma delegação de 12 congressistas, que inclui o líder da minoria republicana da Câmara dos Representantes, Robert Mitchel.

Este disse, por sua vez, que o encontro Reagan-Gorbachev poderá ocorrer no próximo Outono em Nova Iorque durante a Assembleia Geral das Nações Unidas.

Mitchel acrescentou que a moratória proposta por Gorbachev sobre a instalação de mísseis de médio alcance na Europa «não apresenta nada de novo realmente, segundo o nosso ponto de vista».

«É um congelamento numa situação que nos é desfavorável numa relação de cerca de dez para um», afirmou.

Segundo notícias não confirmadas, O'Neill poderá encontrar-se amanhã com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, e na quarta-feira com Gorbachev.

Protestos

Dezenas de milhares de pessoas participaram ontem na Alemanha Federal em manifestações a favor da paz e do desarmamento.

Os oradores daquelas manifestações, sobretudo os que falaram em Essen e Kiel, atacaram a política dos Estados Unidos quanto à segurança, armamento, defesa estratégica em Nicarágua. Por sua vez, a juventude portoriquenha está a organizar-se para coordenar uma jornada nacional de protesto pelo estacionamento de armas nucleares norte-americanas no país.

Segundo informações divulgadas pelo jornal «The New York Times» e pela Ordem dos Advogados de Porto Rico, este país faz parte de um plano do Pentágono para a instalação de, pelo menos, 32 bombas nucleares.

A saúde de Tancredo Neves

Boletins médicos optimistas e a Imprensa muito céptica

O estado de saúde do presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, é considerado «muito grave» pela Imprensa brasileira de ontem, apesar de o último boletim médico indicar «sintomas de recuperação».

O jornal «Folha de S. Paulo» afirma que Tancredo Neves tem um edema pulmonar, enquanto o «Jornal do Brasil» diz que os pulmões do presidente trabalham a 50 por cento e que o seu quadro clínico geral é «extremamente difícil e delicado».

O primeiro boletim médico de ontem, divulgado às 14.10 (de Lisboa) pelo assessor de Imprensa da presidência, António Brito, desmente a existência de um edema e afirma que Tancredo Neves ontem de manhã apresentava «sintomas de recuperação».

O radiologista que assiste a Tancredo Neves, professor Álvaro Magalhães, afirmou que o estado do pulmão direito é «praticamente normal» e que no pulmão esquerdo se verifica uma redução do processo inflamatório.

«Com este novo quadro – disse António Brito – o presidente Tancredo passa cada vez mais a respirar pelos seus próprios meios e cada vez menos a depender do equipamento de respiração artificial.»

Os resultados dos exames efectuados sábado indicaram que Tancredo Neves, de 75 anos, tem os alvéolos pulmonares inchados por excesso de líquido, o que levou os médicos a efectuar um tratamento com diuréticos.

O imunologista Vicente Amato não garantiu que não pudessem surgir novas infecções, uma vez que os focos existentes não estão totalmente controlados.

O professor João Baptista Rezende Alves, médico assistente de Tancredo Neves, afirmou que «o presidente tem um equilíbrio instável, dado que o seu corpo foi muito agredido, pelo que só Deus pode fazer uma previsão».

Tancredo Neves sofreu cinco operações em 20 dias, tendo a primeira sido efectuada horas antes de assumir a presidência do Brasil e iniciar a transição democrática, após 21 anos de ditadura militar.

O vice-presidente, José Sarney, ocupa interinamente a presidência e, no caso de Tancredo Neves não recuperar, será o presidente constitucional do Brasil.

Colónias francesas querem independência

Militantes independentes das últimas colónias francesas, reunidos em Point-a-Pitre, concordaram ontem em pedir às Nações Unidas que liberte a suas terras do «colonialismo francês».

Grupos de Guadalupe, Martinica, Guiana, Reunião, Mayotte e Nova Caledónia concluíram a primeira conferência das últimas colónias francesas com a aprovação de uma resolução «pedindo ao Comité de Descolanização da ONU que inscreva os nossos territórios na lista de países que têm de ser descolonizados».

A resolução acrescenta que os seis territórios ultramarinos franceses «foram arbitrariamente integrados na França e mantidos à força numa posição de subordinação económica, legal, administrativa e cultural».

Oficiais etíopes presos por "conspiração"

Noventa oficiais de média patente do exército etíope foram detidos sob acusação de conspirarem para derrubar o presidente Mengistu Haile Mariam – noticiou ontem o jornal londrino «Sunday Times».

O jornal, que cita fontes independentes em Adis Abeba, acrescenta que os 90 oficiais, na sua maioria capitães e majores, foram detidos na capital etíope a 26 de Março por agentes do departamento de segurança pública, que está sob o comando directo de Mengistu.

«A depuração no exército foi pedida numa nota política altamente secreta assinada pelo ministro da Lei e Justiça, Amanuel Amde-Mikael, apensa a um projecto de constituição etíope» – escreve o «Sunday Times», que acrescenta possuir cópias de dois documentos.

A nota pede um aumento da doutrinação política das Forças Armadas e indica que o «anti-sovietismo está a espalhar-se nas cidades e na província».

O «Sunday Times» acrescenta que os principais pontos da constituição, a ser promulgada possivelmente em Maio, incluem um estado unipartidário.

nuncia acordo
RSS

O acordo contrasta igualmente com a política iraniana de oposição à presença soviética no Afeganistão.

Andrei Gromiko disse entretanto sexta-feira em Moscovo que a União Soviética «apoia resolutamente» todos os esforços que levem a um desenlace rápido da guerra do golfo.

Enquanto isto, o presidente do Irão, Ali Khamenei, afirmou ontem a Javier Perez de Cuellar, secretário-geral da ONU, que o seu país não fará a paz com o Iraque enquanto se mantiver o regime de Bagdade, noticiou a agência IRNA.

Captada em Beirute, a agência citou ainda Khamenei como tendo afirmado a Perez de Cuellar que as Nações Unidas tinham ajudado «num ou dois casos» mas que o Conselho de Segurança tem tomado «decisões desapontadoras» quanto á guerra e não tinha criticado o Iraque por iniciar o conflito.

No encontro com o chefe da ONU, o Irão reiterou assim o seu apelo para o derrube do presidente iraquiano Saddam Hussein, colocando isso como condição para iniciar conversações de paz.

Aparentemente, a base de discussão com Perez de Cuellar foi restringida a cessar-fogos limitados.

«O Iraque pretendeu derrotar a nossa revolução. Essa revolução nunca será derrotada ou recuará da sua posição pela guerra», declarou Khamenei.

Perez de Cuellar, citado pela IRNA, afirmou que as perdas «humanas e materiais» podiam ser reduzidas se acabassem os ataques a áreas civis e à navegação internacional e armas químicas não fossem utilizadas.

De acordo com a agência, o secretário-geral, da ONU «sublinhou que estes pontos foram aceites pelo Irão mas não pelo Iraque».

Perez de Cuellar deve partir hoje para Bagdade. Na capital iraquiana, responsáveis governamentais indicaram que lhe foi dada autorização para seguir de avião de Teerão para o Qatar.

O secretário-geral da ONU procura aparentemente reavivar o seu acordo para poupar áreas civis, que durou oito meses antes de ser quebrado em 5 de Março, dando início à «guerra das cidades» em que alvos não-militares têm sido atacados.

Face às declarações iranianas parece estar fora de questão um acordo global para acabar com a guerra que dura há quatro anos e meio.

s em Moscovo

chineses voltará a Moscovo para assinar um acordo comercial entre os dois países.

A China e a Itália assinaram ontem um acordo para a cooperação e treino militar.

O tratado foi assinado perlos ministros da Defesa da China, Zhang Aiping, e de Itália, Giovanni Spadolini.

A Itália é assim o primeiro país europeu a estabelecer um acordo militar com a China.

O ministro italiano da Defesa, em conferência de Imprensa, disse que tal como a China se empenha na coexistência pacífica, a Itália pugnará pelo levantamento gradual das barreiras à exportação de produtos estratégicos europeus para Pequim.

A assinatura do tratado culmina a visita de cinco dias de Spadolini à China.

INTER ARMA CARITAS
CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

HOSPITAL DA CRUZ VERMELHA PORTUGUESA

novo serviço médico com o apoio do

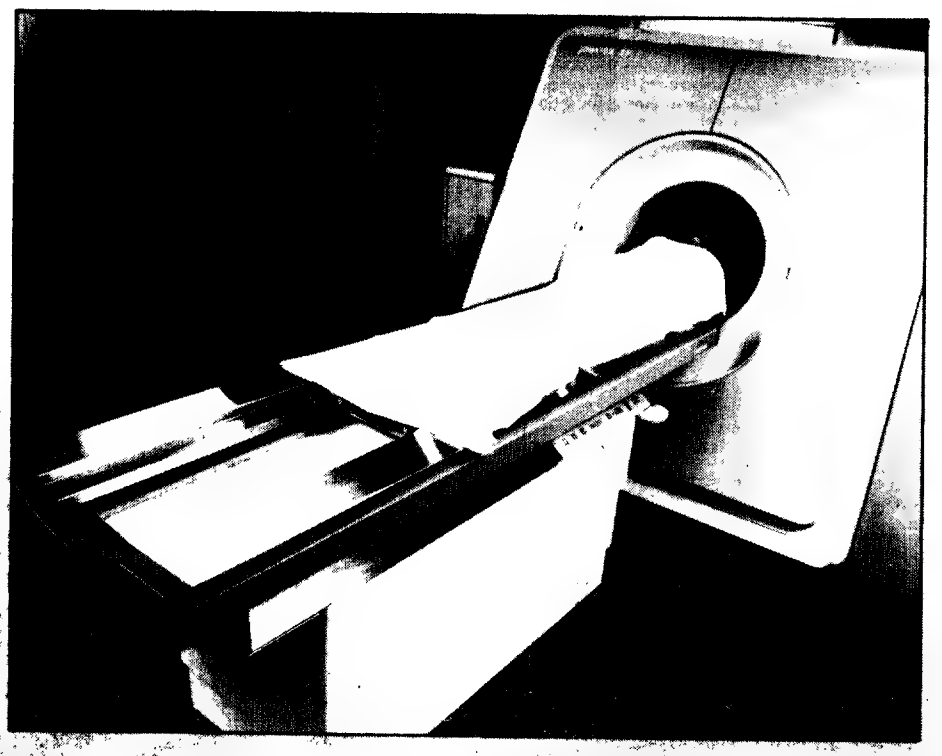
núcleo de radiodiagnóstico

TOMOGRAFIA AXIAL COMPUTORIZADA

No Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa uma nova unidade de diagnóstico radiológico: Tomografia Axial Computorizada. O último modelo Somatom DR-H, da Siemens, o primeiro a ser instalado na Península Ibérica.

No Hospital da Cruz Vermelha Portuguesa o núcleo de radiodiagnóstico. Para uma assistência médica cada vez mais diferenciada.

Marcações: Tels. 74 06 07/17



Equipamento integralmente fornecido pela Siemens

Mobilização de trabalhadores assinala aniversário das nacionalizações

A CGTP-IN promove esta semana mais de 30 acções de mobilização de trabalhadores, constituídas na sua maioria por plenários de activistas e iniciativas das empresas do sector empresarial do Estado, no âmbito das comemorações do 10.º aniversário das nacionalizações. A iniciativa foi decidida no último plenário nacional da Inter.

Estão assim programados para a semana que hoje se inicia encontros e plenários regionais de activistas sindicais no Porto, Santarém, Portalegre, Braga, Lisboa, Aveiro, Évora, Beja, Guarda, Vila Real, Chaves, Régua, Bragança, Viseu, Castelo Branco, Coimbra, Faro e Viana do Castelo.

Amanhã reúnem-se em plenário, às 10 horas, as organizações representativas dos trabalhadores (ORT's) do sector químico, e ás 15 horas as ORT's da região de Torres Vedras, da Parede e de Lisboa; no dia 10 reúne-se o plenário nacional dos delegados sindicais do sector de material eléctrico, em Lisboa; no dia 11 haverá um plenário das ORT's da Amadora (14.30) e de Vila Franca de Xira, no Centro de Pessoal da Mague, em Alverca (15 horas); e no dia 12 um plenário das ORT's de Mem Martins, às 15 horas.

No âmbito das comemorações do 10.º aniversário das nacionalizações estão também programadas outras iniciativas, nomeadamente sessões, na CP, às 13 horas, na cantina da empresa no Barreiro, e no dia seguinte em Lisboa e Porto; e na Siderurgia Nacional, no dia 13, às 12 e 30, nas instalações da empresa na Maia (Porto). No mesmo dia realiza-se no Porto um tribunal de opinião pública sobre salários em atraso, bem como acções de protesto e agitação em Lisboa, Porto, Setúbal e outros pontos do País, contra o aumento das rendas de casa.

Por outro lado, está marcada para amanhã, nos Açores, uma reunião preparatória de sindicatos, com vista às comemorações do 25 de Abril e 1.º de Maio.

Estão igualmente programadas outras acções nos distritos de Coimbra, Algarve e Castelo Branco, em defesa do regime democrático resultante do 25 de Abril.

ORT's do distrito de Lisboa exigem "nova política de justiça"

Uma delegação de órgãos representativos dos trabalhadores do distrito de Lisboa entregou na residência oficial do Primeiro-Ministro um documento exigindo a adopção de uma «nova política de justiça, trabalho e recuperação económica e social».

O documento, subscrito pelas delegações dos sectores com salários em atraso do distrito de Lisboa, considera que a situação social neste distrito «assume proporções catastróficas devido à acção conjugada de vários factores, entre os quais os salários em atraso, o alastramento do desemprego e a instabilidade das situações laborais».

Os representantes dos trabalhadores afirmam que dos 700 mil desempregados existentes no país 30 por cento pertence ao distrito de Lisboa, onde o atraso no pagamento de salários atinge cerca de 25 mil trabalhadores em mais de 170 empresas de 16 sectores de actividade.

O documento dos ORT's considera que «outros flagelos se abatem sobre os trabalhadores do distrito, com especial relevo para o dos contratos a prazo e do aluguer de mão-de-obra».

Os ORT's afirmam que os subsídios concedidos às empresas para manutenção dos postos de trabalho «se têm mostrado ineficazes, pois o patronato tem vindo a servir-se deles para outros fins, utilizando-os para a formação de empresas paralelas com o objectivo de encerrar as existentes».

Sindicatos de Coimbra repudiam revisão das leis laborais

A União dos Sindicatos de Coimbra (USC) repudiou os projectos de legislação do trabalho sobre a cessação do contrato de trabalho, contratos a prazo, trabalho temporário e «lay-off» que se encontram em discussão pública.

Em comunicado, a USC refere que se realizou um plenário com 16 estruturas sindicais onde foram analisadas a situação política e social e as formas mais adequadas à mobilização dos trabalhadores para as comemorações do 25 de Abril e 1 de Maio.

O comunicado considera que «se tais projectos viessem a ser aprovados e promulgados, o desemprego e a instabilidade no trabalho aumentariam vertiginosamente».

O plenário entendeu também levar a efeito um conjunto de acções de esclarecimento e mobilização dos trabalhadores no âmbito das comemorações do 25 de Abril e 1.º de Maio, a concretizar em Coimbra, Figueira da Foz, Lousã e Oliveira do Hospital.

«Completo desrespeito»...

Os TSD afirmaram que os anteprojectos de alteração às leis laborais constituem «um péssimo serviço a todos aqueles que apenas possuem uma riqueza: o esforço do seu trabalho, que vendem a outrem».

O Sindicato dos Trabalhadores de Escritório e do Comércio do Distrito de Aveiro afirmou também que as iniciativas legislativas previstas para o campo do trabalho revelam «completo desrespeito pelos trabalhadores e pelos seus sindicatos representativos».

Bancários em campanha eleitoral

O Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas entrou hoje em campanha eleitoral, com quatro listas a disputar a sua direcção, a eleger no próximo dia 30.

Uma fonte do sindicato afirmou que das quatro listas concorrentes duas são, tradicionalmente, as mais fortes candidatas: uma em representação da actual direcção (afecta à UGT) e outra que disse – pela primeira vez integra sectores afectos à CGTP e membros de outros partidos como a UEDS e o MDP».

As outras duas listas, nas palavras desta fonte sindical «representam sectores ligados ao CDS (C) e ligados ao MRPP (D)».

Nas últimas eleições a Lista B venceu a lista A por uma margem de 2500 votos num conjunto de cerca de 45 mil Bancários votantes.

O Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas esteve na fundação da CGTP e da UGT tendo saído da Intersindical em 1977, através de referendo aos seus associados para integrar o movimento «Carta Aberta» e, posteriormente, a UGT.

O Sindicato dos Bancários teve um papel de grande destaque nos últimos anos do antigo regime (manifestação reprimida em 1972) nomeadamente porque, segundo estudiosos, «foi o primeiro a fazer passar pela sua estrutura a assistência médica aos seus associados (pelo que nunca foram integrados na Previdência).

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA 2.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

O DOUTOR JOSÉ MANUEL PEIXE PELICA, JUIZ DE DIREITO DO TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS, DE LISBOA — 2.º JUÍZO.

Faz saber que no próximo dia 18 de Abril, pelas 10 horas, à porta deste Tribunal, sito na Rua Braamcamp, 5-4.º Esq.º., se há-de proceder à arrematação em hasta pública em 1.ª praça, pelo maior lanço que for oferecido dos bens penhorados a Herculano & Rodrigues, Lda, com sede na Rua da Paz, 8, nesta cidade, na execução fiscal n.º 123 e aps. de 1976, que lhe move a Fazenda Nacional.

Verba n.º 1 — Uma mesa em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 750$00 (setecentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 2 — Uma cadeira em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 250$00 (duzentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 3 — Uma máquina de escrever com marca Alpina, em regular estado de conservação e funcionamento, a que atribuímos o valor aproximado de 2000$00 (dois mil escudos).

Verba n.º 4 — Uma mesa em chapa de ferro com tampo em fórmica, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 750$00 (setecentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 5 — Três cadeiras em plástico, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 350$00 (trezentos e cinquenta escudos) cada, no total de mil e cinquenta escudos.

Verba n.º 6 — Uma secretária em chapa de ferro, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 2 000$00 (dois mil escudos).

Verba n.º 7 — Um balcão em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 500$00 (mil e quinhentos escudos).

Verba n.º 8 — Uma estante em cantoneira Handy, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 900$00 (novecentos escudos).

Verba n.º 9 — Uma estante em cantoneira Handy, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 100$00 (mil e cem escudos).

Verba n.º 10 — Uma máquina de escrever com a marca Facit, com o número 158832o em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 10 304$00 (dez mil trezentos e quatro escudos).

Verba n.º 11 — Uma máquina de somar com a marca Dixi, com o número 500353, em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 5 000$00 (cinco mil escudos).

Verba n.º 12 — Uma máquina de calcular com a marca Texas, com o número 1476, em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor de 500$00 (quinhentos escudos).

Verba n.º 13 — Uma mesa para máquina de escrever, em cantoneira de ferro, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 650$00 (mil seiscentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 14 — Duas cadeiras em chapa de ferro, em regular estado de conservação, a que atribuímos quinhentos e cinquenta escudos, cada, no total de 1 100$00 (mil e cem escudos).

Verba n.º 15 — Uma estante em cantoneira Handy, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 950$00 (novecentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 16 — Uma secretária em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor de 1 500$00 (mil e quinhentos escudos).

Verba 17 — Uma mesa em ferro com tampo em fórmica, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 250$00 (mil duzentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 18 — Duas cadeiras em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 300$00 cada, no total de 600$00 (seiscentos escudos).

Verba n.º 19 — Uma secretária em chapa, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 6 500$00 (seis mil e quinhentos escudos).

Verba n.º 20 — Um balcão em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 500$00 (mil e quinhentos escudos).

Verba n.º 21 — Uma máquina de fotocopiar 3 M — modelo 251, n.º 337696, em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 11 700$00 (onze mil e setecentos escudos).

Verba n.º 22 — Uma máquina de escrever com a marca Olivetti, em regular estado de conservação e funcionamento, a que atribuímos o valor aproximado de 8 500$00 (oito mil e quinhentos escudos).

Verba n.º 23 — Uma estante em madeira, em regular em estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 250$00 (mil duzentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 24 — Uma cadeira em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 350$00 (trezentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 25 — Uma mesa para máquina de escrever, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 650$00 (seiscentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 26 — Uma mesa em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 650$00 (mil seiscentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 27 — Uma cadeira em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 350$00 (trezentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 28 — Secretária, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 8 000$00 (oito mil escudos).

Verba n.º 29 — Uma estante em cantoneira Handy, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 350$00 (mil trezentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 30 — Uma estante em cantoneira Handy, em regular estado de conservação a que atribuímos o valor de 1 100$00 (mil e cem escudos).

Verba n.º 31 — Duas cadeiras em chapa, em regular estado de funcionamento, a que atribuímos o valor aproximado de quinhentos e cinquenta escudos, cada, no total de 1 100$00 (mil e cem escudos).

Verba n.º 32 — Uma máquina de calcular de marca Silver Reed 12 F.D., em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 9 000$00 (nove mil escudos).

Verba n.º 33 — Uma máquina de calcular marca Silver Reed 121 M, em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 6 000$00 (seis mil escudos).

Verba n.º 34 — Uma secretária em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 2 250$00 (dois mil duzentos e cinquenta escudos).

Verba n.º 35 — Uma mesa em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 2 100$00 (dois mil e cem escudos).

Verba n.º 36 — Um condicionador de ar, em regular estado de funcionamento e conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 12 500$00 (doze mil e quinhentos escudos).

Verba n.º 37 — Um estirador de madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 26 000$00 (vinte e seis mil escudos).

Verba n.º 38 — Três cadeiras em plástico em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de trezentos e cinquenta escudos cada, no total de 1 050$00 (mil e cinquenta escudos).

Verba n.º 39 — Estantes (cacifos) em cantoneira, F. Ramada, em regular estado de conservação a que atribuímos o valor aproximado de 37 189$00 (trinta e sete mil cento e oitenta e nove escudos).

Verba n.º 40 — Diversos cacifos em ferro, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 5 000$00 (cinco mil escudos).

Verba n.º 41 — Estantes diversas, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 1 000$00 (mil escudos).

Verba n.º 42 — Uma mesa em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 500$00 (quinhentos escudos).

Verba n.º 43 — Uma cadeira em madeira, em regular estado de conservação, a que atribuímos o valor aproximado de 100$00 (cem escudos).

Verba n.º 44 — O Direito e acção ao arrendamento e trespasse da loja comercial aqui instalada, no n.º 8. do prédio sito na Rua da Paz, com instalações sanitárias, bem como as respectivas instalações eléctricas e de água, a que atribuímos o valor aproximado de 100 000$00 (cem mil escudos).

Ficam, por este edital, citados os credores incertos e desconhecidos.

Lisboa, 15/3/85

O JUIZ DE DIREITO

A Liquidadora Principal

D.L. 8/4/85 — 2.ª Pub.

NATURIBERICA — ESTUDOS E DIVULGAÇÃO EM BIOLOGIA, LDA

Certifico que, por escritura de 28 de Dezembro de 1984, exarada de fl. 66 a fl. 67 v.º do livro n.º 89-C das notas do 7.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária licenciada Olívia da Conceição Nunes Pinto Capelo Ramos, foi constituída entre António Pulido Valente Pena, Luís Manuel de Oliveira Gomes e José Manuel de Oliveira Cabral uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de NATURIBERICA — Estudos e Divulgação em Biologia, L.da, ficará com a sua sede provisoriamente em Lisboa, freguesia de São Francisco Xavier, na Rua de Pêro de Alenquer, 14, e durará por tempo indeterminado, contando-se o seu início a partir de hoje.

2.º

A sociedade tem por objecto a consultoria, estudos e trabalhos de divulgação em biologia.

3.º

O capital social, inteiramente realizado, em dinheiro, é de 60 000$ e corresponde à soma de 3 quotas iguais, de 20 000$, uma de cada sócio.

4.º

Não são exigíveis prestações suplementares de capital e suprimentos, mas os sócios poderão efectuar umas e outros, mediante condições a fixar em assembleia geral.

5.º

É livre a cessão de quotas entre os sócios, mas a estranhos depende do consentimento da sociedade, tendo os sócios, no entanto, o direito de preferência, em primeiro lugar, e a sociedade, em segundo lugar.

6.º

A gerência e administração e representação da sociedade será exercida por todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º Os gerentes poderão delegar todos ou parte dos seus poderes noutro gerente, e para obrigar validamente a sociedade, em todos os seus actos e contratos, serão sempre necessárias as assinaturas de 2 gerentes, ou de um deles com procuração de outro.

§ 2.º Em caso algum, porém, os gerentes ou seus mandatários poderão obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, designadamente em letras de favor, finanças e abonações e outros semelhantes.

7.º

As assembleias gerais, quando a lei não exigir outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com, pelo menos, 8 dias de antecedência, nelas incluindo sempre os assuntos a deliberar.

Vai conforme ao original a que me reporto.

7.º Cartório Notarial de Lisboa, 10 de Janeiro de 1985.

A Ajudante,
Cidália Inácio Duarte Palma.

D.L. 8/4/1985

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU

Se quer parar de beber o problema e nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ºs 4.ºs 6.ºs às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

Negociações recomeçam dia 15 em Lisboa

Espanhóis não pescarão moluscos nem crostácios nas nossas águas

Portugal limitou as suas negociações sobre pescas com a Espanha à zona económica exclusiva dos dois países e considera inegociável qualquer actividade de barcos espanhóis na área da plataforma continental portuguesa – soube-se de fonte oficial.

A mesma fonte salientou que as negociações com Espanha se referem a um período de 10 anos, findo o qual aquele país vizinho terá o mesmo tratamento que qualquer outro país membro da CEE.

«As relações com Espanha devem ser enquadradas dentro da filosofia acordada com a CEE, o que torna inegociável qualquer actividade de pesca espanhola até às 12 milhas» precisou.

Por outro lado, das 12 as 200 milhas, Portugal está disposta a negociar, «mas apenas numa base de reciprocidade em termos de valores e tendo em conta a situação das diferentes espécies» – frisou.

Sobre este último aspecto, a mesma fonte salientou à NP que «não serão concedidas quaisquer licenças para a captura de espécies demersais, crustáceos e alguns moluscos, as quais – esclareceu – se, encontram já em perigo, só com o esforço de pesca português».

Aind neste contexto, Portugal não vai conceder quaisquer licenças para a arte de emalhar, estando, no entanto, disposto a negociar a concessão de um número reduzido para o cercó e de um número mais significativo para o palangre, arte que pelas suas características não é considerada depredadora – sublinhou.

«Portugal está aberto à negociação, mas só o fará numa base de iguais contrapartidas em termos de valor» – afirmou a mesma fonte. «Não faz sentido que os barcos espanhóis pesquem nas águas portuguesas e que os pescadores portugueses não recebam rigorosamente o mesmo tratamento em águas espanholas» – acrescentou

A nova ronda de negociações técnicas com a Espanha deverá iniciar-se no próximo dia 15 na capital portuguesa.

Armadores satisfeitos

O presidente da Associação dos Armadores das Pescas Industriais (ADAPI), Teotónio França Morte, manifestou hoje o seu apoio às condições da adesão de Portugal à CEE no capítulo das pescas.

Em declarações à ANOP, França Morte sublinhou que o que «é agora preciso é que nas negociações com a Espanha seja mantida uma posição firme».

Observou que apesar de alguns receios dos armadores, a negociação com a CEE no capítulo das pescas «foi bem feita».

Relativamente às negociações com a Espanha, França Morte defendeu que se mantenham interditas as 12 milhas e as pescas de moluscos e crustáceos aos navios espanhóis e que a pesca das espécies pelágicas na zona das 12 à 200 milhas fique condicionada aos «stocks» de pesca disponíveis para cada espécie.

A ADAPI defende a audição prévia dos armadores antes de o Governo assumir qualquer compromisso quanto ao regime transitório entre Portugal e a Espanha.

Soares em Madrid

O Primeiro-Ministro português, Mário Soares, é esperado hoje à tarde em Madrid, para participar nos trabalhos do XIV Congresso da União de Partidos Socialistas das Comunidades Europeias, sob o lema «Socialistas pela Europa».

Durante os trabalhos, que terão lugar de hoje a dia 11 alguns dos principais dirigentes socialistas europeus debaterão temas como a situação económica da Comunidade e o papel da Europa no mundo.

Além de Mário Soares, assistirão ao Congresso Felipe Gonzalez e Bettino Craxi, secretários-gerais dos partidos socialistas de Espanha e Itália, e chefes de governo dos respectivos países.

O Primeiro-Ministro português, durante a estada em Madrid, terá encontros com os restantes dirigentes soialistas no âmbito do Congresso, e reunir-se-á com o presidente do governo espanhol, Felipe Gonzalez.

Governo e RN assinam contrato-programa

Dois ministros e o conselho de gerência da Rodoviária Nacional, assinam hoje um contrato-programa que consagrará os direitos e obrigações pelos quais o Governo e aquela empresa pública se regerão até 1987.

O contrato-programa, idêntico ao assinado em Fevereiro entre o Governo e a TAP-Air Portugal, será subscrito pelos ministros das Finanças e Plano e do Equipamento Social, por parte do Estado, e pelos administradores da empresa.

A celebração destes contratos visa uma maior eficácia empresarial e uma redução dos financiamentos estatais após a aplicação de medidas de saneamento económico.

Para já, o Governo colocará à disposição da RN cerca de 9 milhões de contos, durante o triénio 1985/87, findo o qual a empresa tem de estar recuperada económica e financeiramente.

Segundo o presidente da RN, a maior parte do esforço financeiro do Estado no triénio refere-se a indemnizações compensatórias resultantes da prática de uma política social na fixação das tarifas, as quais não cobrem, em regra, os custos da exploração.

Nos termos do contrato-programa, «sempre que as tarifas, fixadas anualmente pelo Governo, não garantam a cobertura dos encargos com a prestação dos serviços, o Estado proporcionará à empresa, por via de indemnizações compensatórias, o reembolso de tal diferença».

Assim, de acordo com o presidente da empresa, Emídio Feio Borges, o Estado vai atribuir-lhe, em 1985, subsídios à exploração no montante de 1,4 milhões de contos, em 1986, um total de 3,9 milhões e em 1987, 2,5 milhões de contos.

Reduzidos a um terço os prejuízos da CP

A CP teve o ano passado um terço, apenas, do seu prejuízo em 1983 o que significa uma redução dos anteriores resultados negativos de 12 para 4 milhões de contos.

Uma fonte da administração dos Caminhos de Ferro Portugueses (CP) disse que «cerca de 80 por cento das receitas são provenientes do serviço de passageiros e o restante do transporte de mercadorias, quando o peso correcto dos dois serviços devia ser de 60 e 40 por cento, respectivamente» salientou a mesma fonte.

Este é um dos problemas da empresa pois os caminhos-de-ferro estão vocacionados fundamentalmente para o transporte de mercadorias, o qual, em diversos países desenvolvidos, tem um peso três vezes superior ao do serviço de passageiros.

Neste âmbito, «a recuperação da CP passa pela recuperação do tráfego de mercadorias», o qual conheceu em 1984 um aumento de 26 por cento, em relação ao ano anterior.

Para a recuperação desse tráfego de mercadorias, a empresa celebrou, nos últimos dois anos, 55 contratos de transporte com grandes empresas industriais, nomeadamente com a Cimpor, Secil, Portucel, Soporcel, Quimigal, Sadomar, Ibertrans, Sapec, entre outras. Está também em vias de celebrar com o Estado um contrato-programa de três anos, o qual visa a sua recuperação económica e financeira e permitirá o desbloqueamento de um financiamento do Banco Mundial.

Entretanto, a CP já iniciou a renegociação da sua dívida à banca, que ascende a cerca de 31 milhões de contos.

A CP transportou, em 1984, cerca de 215 milhões de passageiros e 5,5 milhões de toneladas de mercadorias.

Os Caminhos de Ferro Portugueses empregam actualmente cerca de 22 mil trabalhadores, prevendo-se que até 1988 e sem recurso a despedimentos, deixem a empresa cerca de 5 mil pessoas.

IPE investe 12 milhões

A sociedade IPE-Investimentos e Participações do Estado, SARL, prevê investir mais de 12 milhões de contos no corrente ano e que as receitas atinjam cerca de 1,3 milhões de contos, afirma-se num documento hoje divulgado.

Os lucros previstos para 1985 são superiores a 100 mil contos – acrescenta o boletim informação da empresa.

Dos cerca de 1,3 milhões de contos previstos para os custos, 750 mil contos serão para provisões, esperando o IPE terminar o ano de 1985 com um activo líquido total superior a 34,2 milhões de contos.

Para os investimentos o IPE prevê vender participações no montante de um milhão de contos, utilizar 2,8 milhões de contos de meios próprios de que dispõe, mais de 1,2 milhões de contos obtidos através da redução dos seus créditos e mais de cinco milhões de contos de compromissos assumidos pelo Estado.

A cooperação entre capitais públicos e privados para a formação de novas empresas e a constituição de «joint ventures» com empresas estrangeiras faz parte do programa de actividade do IPE para 1985 – revela o documento.

Portucel obteve lucros

A Portucel obteve em 1984 um lucro de 2,4 milhões de contos, montante superior aos seus prejuízos acumulados desde 1976.

Em declarações à agência NP, o presidente do Conselho de Gerência da Portucel, António Celeste, informou que os prejuízos acumulados da empresa desde 1976 ascendiam a 2 milhões de contos.

Salientou ainda que a empresa pública de celulose e pasta de papel de Portugal passou de um resultado negativo de 290 mil contos em 1983 para um lucro de 2,4 milhões de contos em 1984.

António Celeste disse também que a Portucel consolidou a sua posição de maior exportador nacional, tendo o valor das suas verbas para o mercado externo totalizado 30 milhões de contos, contra 19 milhões em 1983.

Efacec e Modelo: obrigações

A EFACEC vai lançar em Maio um empréstimo obrigacionista no valor de 1 milhão de contos – apurou a NP junto daquela empresa.

O juro das obrigações é de 28,5 pr cento ao ano, tendo os títulos um rendimento líquido, depois de impostos, de 27,075 por cento.

O pagamento de juros é feito semestralmente e as amortizações realizam-se no fim do terceiro, quarto e quinto anos.

De acordo com os estatutos da empresa, os accionistas têm direito de preferência na subscrição, na proporção de uma obrigação por cada acção que possuirem.

Por outro lado, os supermercados Modelo vão também emitir brevemente 300 mil contos de obrigações, a subscrever pelo público, revelou uma fonte da empresa.

A administração decidiu ainda fixar em 32,5 por cento ao ano a taxa de juro máxima de remuneração do empréstimo obrigacionista – acrescentou a mesma fonte.

A missão das obrigações foi apontada para Maio, tendo em conta a necessidade de serem cumpridas todas as formalidades legais para o efeito.

Além disso, a empresa, que, em 1984, registou um resultado líquido positivo de cerca de mil contos, decidiu aumntar este ano o seu capital em mais cem mil contos.

RN e TAP associam-se no turismo

O aumento de fluxos turísticos com destino a Portugal, coordenado pela RN e pela TAP, é o objectivo de um protocolo agora assinado pelas duas maiores transportadoras nacionais.

O protocolo visa a criação de uma «grande frente de captação de turismo para Portugal» através da complementarização das actividades turísticas das duas empresas.

«O objectivo é canalizar para Portugal que a TAP possui no estrangeiro, bem como a rede comercial e o «know how» que a Rodoviária Nacional detém no País», refere um comunicado conjunto das empresas.

Industriais contra IVA

A Associação Industrial Portuense protestou em carta enviada ao ministro das Finanças contra as soluções encontrada paa a aplicação do IVA às empresas exportadoras.

No documento enviado a Ernâni Lopes, os dirigentes da Associação sublinham que os exportadores não estão na disposição de financiar o Estado à custa da saúde financeira das suas empresas. A AI Portense considera que do ponto de vista empresarial, o imposto vai onerar a grande maioria dos «stocks» e constituir mais um pesado encargo para as empresas que, de um modo geral – sublinha – se sentem estranguladas por problemas finaneiros.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA LISBOA, 11.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da data da 2.ª e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 6243-A, 3.ª secção.

Exequentes — A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, EP.

Executgado — EMÍDIO PIRES RODRIGUES, comerciante, residente em Cardigos — Cimo do Vale — Mação.

Lisboa, 18 de Março de 1985

O Juiz de Direito,
Hugo Pereira do Amaral Barata

O Escrivão de Direito,
Manuel Palma do Espírito Santo

D.L. 8/4/85 — 1.ª Pub.

PROC. N.º 11 092
1.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

O Doutor José António da Cruz, Juiz de Direito da 1.ª Secção do 14.º Juízo Cível deLisboa.

Faz saber que por este Juízo e 1.ª secção, nos autos de Acção Sumária n.º 11 092 em que são Autora: Companhia de Seguros Império EP e Réu: FRANCISCO CARLOS PIRES, com última residência conhecida no Bairro da Estação, em Bragança.

Correm éditos de noventa (90) dias contados da 2.ª e última publicação do anúncio citando o réu para no prazo de dez (10) dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, a acção em que a Autora pede a sua condenação no pagamento de Esc: 72 809$00 e juros tudo conforme duplicado da petição que fica à sua disposição na Secretaria deste Tribunal, sob pena de ser condenado no pedido.

Por constar se passou o presente e mais dois de igual teor que vão ser afixados.

Lisboa, 19 de Março de 1985

O Juiz
José António da Cruz
Pelo Escrivão de Direito
Maria Teresa Pena dos Santos

D.L. 8/4/85 — 1.ª Pub.

FALÊNCIA DA SOCIEDADE

INAX — REPRESENTAÇÕES, LD.

Torres Vedras

Encontram-se à venda, por negociação particular, os bens apreendidos para a massa falida que são constituídos por uma grande variedade de máquinas agrícolas.

Os interessados deverão contactar o administrador da falência:

José Manuel Barreiros
(Agência Barreiros)

Av. 5 de Outubro 2560 TORRES VEDRAS

bons melões

MELÃO VALENCIANO
MELÃO PELE DE SAPO
MELÃO BRANCO DO RIBATEJO
MELÃO AMARELO
MELÃO HÍBRIDO GALLICUM PYS
SEMENTES DE PRODUÇÃO
DISPONÍVEIS EM LATAS DE 500 GRS
E BALDES DE 5 KILOS.

José Afonso Duarte

Rua de S. Nicolau, 24 Tel 866754 863426
Rua de S Mamede ao Caldas, 29 LISBOA
FILIAL EM FARO
Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65 Tel. 25375

DESPORTO

ponta esquerda

EUA: escândalo no basquetebol

A equipa de basquetebol da Universidade de Tulane (Nova Orleães, Louisiana) recentemente acusada pelas autoridades do Estado de ter recebido subornos para fixar os resultados dos seus jogos, aguarda uma sentença judicial.

Acusação acumula provas contra cinco membros da equipa, adiantando que receberam mil dólares cada um do apostador profissional Roland Ruiz, para viciar o resultado do jogo com a equipa de Menphis State, em 20 de Fevereiro.

Ajeitar um jogo, a propósito do escândalo que agita os meios universitários do basquetebol dos estados Unidos, consiste em manter o resultado numa margem específica, ajustada à do apostador que investe o seu dinheiro no suborno.

As autoridades de Louisiana foram alertadas do suborno pelo advogado Edward Kohnke, adepto da equipa e irmão de um estudante da Universidade de Tulane. «uma investigação preliminar conduziu até um dos jogadores suspeitos, Clyde Eads, que a troco de imunidade acedeu a confessar», disse o advogado Kohnke.

Entretanto, o apostador profissional Roland Ruiz, que já por duas vezes foi condenado por violações relativas a apostas de torneios desportivos, está detido desde a semana passada.

Em relação à cifra envolvida no suborno, fontes de organizações legais de apostadores do estado de Nevada classificam-na de «ridícula, quando comparada com os 50 mil milhões de dólares que se apostam ilegalmente por ano nos Estados Unidos sobre acontecimentos desportivos».

Buenos Aires: violência gera morte

Um morto, 40 feridos, quatro dos quais em estado grave, e mais de uma centena de detidos é o balanço de violentos incidentes ocorridos domingo entre adeptos de futebol e a Polícia num estádio de Buenos Aires.

Os incidentes registaram-se num desafio de futebol realizado no Estádio do Independente, que estava a vencer a equipa visitante, quando a Polícia interviu para dispersar, com gás lacrimogéneo, grupos de adeptos de ambas as equipas que se envolveram numa batalha campal.

O morto, um rapaz de 14 anos, foi atingido com uma bala no torax, e dois polícias igualmente alvejados a tiro, tiveram de ser operados de urgência devido ao seu estado.

Carl Lewwis: mais um recorde

A equipa de atletismo da Universidade de Santa Mónica, integrada pelo campeão olímpico **Carl Lewis,** estabeleceu a melhor marca mundial na estafeta de 1600 metros.

A equipa, constituída por Lewis, Ferran Tyler, Benny Hollis e Johnny Gray, fez o tempo de 3.10.76 minutos, melhorando a anterior marca de 3.11.08 minutos fixada pela equipa Athletic Attic em 1983.

Lewis, que consquistou quatro medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, correu os primeiros 200 metros em 19.6 segundos, Tyler também correu os 200 metros em 20.5, segundos, Hollis gastou 45.6 segundos nos 400 metros e Gray fez 1.43.3 nos 800 metros.

A jamaicana Merle Ottey, medalha de bronze nos 100 e 200 metros nos Jogos de Los Angeles, ganhou a prova dos 100 metros em 11.13 segundos, enquanto o norte-americano Harvey Glance venceu os 100 metros em 10.30 segundos.

Hamburgo contrata Thomas Kroth

O Hamburgo contratou por duas épocas o médio Thomas Kroth do Eintracht de Francoforte, anunciaram fontes do clube.

Acrescentaram que a transferência do Thomas Kroth atingiu cerca de um milhão de marcos (55 milhões de escudos).

O centro-campista do Eintracht de Francoforte (25 anos) vai receber perto de 270 mil marcos por ano (cerca de 1,5 milhões de escudos).

O vencedor da Taça dos Campeões Europeus de 1983, três vezes campeão da RFA e duas vice campeão desde 1979, contratou ainda vários outros jogadores que militam em divisões secundárias e distritais. Assegurando assim a presença para a época de 1985/86 do avançado Ralf Balzis do Kickers Offenbach, segunda divisão, do antigo internacional júnior Tobias Homp e do defesa Jens Duve que jogam em clubes dos campeonatos distritais.

Suíça: árbitro escapa-se de helicóptero

Um árbitro suíço de futebol foi terça-feira obrigado a sair de um campo de helicóptero para escapar à fúria dos adeptos.

O caso aconteceu no final do jogo St. Gallen - Neuchatel, ganho pelos visitantes por 2-1.

O árbitro Walter Nussabaumer expulsou o defesa jugoslavo do St. Gallen Ladislav Jurkemic e depois não assinalou uma grande penalidade contra o Neuchatel, o que levou os adeptos do clube local a manifestarem-se contra o juiz.

Uma hora depois de terminado o desafio, o árbitro ainda permanecia nos balneários e os dirigentes do St. Gallen resolveram fazer sair Nussabaumer de helicóptero «por razões de segurança».

Juventus-Bordéus: lotação esgotada

Os 64 mil bilhetes destinados ao jogo Juventus (Itália) - Bordeus (França) para as meias-finais da «Taça dos Campeões Europeus» encontram-se já todos vendidos. A receita decorrente da venda dos bilheres (cerca de 108 milhões de escudos) passa a constituir novo recorde de bilheteira do Estádio Comunal de Turim.

Futebol de salão: Espanha, 6-Lisboa, 4

Aí está o novo futebol-atracção pedindo passagem para o pódio

Por **NEVES DE SOUSA** nosso enviado especial com o apoio da **TIMEX**

Amigos: apontem no «carnet» que é fundamental aderir, já, imediatamente, sem qualquer reserva, ao futebol de salão jogado com umas leis acabadinhas de chegar da FILUSA que é assim a modos que um ramo paralelo da FIFA e, também como o grande empório do jogo-rei, coloca um brasileiro no topo da escada. João Havelange corre Seca e Meca divagando entre estádios e congressos: Januário D'Aléssio Neto, o presidente da FILUSA, também já tomou as rédeas desta variante futebolística e, apara além de garantir o segundo «mundial» em terras espanholas, lá para Outubro, igualmente está arregimentando países para que vão formando Federações próprias, de molde a ingressarem no carrossel que se adivinha vá andando de terra em terra, como cartaz de um espectáculo que só desejo que os leitores vejam, uma vez para logo ficarem fregueses.

Porque, meus caros, não se trata daquele pobre e desgranhado joguinho que todos nós já alguma vez assinámos: pontapé rasteiro mas forte, safanão no parceiro, quem tiver mais força nas pernas ganha a taça e papa o almoço. Nada disso: a bolinha, agora, tanto pode ser acariciada durante dois ou três segundos como logo endossada por alto para um extremo disparado como vertige n. Há 40 minutos para cumprir como na contagem do basquetebol, trava o cronómetro por dá-cá-aquela-palha: e, para embalar novamente, nem sequer há tempo para meter água. É um rodízio de velocidade, de inteligência pronta e eficiente, a exigirem técnica do mais elevado grau porque, ao menor descuido, aí está o outro parceiro para o desarme e, em menos do que é necessário para acender um fósforo comemos um golo e logo ficamos de boca escancarada à espera de novo sopapo na ponta do queixo.

●

Bem: disto falarei amanhã, com a propriedade colocada na boca do presidente da Federação Espanhola, vizinho que já comanda três categorias de campeonatos alargados por todo o país e tem muito que contar. Agora e para já, importa dizer que, graças a «Eusébio, Promoções e Turismo», uma empresa comandada pelo maior futebolista europeu de todos os tempos e por um jovem director hoteleiro (Eduardo Ramos) que tem recebido o apoio da Timex / Tissot (e aqui uma referência especial para o director comercial Agostinho Paiva e para os seus acessores Carlos Ribeiro e Rui Ferreira) uma representação portuguesa seleccionada depois de um torneio que envolveu a Grande Lisboa e treinada pelo «internacional» belenenses Manuel Rodrigues, foi até Guadalajara, cidade a meio caminho entre Madrid e Saragoça e, em terra onde a Espanha avança para a vanguarda de uma especialidade do futebol altamente espectacular, bater a turma anfitriã (6-2) e apenas cedeu perante a selecção nacional de «nuestros vecinos» (4-6) porque ainda não estamos integrados dentro nas novas leis regulamentadas pela FILUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) e, sobretudo, porque uma tendenciosa arbitragem de sujeito valenciano (de nome Quiñonero) até conseguiu evitar uma penalidade máxima mesmo ao cair do pano sobre o cronómtro, prolongando aquela velha e relha ideia de que em Roma importa ser romano e, em Espanha, só vence o dono da casa. Custe o que custar: e isso importa aceitar com a dignidade e o estofo, o desportivismo e a elegância da delegação lisboeta que não foi até tão longe para fazer compras, como aconteceu recentemente aos pupilos de José Torres, mas especialmente para aprender a semear. E, nisso, desculpem que vos diga, jamais, em muitas e muitas viagens com as mais credenciadas turmas do nosso futebol (muitas vezes com as quinas na camisola) verifiquei tão grande entreajuda comum, tão alto espírito desportivo e tão correcto comportamento social. Aí, portanto, a primeira vitória da aposta de Eusébio e Eduardo Ramos.

A outra (claro) salta do belo duplo «show» que, proporcionado e alguns milhares de habitantes de Guadalajara, fica como optimista cartão de visita desse tal futebol de salão que garante obrigar rapidamente a fazer correr rios de tinta. E isso foi mostrado perante um «cinco» espanhol treinado quase até à exaustão, recrutado entre milhares de praticantes, apurado com estágios e preparadores, mentalizado para um duelo que importava vencer para garantir o futuro até ao «mundial» que vai processar-se em Madrid, daqui a meio ano. Uma turma que, importa registar, tem também excelentes executantes e merece ficar para a história como aqueles que pela primeira vez acolheram Cândido de Oliveira e seus companheiros em outro desbravar de terreno: Toño e Leguna; Guilhermo, Llorens, Serra, Nacho, Lozano, Cefe e José Luis. Homens que tiveram pelas barbas uma rapaziada que fica assim para os vindouros: António Mano (Real Clube Dragões), José da Costa (Bepaliz), Jorge Almeida (Juventude Vermelha), António Cardoso (Real Clube Dragões), José Eduardo (Páteo Alfacinha), José Féria (Real Clube Dragões), Rui Varela (Restaurante Montes Claros), Vieira Dias (Visa - Almada), Pucarinho (Discoteca «A cubata»), Carlos Oliveira (Boite «Acapulco») e Raul José (Restaurante Montes Claros). Moços a que se juntaram, na aventura da noite anterior (a do êxito perante a formação da Guadalajara) os parceiros João Carlos (Discoteca «A Cubata»), Nuno Leal (Anónimos) e Rui Ribeiro (Bapaliz), todos a formarem um bom ramalhete de praticantes desse filho-criança de um futebol que todos amamos.

Pois, perante a apurada selecção de Espanha, a coisa começou do melhor modo: aos cinco minutos, golo espectáculo Raul José. Veio o empate (Nacho, 9 minutos), o mesmo artista a colocar os **vermelhos** com vantagem ainda não decorrera uma volta do relógio e Rui Varela a conseguir o empate também menos de 60 segundos antes do balde de água fria. Só que, num «pressing» feito de raivinha miúda, a Espanha (via Cefe) colocou-se no fio de prumo do marcador e daí não sairia porque, no regresso do balneário, adormecidos os rapazes desta loja, viu-se uma cavalgada que logo chegou ao 6-2 (outra vez Cefe, mais José Luís e Lozano). Só que aquilo não poderia ficar assim: e Raul José, como Carlos Oliveira, atiraram dois petardos que colocaram as coisas em melhor verdade. E mais longe se chegaria se o patifório do juiz, bem espanhol até à medúla e sem uma pequenina dupla no seu totobola, não nos tivesse surripiado a tal penalidade que todos viram, ele assinalou e depois, intranquilo, apalermado, recusou. Logo marchando para Valência entre o gozo da plateia...

Inicialmente carregando de faltas o bloco lusíada, o árbitro escreveu o desfecho. Mas não impediu que, novamente, António Mano (o moço filho de Simone de Oliveira) brilhasse com tal intensidade que o mais rigoroso dos espectadores foi obrigado a tirar o chapéu e, cá para nós, mais se radicou a idéia firme de que se trata de um dos melhores guarda-redes portugueses de qualquer ramo do ofício.

Na craveira superior estiveram igualmente Rui Varela e Jorge Almeida, José da Costa e Raul José, obviamente José Eduardo, o consciente, presidente do Sindicato dos Futebolista Profissionais que está agora de corpo e alma rendido ao futebol de salão e nele deseja patentear que cedo se recolheu a uma ausência dos grandes estádios que é fruto somente de uma carregada agenda de trabalho empresarial e sindical.

E é isto, por hoje. Entretanto, fixem bem: depois do «Torneio Primavera» (novamente organizado por Eusébio e Eduardo Ramos) vamos ter um nacional em que já vão surgir equipas do Minho, Porto, Coimbra, Beira, Setúbal, Alentejo e Algarve. Depois, os tentáculos continuarão a consquistar terreno: António Mano e seus treze companheiros foram o cartão de visita que já pede entrada nos altos areópagos.

Neves de Sousa

Futebol feminino na RFA quatrocentos mil praticantes

O futebol, apesar de considerado desporto de homens, tem mais de 400 mil mulheres que o praticam, melhor ou pior, na Alemanha Federal, segundo estatística divulgadas em Bona.

O balanço divulgado refere no entanto que o futebol feminino na Alemanha Federal não pode ser encarado com satisfação, apesar das cifras: não há espectadores para os jogos, e a qualidade das equipas deixa muito a desejar.

Por outro lado, os poucos homens que acorrem aos estádios para presenciar os jogos femininos, fazem-no mais por curiosidade pela actuação das jogadoras, do que para apreciar o futebol.

O antigo internacional Paul Breitner, que foi o «menino terrível» do futebol alemão, afirma que o espectáculo de 22 jogadoras a correr atrás de uma bola, com as naturais cargas e incidências de jogo é pouco estpetico. **O futebol é uma manifestação de virilidade, e o pontapé é um acto especificamente masculino,** na explicação dos psicólogos.

A jogada jogadora Anne Trabant, do Bergisch Gladbach, foi comparada em 1984 ao futebolista Guntar Netzer, quando a sua equipa conquistou na formosa a Taça do Mundo em futebol. **Nenhuma mulher joga futebol como um homem**, replicou então Trabant, cuja equipa não conseguiu vencer depois da vitória na Formosa uma formação de juniores masculinos.

O machismo que domina o futebol atingiu a própria Anne Trabant, 36 anos, que depois de passar com distinção no exame para treinadora, não conseguiu o lugar na equipa que mais ambicionava. **Os meus colegas masculinos são incapazes de compreender que, tal como eles também nós, mulheres, temos a paixão do futebol, e gostamos de o praticar**, queixa-se a jogadora e treinadora.

A Federação da Alemanha Federal vai organizar, a título experimental, um campeonato com equipas femininas na temporada de 1985 / 86, tentando beneficiar da quantidade para conseguir a qualidade necessária para consolidar o torneio feminino.

TOTOBOLA a chave

A chave do concurso de hoje (N.º 14), do Totobola é a seguinte:

Sevilha-Barcelona	x
Real Madrid-Atl. Madrid	2
Valladolid-Gijón	x
Santander-Valência	x
Elche-Real Sociedad	x
Espanhol-Bétis	2
Osasuna-Málaga	1
Aston Villa-Sheffield	1
Ipswich-Nottingham	1
Leicester-Liverpool	2
Newcastle-W. Bromwich	1
Watford-Southampton	x
West Ham-Tottenham	x

Matrizes: 1 173 476. Apostas: 11 395 061.

Montante para prémios: 47 859 256 escudos.

DESPORTO

ponta esquerda

Homenagem a Pedroto

O futebol juvenil quiz prestar justa homenagem a título póstumo ao inesquecível mestre José Maria Pedroto e para o efeito o departamento de futebol do FC Porto organizou um torneio que teve lugar na Invicta e Nobre Cidade. O troféu foi conquistado pelo Varzim o muito orgulhoso o «capitão» recebe do comovido presidente Jorge Nuno Pinto da Costa a taça que certamente irá ocupar lugar de destaque no «painel» do clube poveiro.

"Municipal" de Albufeira foi "vetado"

A final do campeonato distrital de juvenis da Associação de Futebol de Faro, entre Torralta e o Farense, marcada para ontem no municipal de Albufeira, não se realizou por o campo não possuir as condições regulamentares.

Uma das irregularidade detectadas relaciona-se com o facto de uma das balizas estar ligeiramente inclinada devido ao aluimento de terras naquela zona do rectângulo.

Outras das anomalias, segundo um dos delegados das equipas intervenientes, prende-se com a falta de água nos balneários.

O mesmo delegado comentou ainda que a **Associação de Futebol de Faro deveria cuidar com maior empenhamento das escolhas dos campos para bem da dignidade do futebol.**

De acordo com os delegados das duas equipas «O encontro vai realizar-se em data a indicar pelos dois clubes e num estádio dignificante» para os jovens futebolistas.

O delegado do Torralta afirmou mesmo não se opor a que o jogo tenha lugar no Estádio de S. Luís, em Faro, apesar de ser o campo do adversário da sua equipa nesta final.

Golos na Europa: quem os marca?

Os irlandeses, com uma jornada de muitos tentos, e os belgas, com dois jogos adiados, encabeçam este fim-de-semana a relação dos campeonatos europeus de futebol com melhor média de golos.

A seguir aos primeiros classificados, todos com mais de três golos por desafio, estão os campeonatos de seis nações, encimadas pela Inglaterra, cada uma com uma média superior a dois tentos mas inferior a três.

O quadro deste fim-de-semana futebolístico é o seguinte:

País	Golos	Jogos	Média
Irlanda	30	8	3,750
Bélgica	26	7	3,714
Escócia	18	5	3,600
Inglaterra	25	9	2,777
França	25	10	2,500
Espanha	22	9	2,444
Grécia	19	8	2,375
Holanda	21	9	2,333
Jugoslávia	18	9	2,000
Roménia	14	8	1,750
Turquia	14	9	1,555
Áustria	12	8	1,500

Austrália: bilhar tem vice-campeão português

O emigrante português Avelino de Freitas (natural de Câmara de Lobos, Madeira), conquistou o título de vice-campeão nacional de bilhar da Austrália. O semanário «O Português na Austrália» (de Melbourne) refere que Avelino de Freitas (39 anos) **«é um orgulho madeirense».** Amante da modalidade, iniciou a actividade aos 12 anos tendo conquistado o primeiro título com 17 anos. Depois de ter trocado o futebol pelo bilhar (jogo que segundo o campeão necessita de perícia e concentração) começou em 1974 a sua ascenção no Oeste da Austrália. Considerado pela Federação da modalidade como o melhor jogador individual em 1976, 79, 81, 82 e 84, foi ainda campeão em pares oito vezes consecutivas. Em 1984, o presidente da Federação considerou Avelino como o melhor jogador, o que lhe proporcionou o troféu então instituído de **«jogador do ano».** O jogo do bilhar conta hoje com cerca de 50 mil jogadores a nível competitivo em toda a Austrália, sendo 6 mil só na região Oeste.

Gilmar: coração fracassou

O antigo campeão do Mundo de futebol e guarda-redes da selecção brasileira Gilmar dos Santos «está a recuperar bem» de uma dupla intervenção cirúrgica ao coração.

Gilmar, operado terça-feira no Instituto do Coração de São Paulo, onde se encontra hospitalizado o presidente eleito do Brasil, Tancredo Neves, queixava-se há alguns dias de cansaço e dores nas costas. Gilmar ajudou o Brasil a conquistar os seus dois primeiros títulos de campeão do Mundo em 1958 e 62.

O ex-guarda-redes da selecção brasileira (54 anos) ainda hoje é recordado pelos adeptos do futebol de um país famoso pelas fintas dos seus centro-campistas e golos dos seus avançados.

Atletismo

Lopes e Rosa não perdem ritmo

Carlos Lopes venceu sem dificuldades o III Grande Prémio das Cerejeiras disputado em Montes da Senhora, Idanha-a-Nova.

Na prova masculina Lopes cortou a meta, após os 11 quilómetros do percurso, com mais de 200 metros de avanço sobre o segundo, Carlos Capítulo, a correr com as cores do clube de Montes da Senhora.

Na prova feminina, disputada nas ruas da povoação **Aurora Cunha** tinha à chegada mais de 300 metros de avanço sobre Lucília Soares.

A prova, organizada por um ex-emigrante e apaixonado do atletismo, natural de Montes da Senhora, José Mendes, registou um recorde de participações com a presença de 700 atletas em mais de mil inscritos. O mau tempo, com chuva intensa, afastou muitos adeptos da modalidade ou simples curiosos, mas ainda assim centenas de pessoas de toda a região acorreram a Montes da Senhora para presenciar a prova e ver de perto o até agora único medalha de ouro olímpico do desporto português.

Depois da prova foi descerrada na sede do Clube Cultural Recreativo e Desportivo de Montes da Senhora uma lápide de pedra com bronze incrustado, alusiva ao campeão olímpico da maratona de Los Angeles-84. «Não nasci para estas homenagens», disse Lopes na altura, acrescentando que «é preciso muito trabalho para chegar onde cheguei».

O presidente da Câmara de Idanha-a-Nova, Silva e Sousa, disse, referindo-se a Carlos Lopes: «Não se nasce campeão e para atingir o lugar que tem precisou de muito trabalho. A nossa juventude deveria seguir este exemplo», concluiu.

Aurora Cunha, vencedora da prova feminina, revelou que a sua próxima presença numa prova internacional vai acontecer a 21 de Abril, data em que, na Noruega, participa numa prova de 10 quilómetros estrada, especialidade em que é campeã mundial.

Classificação da prova de seniores masculinos: 1.º, Carlos Lopes (Sporting), 33 minutos e 31.56.00; 8.º Carlos Monteiro (Inter), 32.01.00; 9.º Rui Talhas 10 segundos; 2º, Carlos Capítulo (Montes da Senhora); 3.º, Rafael Marques (Sporting); 4.º, Elísio Rios (Sporting); 5.º, Óscar Santos (Régua); 6.º, Luís Costa («Os Palles», Portalegre); 7.º, Bernardo Manuel (Sporting); 8.º, Fernando Reis (Benfica); 9.º, Jaime Mendes (Mata, Covilhã); 10.º, Carlos Carvalho (Famalicão).

Classificação da prova feminina: 1.ª, Aurora Cunha (F. C. do Porto); 2.ª, Lucília Soares (Benfica); 3.ª, Cristina Pires (Loures).

Equipas masculinas: 1.ª, Amigos do Atletismo de Lisboa; 2.ª, Sevilha; 3.ª, Bomb. V. Trancoso.

Veteranos A: António Vitorino (Polícia Judiciária); B: Armando Aldegalega (Sporting); e C: Manuel Tairn (Sevilha).

Participaram na prova 27 atletas espanhóis.

Rosa Mota: triunfo (natural) em Leça do Bailio

Na tarde de sábado realizou-se em Leça do Bailio a «Prova Frisumo» que teve a presença de vários atletas consagrados e foi disputada em quatro voltas de 2500 metros. Em femininos registaram-se 48 presenças, enquanto na prova masculina o número subiu a 237. Como vencedores (esperados) **Rosa Mota** e **João Campos.** As classificações:

Femininos: 1.ª ROSA MOTA (CAP), 18.50.08; 2.ª Albertina Dias (Boavista), 19.35.77; 3.ª Fernanda Marques (ANA), 20.11.75; 4.ª Alice Costa (Boavista), 21.23.56; 5.ª Maria Dores (Neves), 21.28.12.

Equipas: 1.ª Clube Desportivo do Candal, 82; 2.ª Associação Teatro de Construção, 82; 3.ª S. Pedro de Avioso, 193.

Masculinos: 1.º JOÃO CAMPOS (FC Porto), 30.53.11; 2.º Paulo Catarino (FC Porto), 30.58.41; 3.º Hélder de Jesus (Sporting), 31.04.07; 4.º Joaquim Silva (FC Porto), 31.23.03; 5.º Serafim Garcez (Boavista), 31.38.04; 6.º David Tavares (Salgueiros), 31.44.09; 7.º José Regalo (FC Porto), (Boavista), 32.04.00; 10.º João Valente (Santana), 32.11.00.

Equipas: 1.º Boavista, 53; 2.º Salgueiros, 100; 3.º Santana, 143; 4.º ANA, 179; 5.º C.A. Valongo, 213.

Sporting vence estafeta Olhão-Faro

A equipa masculina do Sporting venceu a 18.ª edição da estafeta atlética Olhão-Faro, na distância de 10 quilómetreos.

Constituída pelos atletas Rui Viegas, Henrique Cardoso, Carlos Reis e Carlos Cabral, a equipa sportinguista gastou no percurso 30 minutos e 45,5 segundos. Na segunda posição classificou-se o Olhanense com o tempo de 33,01 minutos, seguido do Boa Esperança, de Portimão, e do Louletano.

Na prova feminina o triunfo pertenceu à equipa do Louletano, constituída por Sofia Rosa, Elsa Faísca, Elsa Luísa e Maria Armanda, que gastaram 39 minutos e 11,6 segundos para ligar o percurso.

A competição, integrada nas comemorações das «Bodas de Diamante» do Farense, envolveu 14 equipas masculinas e três femininas num total de cerca de 70 atletas.

Ultramaratona: 24 horas a correr

O atleta amador **João Camarada** completou às 12.00h de ontem as 24 horas a correr que se tinha imposto, tendo percorrido 173,99 quilómetros na sua terra natal, Vila Real de Santo António.

Camarada (44 anos), emigrante na África do Sul, que dedica as suas férias a provas de resistência, foi acompanhado na sua ultramaraina por cerca de duas dezenas de atletas juniores e veteranos do concelho e aplaudido por centenas de pessoas ao terminar a corrida, na Praça Marquês de Pombal.

A prova foi organizada pelo Conselho Desportivo Municipal de Vila Real de Santo António.

Minimaratona no Sobral de Monte Agraço

José Mestre, do Maxial, e Albertina Silva, do Alhões, venceram, em seniores masculinos e femininos respectivamente, a I Minimaratona do Concelho de Sobral de Monte Agraço, inserida nas comemorações do Ano Internacional da Juventude.

Participaram cerca de 800 concorrentes distribuídos por vários escalões etários e os vencedores das diferentes categorias foram os seguintes:

Seniores masculinos (dos 17 aos 39 anos): José Mestre (Casa do Povo de Maxial); seniores femininos: Albertina Silva (Alhões); escalão até 16 anos, masculinos: Luís Gomes (Benfica); escalão até 16 anos, femininos: Carla Baptista (Boavista, Olheiros); veteranos: António Monteiro (Maxial).

O Alhandra venceu por equipas.

Esta minimaratona foi organizada pela Associação Popular de Sobral de Monte Agraço, com o apoio da Câmara local, das Juntas de Freguesia, da casa do povo e do Inatel.

MICROSCÓPIO

Surf: Nacional

Um total de 70 praticantes de «surf» participam, entre os dias 12 e 14 deste mês, no VI Encontro Nacional da modalidade, que decorrerá ao largo de Matosinhos.

Os concorrentes pertencem a Lisboa, Porto, Aveiro e Figueira da Foz.

Organizada pela Câmara Municipal de Matosinhos, esta prova é considerada como a máxima da modalidade. A prática de «surf» começou no Hawai, alargando-se posteriormente à costa do Pacífico (Estados Unidos da América) e presentemente, tem como principais zonas de atracção a Austrália, África do Sul, EUA, Japão, Nova Zelândia e Brasil. Anualmente é organizado um campeonato da Europa, com a participação de Portugal, Inglaterra, França e Espanha

Na foto: os 10 «eleitos» por António Livramento

Hóquei em patins

Bom teste em Sevilha

Depois de excelente triunfo sobre a Itália (2-0) e porque a selecção espanhola havia derrotado a França por concludente 11-3, as duas formações ibéricas ficaram apuradas para discutir o troféu instituído nesta 8.ª edição do torneio Olivera de La Riva que no passado fim-de-semana se realizou em Sevilha. No derradeiro encontro e depois de ter estado a vencer por 3-1 a turma de António Livramento deixou-se surpreender pelo opositor perdendo por 4-3. No encontro das final António Livramento fez alinhar: Domingos; Alves, Vítor Hugo, Pereira e Vítor Bruno e os três tentos da quipa foram rubricados por Alves e Vítor Bruno (2). Apesar da derrota, foi um magnífico teste para o «Europeu» de Barcelos que se iniciará no dia 28 do corrente.

Ténis

Virgílio Coutinho vence "Copa Ibérica"

Virgílio Coutinho conquistou, no Clube de Ténis do Porto, a primeira prova da «Copa Ibérica/85», ao derrotar na final o poveiro Antero Simões, por 6-2, 6-2. Virgílio Coutinho vencera já este troféu por duas vezes, a primeira na categoria para veteranos até 55 anos, em 1983, e a segunda na modalidade veteranos até 45 anos, arrecadou o triunfo em 1980.

Para veteranos até 45 anos o lisboeta Raul Peralta derrotou na final o espanhol Enrique Toquero, por 6-2, 3-6, 6-0 e na categoria de pares/homens, Eduardo Osório e João Caetano venceram Raul Peralta e A. Figueira, por 6-4, 7-6.

Em pares mistos, os espanhóis Teresa Padellano e A. Osório venceram Jutta Barbara e Eddie Rudd, por 6-4, 4-6, 6-2.

A «Copa Ibérica/85» terá ainda um torneio em Madrid (6 a 9 de Julho) e outro na Quinta da Balaia, no Algarve (31 de Outubro a 3 de Novembro).

Troféu «Triudis»

Rui Sousa ganhou a final de cadetes do torneio de ténis «Triudis», no estádio nacional, ao vencer Nuno Reis por 6-2 e 6-3.

Nas outras finais Emanuel Couto venceu Rodrigo Manzarra por 6-2 e 6-2 e em infantis femininos Marta Peralta derrotou Tânia Couto por 6-3 e 7-5.

As finais de infantis masculinos, que opõe Bernardo Mota-Ricardo Manzarra, e de cadetes femininos, entre Patrícia Valdas e Ana Rita Ascenso, foram adiadas para o próximo fim-de-semana devido ao mau tempo.

Máximos

O nadador inglês Adrian Mohouse estabeleceu uma nova melhor marca mundial dos 100 metros bruços, ao percorrer a distância em um minuto e 58 centésimos nos campeonatos de Inglaterra, disputados em Manchester.

A anterior melhor marca pertecia ao canadiano Victor Davis, com 1.00,61

DESPORTO

Futebol: Taça de Portugal

Covilhã "salta da Serra"

Um golo solitário de Amauri permitiu ao Sporting da Covilhã qualificar-se para as meias-finais da Taça de Portugal em futebol ao vencer o Marítimo por 1-0.

O jogo, que tinha como aliciante o facto de opôr os líderes das zonas, Centro e Sul do campeonato da segunda divisão, acabou por dar a vitória à equipa mais calculista.

O Marítimo, que atacou muito mais que o seu adversário, não conseguiu transformar em golos o seu maior domínio territorial e o Covilhã acabou por encontrar o antídoto necessário ao ímpeto dos seus adversários.

Na primeira parte, o Marítimo, mas rápido, tentou surpreender a defensiva covilhanense através de lances pelos flancos do seu ataque mas não conseguia as melhores posições para o remate. A equipa da Covilhão tentava, sempre que podia, descer em contra-ataque, aproveitando a posição adiantada dos defesas contrários mas não conseguia também incomodar seriamente o Martítimo.

Os madeirenses, disfrutando das melhores oportunidades de golo, não mostravam no entanto discernimento suficiente para as concretizar e atiraram ao lado da baliza do Covilhã ou directamente para as mãos do guarda-redes Martins.

O segundo tempo trouxe um Covilhã mais acutilante e o golo obtido com o contributo involuntário de Braulio cimentou na equipa serrana a ambição de eliminar o Marítimo.

O golo, resultou de um lance em que o defesa madeirense Braulio entregou involuntariamente a bola ao covilhanense Toninho que a colocou nos pés de **Amauri** para este, sem dificuldades, marcar o golo da vitória do Covilhã.

Sob a arbitragem de Azevedo Duarte, de Braga, as equipas alinharam:

Covilhã: Martins; Margaça, Pereira, Joanito e Quim Brito; Nelinho, José Carlos e Escurinho (César, 72); Toninho, Rui Barros e Amauri (Penteado, 80).

Marítimo: Quim I; Simões (Jorge Oliveira, 80), Quim II, Braulio e Arnaldo Carvalho; Rosário (Cabumba, 80), Adérito e Richard; Alberto, Clovis e Vítor Madeira.

Acção disciplinar: amarelo para Amauri aos 80 minutos.

Juniores do Benfica «aprovados» na RFA

O Benfica ficou em terceiro lugar no torneio internacional da Páscoa de Futebol júnior de Virsen, RFA, ao vencer o clube local por 3-0.

Três golos de Cadri deram o triunfo ao Benfica e o troféu de melhor marcador do torneio ao jovem avançado benfiquista (três tentos).

O guarda-redes Eliseu ganhou o troféu para o guarda-redes menos batido.

... e Juvenis em França

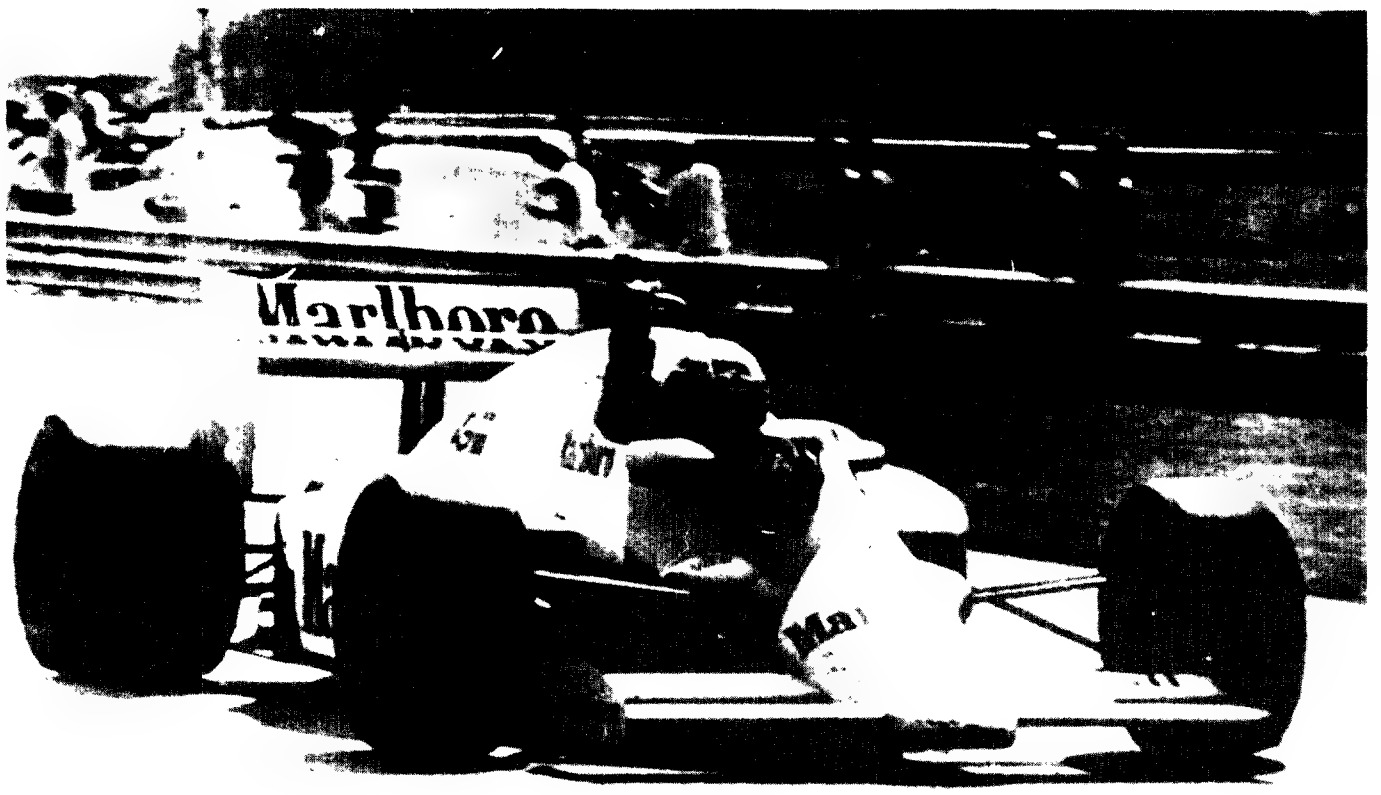
A equipa juvenil do Benfica classificou-se em terceiro lugar no torneio internacional de Brieu, França, ao vencer a equipa do Guimgamp por penalties. A equipa benfiquista foi afastado da final do torneio pela formação do Colónia, tendo perdido por 1-0.

O jogo de apuramento para o terceiro classificado foi presenciado por cerca de 10 mil espectadores, muitos dos quais emigrantes portugueses a trabalhar em França.

O jogador juvenil do Benfica, Luís Mariano, foi considerado o melhor jogador do torneio.

Futebolista reúnem no Porto

Para dar continuidade aos assuntos analisados e discutidos na recente assembleia geral realizada em Lisboa, os jogadores profissionais de futebol vão estar no Porto (Casa do Desporto) numa reunião alargada promovida pelo Sindicato a realizar terça-feira (dia 9) pelas 21 horas.



Fórmula 1

Triunfo de Alain Prost e confirmação da McLaren

Alain Prost deu à McLaren um novo recorde na Fórmula 1 ao vencer o Grande Prémio do Brasil – o oitavo consecutivo para a escuderia britânica.

Após sete vitórias nos sete últimos grandes prémios da última temporada, a McLaren entrou com o pé direito em 1985, prometendo novas vitórias.

Em 1984, a escuderia ganhou o título de construtores sem qualquer oposição e os seus pilotos (Niki Lauda e Alain Prost) conquistaram os dois primeiros lugares.

Prost, segundo classificado em 1984 a meio ponto de Lauda, ganhou, com relativa facilidade, o Grande Prémio do Brasil, disputado sob uma temperatura elevada (50 centígrados) no circuito de Jacarepaguá, arredores do Rio de Janeiro.

O piloto francês passou do sexto para o terceiro lugar logo na primeira volta, ao mesmo tempo que Michele Alboreto, (Ferrari), que partira na «pole-position» cedeu o comando da prova a Keke Rosberg.

Nigel Mansell, da Williams, foi o primeiro piloto a abandonar a corrida, depois de ter batido no Lotus de Elio de Angelis e ter saído da pista. Mansell ainda voltou à corrida, mas passadas poucas voltas abandonou. Após a sua desistência, foi a vez do outro Williams, o de Rosberg, abandonar com o motor em chamas e logo de seguida o brasileiro Nelson Piquet e Françoise Hesnault disistiram. «Ao sair da curva, o carro patinou. Creio que havia óleo ou qualquer coisa semelhante na pista», justificou Piquet.

Após 15 voltas, Alboreto continuava na frente, seguido por Prost e Lauda, até que à volta 19, o francês ultrapassou o italiano e caminhou para o seu primeiro triunfo da época.

Lauda e o brasileiro Ayrton Senna da Silva ocupavam o terceiro e quarto postos, mas o austríaco começou com problemas eléctricos no seu McLaren e parou para ir à boxe sendo ultrapassado pelos demais concorrentes.

Prost continuava à frente – chegou a dispor de mais de meio minuto de vantagem sobre Alboreto – seguido do italiano da Ferrari e de Senna da Silva, a esperança dos brasileiros, que à volta 50 recolheu às boxes com problemas mecânicos no seu Lotus. Com o abandono de Senna da Silva, De Angelis passou para o terceiro posto, seguido de Arnoux, Tambay e Laffite, que viriam a terminar por esta ordem.

Ordem de chegada

1.º **Alain Prost**, França, McLaren 1 hora, 41 minutos, 26 segundos; 2.º Michele Alboreto, Itália, Ferrari, 1.41.29; 3.º Elio de Angelis, Itália, Lotus, 1.42.16; 4.º Rene Arnoux, França, Ferrari, a uma volta; 5.º Patrick Tambay, França, Renault, duas voltas; 6.º Jacques Lafitte, França, Ligier, duas voltas; 7.º Stefan Johannsen Suécia, Tyrrell, três voltas; 8.º Phiulippe Alliot, França, RA, três voltas; 9.º Martin Brudndle, G. Bretanha, Tyrrell, quatro voltas; 10.º Derek Warwick, G. Bretanha, Renault, quatro voltas.

Classificação

Classificação do «Mundial» de pilotos de Fórmula 1 após o Grande Prémio do Brasil (primeira prova da competição) ontem disputado no Circuito de Jacarepaguá, Rio de Janeiro.

1.º Alain Prost, França, McLaren, 9 pontos; 2.º Michele Alboreto, Itália, Ferrari, 6; 3.º Elio de Angelis, Itália, Lotus, 4; 4.º René Arnoux, França, Ferrari, 3; 5.º Patrick Tambay, França, Renault, 2 e 6.º Jacques Laffite, França, Ligier, 1.

A segunda prova do «Mundial» é o Grande Prémio de Portugal, a disputar dia 21 no Autódromo do Estoril.

Rali Safari: Aaltonen perto do triunfo

O finlandês Rauno Aaltonen, ao volante de um Opel Manta, comanda com 154 pontos o Rali Safari após a conclusão da segunda etapa.

O grande prejudicado nas últimas provas de classificação da etapa foi o ex-líder, o sueco Bjorn Waldegaard, em Toyota, que devido a problemas mecânicos no seu veículo perdeu 32 minutos para Aaltonen.

O italiano Attilio Bettega, depois de um excelente começo de prova, foi obrigado a abandonar por problemas de motor no seu Lancia Martini.

O alemão-federal Erwin Weber, em Opel Manta, fez uma boa prova nos difíceis terrenos da etapa e é agora segundo a apenas cinco minutos de Aaltonen.

Classificação geral oficiosa após 28 provas de classificação:

1.º Rauno Aaltonen-Lofty Wanger, Finlândia, Opel Manta, 154 pontos; 2.º Erwin Weber-Gunter Wanger, RFA, Opel Manta, 159; 3.º Juha Kankunne-Fred Gallager, Finl./GBR, Toyota, 164; 4.º Mehta-Rob Combs, Quénia, Martini Lancia, 167; 5.º Ari Vatanen-Terry Hagmann, Finl./GBR, Peugeot, 170; 6.º Vic Preston Jr.-Ivan Smith, Quénia, Martini Lancia, 181; 7.º Mike Kirkland-Anton Levitan, Qénia, Nissan, 184 e 8.º Bjorn Waldegaard-Hans Thorzelius, Suécia, Toyota, 211.

O Rali termina hoje em Nairobi.

MODALIDADES

Andebol

O FC do Porto derrotou por 18-16 o Sporting, na categoria de juniores, na final do V Torneiro Internacional de andebol organizado pelo FC de Gaia.

Em juvenis, o título pertenceu igualmente ao FC Porto, que derrotou o Benfica por 20-19, após prolongamento e uma série de cinco grandes penalidades. No final do tempo regulamentar registava-se uma igualdade a 17 golos.

Judo: portugueses em França

A equipa de judo do Ginásio Clube Português classificou-se em quinto lugar entre 29 equipas no Torneio Internacional de Moirans, França.

Na competição, dedicada aos escalões mais jovens da modalidade, a equipa portuguesa obteve dois primeiros lugares, um segundo, quatro terceiros, seis quartos, três quintos e três sextos.

A vitória coube ao clube organizador, o Judo Clube de Moirans.

Participaram na prova atletas de França, Espanha, Itália, Holanda, RFA e Portugal.

Xadrez: título adiado

Isabel Pereira dos Santos, do FC Foz, e Luz Vilas Boas, do mesmo clube, terminaram empatadas em pontos – 6 – no primeiro lugar da classificação final do campeonato nacional de xadrez feminino.

Conforme estabelece o regulamento, as duas primeiras classificadas disputarão agora um «match» de desempate de 4 partidas, para apurar a campeã nacional.

No entanto, Isabel Pereira dos Santos parte para o «match» com a vantagem do melhor desempate, o que lhe permitirá sagrar-se vencedora com somento dois pontos dos quatro em disputa.

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA

1.º JUÍZO

ARREMATAÇÃO

1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 15 de Abril de 1985, pelas 14 horas, neste tribunal, Rua Braamcamp, 5, 4.º, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a Atenta — Vigilância Comercial e Industrial, Lda., com sede na Rua Penha de França, 107, 3.º Dt.º, em Lisboa, no processo executivo n.º 4106/84, instaurado por dívida ao Centro Regional de Segurança Social de Lisboa.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Sete secretárias metálicas com tampo em fórmica, em bom estado, no valor de 140 000$00;

Verba n.º 2 — Oito cadeiras para secretária, forradas a napa preta, em bom estado, no valor de 40 000$00;

Verba n.º 3 — Duas máquinas de calcular, da marca «SAM-PUTER», mod. 2300 PD, com os números M-620837 e M-821019, em bom estado, no valor de 40 000$00;

Verba n.º 4 — Uma máquina de calcular da marca «TOSHIBA», mod. BC-1285-PC, n.º 101787, em bom estado, no valor de 20 000$00;

Verba n.º 5 — Uma máquina de calcular da marca «NIKKAM», mod. 912 MED, n.º 320120, no valor de 10 000$00;

Verba n.º 6 — Duas máquinas de escrever da marca OLIVETTI, mod. LIMA-98 e TEKNE-3, em bom estado, no valor de 60 000$00;

Verba n.º 7 — O direito ao arrendamento e trespasse do 3.º andar, lado direito, do n.º 107 da Rua Penha de França, em Lisboa, pelo qual é paga a renda mensal de 20 000$00, no valor de 3 500 000$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos, da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 4 de Abril de 1985.

O JUIZ DE DIREITO
(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O LIQUIDATÁRIO TRIBUTÁRIO
(Américo Gomes Nunes)

D.L. 8/4/85 – 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamar o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução de Sentença, n.º 8430/B, 2.ª secção.

Exequentes — Companhia de Seguros Império, E. P.

Executado — Fábrica de Lapidação e Espelhagem de M. Pinto, Lda.ª

Lisboa, 14 de Março de 1985

O Juiz de Direito,
a) Jaime Manuel Belém Santana Guapo

O Escrivão de Direito,
a) António José de Paiva Costa

«DL» 8/4/85 — 1.ª Pub.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Viagem da comediante

TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO, de Catherine Hayes. **Tradução**· Armando Silva Carvalho. **Encenação, Luzes e Figurinos:** Carlos Fernando. **Cenografia:** José Manuel Castanheira. **Assistente de encenação:** Teresa Madruga. **Música:** «Moeda-Noise». **Pianista:** Ezequiel Pontes. **Sonorização:** Hermenegildo Gomes. **Interpretação:** Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **Teatro Hoje.** Estreia: Teatro da Graça, 20.3.1985.

Num cenário excessivo (bela criação de José Manuel Castanheira que precisava de outro espectáculo), Jill, a vedeta de segunda agora em plena decadência, fala das suas frustrações de artista de mãlas artes e de mulher de piores vidas.

Em primeiro lugar, um diálogo com o seu agente e amante, último de uma série pouco menos que interminável. Ela percebeu que ele se prepara para a trocar por uma jovem, provavelmente uma futura Jill, troca que os empresários também exigem já esta éuma sociedade de troca de consumo. Como as carcaças dos automóveis do cenário (espantosa ideia) também os artistas, como os outros trabalhadores, são gastos, utilizados e lançados ao lixo.

Todo esse longo diálogo é naturalmente inútil porque é plonástico. Tudo o que as personagens dizem, sabemo-lo a partir do momento em que deparámos com Jill: a verdadeira artista é aquela que traz estampado no rosto o discurso da sua destruição, como é o caso, se me é permitida a ironia de mau gosto. Rosto com o qual Jill goza: «Quem me dera poder ver o que ela vê» – «ela», a sua imagem no espelho.

Com a entrada de Miriam, a filha de Jill (David, o gémeo, levou tão longe seu corte com a mãe que até mudou de nome), com Miriam a peça muda: agora o combate, razoavelmente cruel, é entre uma mãe que detesta os filhos e sobretudo a filha, e a filha que a detesta, «que sempre detestou aquele «teatro». Mas não é tudo teatro, ali? Não são aqueles amores e aqueles ódios, aquelas frustrações e aquelas desesperanças, puro teatro? Não são Miriam veio gozar a mãe através duma notícia que é para esta terrível: Raymon, seu ex-gente e seu ex-amante, o único homem que amara, e que filialmente Miriam lhe caçara, tinha desistido e acabara de se enforcar. Oh!

Agora Jill está pronta para o seu último acto (também aqui), para a sua última canção. Embora o agente e os empresários não queiram, ela exige fazer a sua última representação até porque está ali Miriam para a aplaudir/patear.

Última parte do espectáculo. Sobre a carcaça de um automóvel, junto à escadaria das vedetas, Jill fala da sua vida, dos seus amores, dos filhos, misturando essas confissões com as anedotas que continua a contar e que é suposto não interessarem o público, e ainda com as canções, mais ou menos pífias, acompanhadas ao piano. Aqui a peça levanta um problema dramatúrgico interessante. O texto que a comediante diz deve ser um texto falsamente cabotino, desinteressante, ou deve ser um texto forte que não corresponda à proclamada decadênca da artista? Deve ser um texto capaz de despertar as gargalhadas do público ou a sua indiferença? Ou seja: deve a intérprete transformar-se numa autêntica artista de cabaret, numa «entertainer», e o público num autêntico público de cabaret (uma espelunca como ela diz)? A julgar pelas reacções moderadas dos espectadores nem, por um lado, as anedotas de Jill eram tão engraçadas como ela quereria (mas algumas têm bastante graça) nem a sua confissão tão patética que fizesse levantar o público das cadeiras.

E por isso as dúvidas persistem, embora tudo isto tenha a ver com a escassez de génio revelada por Catherine Hayes nesta sua peça.

Por isso o problema se põe. Que razões levaram à escolha deste texto, além do pequeno número de intérpretes que exigê, além de permitir um trabalho interessante para uma actriz. Num país como a Inglaterra, onde o teatro é uma vivência que faz parte do quotidiano das pessoas, onde são inúmeros os artistas na situação de Jill, onde o drama que aqui se levanta é familiar a cada espectador, compreende-se o interesse, mesmo assim relativo, que uma peça como esta pode levantar. Mas por cá, as coisas são tão diferentes que é legítimo perguntar se o Teatro Hoje, desta vez, acertou na escolha, aliás condicionada pelo facto de dispor apenas de um subsídio de montagem e não do subsídio regular a que tem direito.

José Manuel Castanheiro criou um espaço em que plantas, carcaças de carros, elementos envidraçados, iluminados, sugerem um mundo cuja imagem corresponde à do texto (ultrapassando-o na fragilidade que o marca). No centro, o lugar da representação, definido por persianas que começam por ocultar o espaço, depois são manipuladas de maneira a que o espectador-espreita **(voyeur)** veja os actores através das fendas abertas, o que permite interessantes jogos de enquadramento e lembra Ritsos: **Por isso se olharmos as mulheres com atenção, veremos nos seus rostos/ as franjas de sombra horizontais das persianas fechadas/ entre os raios de luz de um perdão distante.**

Depois, as persianas são levantadas para que o espectáculo possa, para o espectador, livremente acontecer.

As mesas, em forma simicircular, a que os espectadores se sentam, fazem parte do cenário: sobre elas toalhas de rendas como os panos que cobrem paredes do cenário. São elementos do «cabaret» em que Jill representa. As lâmpadas vermelhas ajudam a criar a ilusão do teatro.

Peça para uma actriz, «Todos os Cómicos Acabam com uma Canção» não dá grandes oportunidades aos outros intérpretes: Teresa Madruga e Carlos Fernando. A primeira muito bem em Miriam, marcando sem exageros o relacionamento difícil não apenas com a mãe, mas com a vida, o segundo, no agente, aquém do que a personagem, apesar de tudo, exige. Aquela espécie de proxeneta, também ele, afinal, um pobre diabo frustrado e destinado à valeta, merecia uma outra composiçao uma presença mais forte, uma violência mais matizada, uma filha-da-putice e uma ferida mais fundas.

Mas o que interessa é chegar a Ana Paula e dizer o que há de mangífico neste seu trabalho. É certo que esta peça existe para que a matriz brilhe mas é preciso ser-se, de facto, actriz para corresponder a esse desafio. Anna Paula é este espectáculo. Falta-lhe, talvez um toque mais marcado de cabotinismo (que a personagem pede) mas isso não invalida, nem sequer tem importância, os resultados obtidos: uma criação soberba de uma personagem que nos é estranha, e daí a sua dificuldade, e que só existe pela maneira como a actriz no-la traz, no-la torna familiar. Um momento de teatro, por isso, inolvidável.

E aí está como uma peça mediana, que não traz novidades em relação a um tema já tão batido pelo teatro e pelo cinema («O Comediante», de Osborn, por exemplo), se transformou, pelo trabalho de uma actriz, num facto marcante. Digamos que cenógrafo e intérprete mareciam melhor. Ter-se-á reparado que não me tenha referido à encenação. É que aqui este trabalho, para além da criação do espaço partilhada com o cenógrafo, é sobretudo da descoberta de um tempo certo para a actriz. Mas é nesta, em Ana Paula, que o espectáculo torna corpo, se torna teatro. Boa música, em especial, durante o monólogo, e boa tradução de Armando da Silva Carvalho.

Viena aceita "Amadeus" apesar de algumas distorções

Para os vienenses amantes da música o filme «Amadeus», que ganhou oito «Óscares» este ano, destrói algumas ilusões sobre a vida do seu querido Mozart, mas a ideia geral é que se trata de uma obra-prima.

Críticos e estudiosos da música reconhecem que o filme de Milos Forman apresenta algumas pequenas distorções históricas sobre a vida do compositor Wolfgang Amádeus Mozart, que viveu e morreu em Viena no século XVIII, mas acrescentam que de um modo geral a história está correcta.

O filme recebeu oito «Óscares» em Los Angeles, uma das maiores vitórias da história de Hollywood, e foi considerado a melhor película de 1985.

«O filme è absolutamente fantástico. Não interessa se alguns pormenores são completamente verdadeiros ou não. A obra não pretende ser um documentário», disse o crítico de música da Televisão austriaca, Karl Loebl.

Este crítico reconhece que há alguma falta de exactidão especialmente no que diz respeito aos últimos dias de Mozart, «mas isso não tem importância».

As cenas finais do filme mostram Mozart a ser empurrado para a morte por exaustão pelo compositor italiano Salieri, roído pela inveja do jovem génio e ao mesmo tempo o seu maior admirador.

O público vienense, acostumado a livros, filmes e outras obras dedicadas a «Wolferl» – o afectuoso diminuitivo para Wolfgang Amadeus Mozart – centrando-se somente na sua obra musical, ficou espantado com a apresentação dada pelo filme à vida pessoal do compositor.

Desde a sua estreia em Dezembro na capital austríaca que o filme tem sido um sucesso. A obra do realizador checoslovaco radicado nos Estados Unidos, Milo Forman é baseada numa peça com o mesmo nome por Peter Shaffter, que também escreveu o argumento cinematográfico.

Alguns historiadores criticam a relação Mozart - Salieri mostrada no filme.

«Nunca ficou provado que Salieri pretendesse matar Mozart. A estadia de Salieri num manicómio é pura invenção, assim como o facto dele passar junto de Mozart as últimas horas da vida deste», diz a professora Margareta Saary, especialista de Mozart na Universidade de Viena.

«Mas pela primeira vez Mozart foi apresentado como um verdadeiro ser humano, não como um «cliché kitsch», e o filme captura a atmosfera real de Mozart e da sua época», acrescenta esta especialista.

Os músicos profissionais são mais críticos, queixando-se que o filme é mais um espectáculo que uma verdadeira biografia de Mozart.

Nomeadamente o «riso exagerado» da figura de Mozart é lamentado por Kurt Hohner, violista da Orquestra de Câmara de Viena.

«É hisotricamente verdadeiro que Mozart gostava de se rir mas de certo modo este riso estraga o som da música», comenta.

Por sua vez em Salzburgo, uma das capitais musicais da Europa, onde Mozart nasceu em 1756. Lamenta-se um pouco que o filme tenha sido rodado em Praga, e não nesta cidade. Mozart trabalhou a maior parte da sua vida em Salzburgo e em Viena, onde veio a morrer em 1791, com 35 anos.

Rudolf Angemueller, director do departamento científico da Fundação Internacional Mozart, considera que o filme é brilhante mas tem pena que não tenha sido filmado em Salzburgo.

«Penso que é uma vergonha que o cenário não seja o autêntico, facto que o realizador tentou esconder através dos efeitos luminosos »

Forman fez o filme na capital checoslovaca em parte por ser mais barato.

Os Estúdios Barandov de Praga oferecem muito boas condições aos cineastas estrangeiros. Ironicamente «Amadeus» ainda não foi mostrado aos checoslovacos.

Júlio Isidro regressa esta noite a RTP-1 com um programa intitulado «Arroz Doce»

18.17 Notícias
18.22 Tempo dos Mais Novos
19.00 Teleregiões
19.25 Feiras de Portugal – «Feira de São Miguel, Cabeceiras de Basto.
20.00 Telejornal
20.27 Boletim Meteorológico
20.35 «Chuva na Areia» – 65.º episódio
21.10 Arroz Doce – um programa de Júlio Isidro. Produção: Victor Pedro. Realização: Luís Filipe Costa.
23.20 Último Jornal

RTP 2

Inicia-se na RTP-2 uma nova série intitulada «Caminhos do Bem e do Mal»

19.32 Desenhos Animados
20.00 O Povo e a Música – Rancho Folclórico de Castelo de Vide.
20.20 RTP/Madeira
20.45 «Caminhos do Bem e do Mal» – 1.º episódio. Intérpretes: Johnny Dorelli, Philipe Leroy, Mário Ladorf, Roberto Farris, Rodolfo Bigotti, Frederica Mastroianni, Eurilla Del Bono, Ângelo Branduardi e Renzo Montagnani.
21.40 «A Sucessora» – 65.º episódio.
22.15 Jornal da Noite

Amanhã

RTP1

18.17: Notícias; **18.20**: Tempo dos Mais Novos; **19.00**: Teleregiões; **19.20**: Música da América; **20.00**: Telejornal; **20.27**: Boletim Meteorológico; **20.30**: «Chuva na Areia», **21.05**: Actuat **22.00**: «Forças em Conflito»; **23.00**: Último Jornal

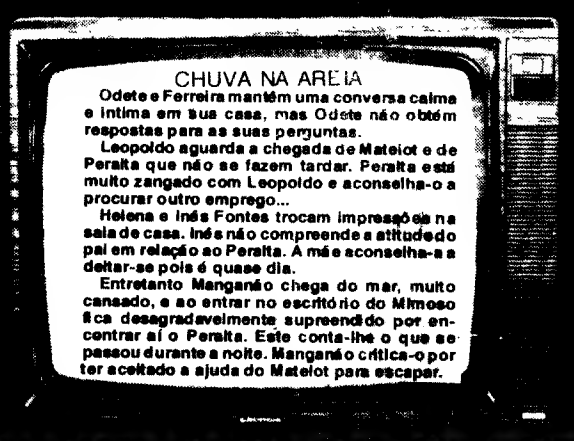
RTP 2

19.32: Desenhos Animados; **20.00**: GNR, Grupo Novo Rock; **20.20**: Conheça Melhor; **20.30**: «La Milième Nuit»; **21.40**: «A Scuessora»; **22.15**: Jornal da Noite.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP1
Arroz Doce
(21.10)

RTP2
«Caminhos do Bem e do Mal»
(20.45)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RADIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada Telef. 2112871

Brasil

Aprovada nacionalização das empresas cinematográficas

A nacionalização da produção, distribuição e exibição de filmes no Brasil, sancionada a 27 de Março último pelo presidente interino José Sarney, surpreendeu os meios cinematográficos locais, embora tivesse reunido o apoio da maioria dos cineastas. No entanto, ela originou também protestos veementes. É ocaso, por exemplo, do realizador e produtor Roberto Farias, presidente da empresa brasileira de filmes, Embrafilme, nos anos 70, e que considerou a nacionalização «uma decisão cega, xenófoba e ultrapassada».

Por seu lado, o realizador João Baptista de Andrade, que ganhou vários prémios internacionais com o filme «O Homem que Virou Suco», e que é apontado como possível novo presidente da Embrafilme, manifestou preocupação pela amplitude e rigidez da nova legislação, para a qual considera que teria sido necessário um processo de discussão mais prolongado.

Entretanto, o ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, considerou a propósito da presente legislação que o cinema «é uma indústria que deve ser defendida e protegida» e recordou que a nacionalização do cinema é uma velha reivindicação dos cineastas. No mesmo sentido se pronunciaram o deputado Sarney Filho, que considerou a nacionalização como «medida preventiva de possíveis pressões das multinacioanis» e o presidente cessante da Embrafilme, Roberto Parreira, dizendo que as «distribuições estrangeiras sufocam as empresas nacionais, deixando-as sem filmes para exibir e constituindo uma das causas do agravamento da crise do mercado.»

Crise esta que é considerada como estando na origem de toda a preocupação suscitada em torno da lei. Segundo dados da Embrafilme, em 1975 venderam-se 275 milhões de bilhetes nas salas de cinema do Brasil e, em 1983, apenas 106 milhões.

Outras estatísticas não se mostram menos alarmantes: em 1980 foram produzidas no país 102 longas-metragens para exibição comercial, e em 1983 apenas 70.

A lei sancionada em Março proíbe qualquer participação de capitais estrangeiros nas empresas que distribuem, produzem e exibem películas no Brasil. Segundo o deputado Sarney Filho, a única solução para as multinacionais em operação no Brasil é agora a de «venderem as suas empresas locais e nomearem testas-de-ferro brasileiros para as dirigirem».

Mundo do "Ultramar" à vista no Restelo

Um mundo fabuloso e insuspeitado que se esconde aos olhos profanos da esmagadora maioria dos portugueses «move-se» ali para as bandas do Restelo, percorrendo as vastas salas de um museu de etnologia como não seria de imaginar.

São milénios de história da humanidade, da Europa, à Ásia, de África ao continente americano e à Polinésia, que se evolam daquele fantástico espólio museográfico, onde avultam, a par de milhares de peças dos quatro cantos da terra, trinta mil objectos da etnografia da África negra, entre obras de arte e utensílios gentílicos.

É, na verdade, um fabuloso tesouro que vem sendo recolhido, classificado e sistematizado desde 1962, apenas, e que, no entanto parece insignificante quando comparado com a centena e meia de milhares de peças africanas que constituem o espólio do museu de Budapeste, na Hungria.

Esta diferença, mais não significa que o desinteresse dos portugueses pela cultura dos povos africanos (e de outros, mais remotos), com os quais tão de perto conviveram. E mais parece indicar que só em 1962 olharam mais atentamente para o mundo exótico com que, durante meio milénio e tão estreitamente, contactaram.

Pode, em todo o caso, a recolha feita desde o início da década de sessenta considerar-se notável, até porque se fez em 20 anos (com o, em alguns aspectos paralisante, 25 de Abril pelo meio) o que se não fizeram em cinco séculos. O grande responsável deste «milagre» foi Jorge Silva, impulsionado por Silva Cunha, um antigo ministro de Salazar, que se apercebeu do alcance da instituição.

Uma verdadeira equipa de técnicos tem vindo, ao longo desta vintena de anos, a recolher, classificar, sistematizar e arrumar este extraordinário espólio, em bolandas, desde o primitivo depósito num edifício do Príncipe Real, pelo palácio Burnay, Museu Agrícola do Ultramar, rés-do-chão e cave de um prédio da Rodrigo da Fonseca, palácio Vale Flor e, finalmente, o actual museu, um magnífico e funcional imóvel construído para o efeito.

E é nesta «casa», cuja abertura está programada para Outubro do ano corrente, que vão estar patentes ao público, em período pré-inaugural, duas exposições, que decorrerão de 19 a 31, uma das quais – «o modernismo e a arte negra africana» – pôde já ser vista em 1976, durante um pequeno período de abertura (cerca de um mês) do museu da Avenida da Ilha da Madeira, no Restelo.

A outra, de «instrumentos musicais populares portugueses», também já foi visitada no museu e constitui uma mostra de grande valor etnográfico, sobretudo português, já que reúne instrumentos populares de todos os pontos do País.

Museu de guerra será leiloado em Londres no mês de Junho

O Museu da Guerra de Londres, uma colecção privada de aviões de combate, tanques, armas, fardas de combate, relíquias e outras recordações da Segunda Guerra Mundial, vai ser leiloado no Verão – anunciou o proprietário.

Mais de 5000 artigos, num valor calculado de dois milhões de libras (cerca de 400 000 contos), irão a leilão a 5 de Junho, menos de dois anos depois da inauguração do museu, no Whitehall Theatre, em Londres.

O proprietário do museu é Paul Raymond, pioneiro dos espectáculos londrinos de nu e editor de uma revista erótica.

Raymond, de 59 anos, perdeu em Fevereiro uma batalha com o conselho municipal de Westminster para manter o museu aberto. O conselho opôs-se à transformação do teatro num local de exposições.

Em vez de voltar a utilizar o edifício para «teatro ao vivo», Raymond disse que prefere vendê-lo. Naquele teatro ele apresentou espectáculos de revista, cabaret e strip-tease, até à abertura do museu em Agosto de 1983.

«É triste. Quando Paul Raymond apresentava espectáculos de nu no Whitehall, parecia estar tudo bem. Agora que existe qualquer coisa que vale realmente a pena, estamos fechados» – disse Raymond aos jornalistas.

Suspensos do tecto por arames estão os estimados «brinquedos» de Raymond: um avião de combate nazi «Messerschmitt» com cores para o deserto, um «Spitfire» usado na batalha de Inglaterra, um «Mustang» norte-americano e uma réplica de voo de um «Sopwith Pup», o seu único tesouro da Primeira Guerra Mundial.

Em estantes de vidro ao longo das paredes estão metralhadoras, granadas e pistolas da Segunda Guerra Mundial, punhais de desfile, uniformes do exército, etiquetas de cigarros e partituras musicais da época, livros de senhas de racionamento e fotografias autografadas de Adolf Hitler e Winston Churchill.

Uma citação para uma medalha assinada por Hitler e atribuída ao piloto nazi Ulrich Rudel deverá render no leilão mais do que as 20 000 libras que Raymond pagou por ela há um ano.

CARLOS JOAQUIM FREITAS MADEIRA

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que faleceu no passado dia 2 e que será celebrada a Missa, amanhã terça-feira, dia 9, pelas 18 h, na Igr. do Lumiar, agradecendo a todas as pessoas amigas que a acompanharam.

P.N. A.M.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	76$65	82$65
ALEMANHA FED (marco)	54$80	55$90
ÁUSTRIA (xelim)	7$70	7$95
BÉLGICA (franco)	2$565	2$765
BRASIL (cruzeiro)	$025	$040
CANADÁ (dólar — notas de 1 a 2)	125$90	127$90
(notas de 5 a 1000)	126$40	128$40
DINAMARCA (coroa)	15$30	15$70
ESPANHA (peseta)	$934	1$054
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	173$50	175$50
(notas de 5 a 1000)	174$00	176$00
FINLÂNDIA (marka)	26$35	26$95
FRANÇA (franco)	17$95	18$65
HOLANDA (florim)	48$60	49$60
IRLANDA (libra)	172$40	176$40
ITÁLIA (lira)	$078	$088
JAPÃO (iene)	$655	$690
NORUEGA (coroa)	19$10	19$60
REINO UNIDO (libra)	209$50	213$50
SUÉCIA (coroa)	19$00	19$60
SUÍÇA (franco)	64$75	65$85
VENEZUELA (bolivar)	10$90	11$90

Observações:
1 – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; **17.50**: Informação regional; **18.05**: A gaita dos sete foles; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.20**: No estúdio e no estádio; **20.35**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários a todas as horas

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.32**: Solos de instrumentos; **16.45**: Ária de Séneca, da ópera «A Coroação de Pompeia», de Monteverdi; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.30**: Música da Bolívia; **18.00**: Uma poesia, de Ramos Rosa; **21.30**: Os anos 80; **22.10**: O canto e os seus intérpretes; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Cabo da Boa Esperança; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: O passageiro da noite; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**. O som da frente; **17.00**: Ondas luisianas; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: Jazzofone; **22.00**: Café concerto; **24.00**: Pé-de-vento; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Meia-tarde; **16.00**: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Universidade na Rádio; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

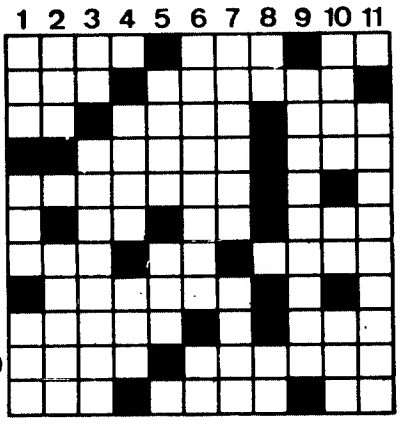
14.00: Zona franca; **15.00**: Estaminé do ritmo; **16.00**: A cor do som; **18.00**: Entre-campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Porto belo; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 399

HORIZONTAIS:

1 Aquele que. Recusa. Gálio (s.q).
2 Cidade da Baviera. Freguesia do concelho de Ceia.
3 Flauta chinesa de três buracos. Cousa nenhuma. Fruto da Ateira.
4 Freguesiao do concelho e distrito de Bragança. Bondoso.
5 Ciclone violento, frequente no litoral americano.
6 Tempo do verbo ir. Ósmio (s.q). Pronome pessoal.
7 Mitologia. Crómio (s.q). Numeral cardinal.
8 Penalizar.
9 Enrobescem. Rio da Suíça.
10 Fazes subir. Causa agastamento.
11 Astrónomo português que montou o Observatório de Lisboa. Fruto dos cereais. Preposição.



VERTICAIS:

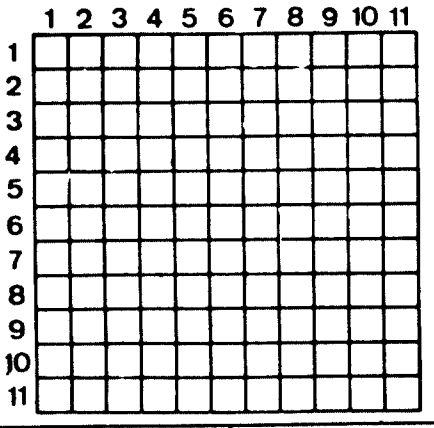
1 Letra grega. Possui. Calote.
2 Grito. Sacrifico.
3 Preposição. Fragmentara.
4 Romance de Emílio Zola. Fluido aeriforme.
5 Apanha. Preposição.
6 Aquela que nada. Viração.
7 Terramotos. Capital da Letónia (URSS).
8 O mesmo que oh! (Bras). Preposição e artigo.
9 Freguesia do concelho de Mirandela.
10 Grampo. Interjeição brasileira. Preposição.
11 Misturaram.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 239

HORIZONTAIS:

1 Cidade de Espanha, província de Sevilha. Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.
2 Despacho. Âncora.
3 Basta! Conferir.
4 Cidade da Roménia. Prendo. Antes de Cristo.
5 Magote. Lantânio (s.q). Ferro temperado.
6 Clima. Árvore indiana, de fibras têxteis. Atmosfera.
7 Nome de flor. Concede.
8 Pronome pessoal. Rei de Basã morto por ordem de Moisés.
9 Artigo. Batráquios anuros.
10 Seguia. O mesmo que três. Consentimento.
11 Carcomeras.



VERTICAIS:

1 Antigo reino da Península Ibérica.
2 Avarento. Curso de água natural e abundante.
3 Zomba. Alcatifar.
4 Ferrar.
5 Sobra.
6 Freguesia do concelho de Mirandela. Medida de superfície.
7 Dais sinais. Preposição.
8 Sufixo que designa abundância. Rio dos Estados Unidos.
9 Istmo montanhoso que liga a Indochina à península de Malaca. Abreviatura de Santíssimo Sacramento.
10 Segurado fortemente com os braços.
11 Seguia. Ousadia.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 14 298

HORIZONTAIS:

1 O. BOM. SOFRE.
2 Corão. Ara.
3 Camas. Anata.
4 Orb. SM. Egas.
5 Roa. Ea. Sara.
6 An. Anui. Sãs.
7 Lasca. De.
8 Ou. Sopé.
9 Querias. Tom.
10 Cr. Ao. Ado.
11 Elais. Leões.

VERTICAIS:

1 O. Coral. QUE.
2 Carona.
3 Bomba. Sueca.
4 Ora. Acorri.
5 Massena.
6 O. MAU. NÃO.
7 Id. Sal.
8 Oanes. És.
9 Fragas. Otão.
10 Ratara. PODE.
11 Asássemos.

PROVERBIO: O bom sofre o que o mau não pode.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 238

HORIZONTAIS:

1 Jackson. Par.
2 Âmio. Uivos.
3 Bom. Crás. Sa.
4 Eros. El. Tui.
5 Sa. Ion. Coma.
6 Samatra.
7 Lusa. Bara.
8 Amali. Canal.
9 Figas. Alisa.
10 Ar. Al.
11 Assassinara.

VERTICAIS:

1 Jabés. Jafna.
2 Amoras. Mi.
3 Cimo. Alagas.
4 KO. Simulara.
5 Oásis.
6 Ourenta. As.
7 Nial. Cali.
8 VS. Cabal.
9 Pó. Anima.
10 Assumiras.
11 Aia. Alaga.

cartaz de cinemas e teatros

ÁVILA 539930
Av Duque d Ávila, 92A
Às 14 45, 17, 19, 21.30 e 23.45 – M. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

AVIS 547153
Av Duque de Ávila 45
Às 15, 17, 19 e 21 30 – Int men 18 a
O BEIJO, LE BAISER

BABILÓNIA
Av Elias Garcia, 362-D
Às 15 15, 18.15 e 21 30 – M. 12 a.
GENTE GIRA

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA
10.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – Para Todos
PINOCCHIO
Falado em português
2.ª Semana

CASTIL 530194
R Castilho
Às 15.30, 18 30 e 21.30 – M 12 a
OS DESTEMIDOS

CINE BLOCO 5568[illegible]
R Pinheiro Chagas 10
As 14.30, 16 45, 19 e 21 30 – N ac. men. 13 a
O CAMPEÃO
Às 24 - M. 12 a.
HAMMETT, DETECTIVE PRIVADO

CINE CAMÕES 324194
R do Loreto 15
Às 14, 16.30 e 21 30 – N. ac. men. 13 a.
O DESTINO BATE À PORTA

CINE 222 579460
Av P da Vitoria 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – M. 6 a.
BINGO-BONG
Às 24 – N. ac. men. 18 a.
OS IMPLACÁVEIS EXTERMINADORES

CINESTÚDIO LIDO 937593
P. D. João I, Amadora
Às 15 30 e 21.30 – M 12 a.
PARIS TEXAS

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 – Amadora
Às 15.30 e 21.30 – M. 12 a
TOP SECRET, ULTRA-SECRETO

CONDES 322523
Av da Liberdade 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – M. 16 a.
O CONFRONTO

2000 2100055
Av B Voluntarios Its 113/4
Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 – M. 12 a.
A ESTRADA DE FOGO

EDEN 320768
P Restauradores 21
As 14, 16 30, 19 e 21.30 – M. 12 a.
BEVERLY HILLS COP, O CAÇA-POLÍCIAS
5.ª Semana

ESTUDIO 555134
Al Afonso Henriques 35
Às 15 30, 18 30 e 21.30– M 12 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN
4.ª Semana

ESTUDIO 444 779095
Av Defensores de Chaves 83 B
Às 15, 17, 19 e 21.30 – M 12 a.
PAULINA NA PRAIA

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade
SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 – M. 12 a.
COMEBACK, FUGITIVOS DO INFERNO
SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23 45 – M 16 a
O CONFRONTO

IMPÉRIO 555134/5
Al Afonso Henriques 35
Às 15 15 18 30 e 21.30 – M. 12 a
O CORPO DO MEU INIMIGO

LIDO 937593
P. D. João I. Amadora
As 15 30 e 21.15 – M. 12 a.
OS TARADOS DO RIO LOUCO

MONTECARLO 681117
Av Pedro Álvares Cabral 37
Às 14.15, 16 30 e 21.30 – M 16 a.
O MARGINAL

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro 42 B
Às 14, 16 30, 19 e 21.30 – M. 12 a.
UM LUGAR NO CORAÇÃO
c/ Sally Field

ODEON 326283
R dos Condes [illegible]
As 15 15, 18 15 e 21 30 – M. 18 a.
A FÚRIA DA BESTA

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches 122
Às 14, 17.30 e 21.30
MY FAIR LADY

UMA CENA DO FILME «PAULINA NA PRAIA». A NOVA OBRA-PRIMA DE ERIC ROHMER DA SÉRIE «COMÉDIAS E PROVÉRBIOS». EM EXIBIÇÃO NO ESTÚDIO 444 E QUARTETO A PARTIR DO DIA 29 DE MARÇO (INCLUSIVE).

POLITEAMA 326716
R Portas S Antão 109
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 – M 12 a.
KINDAR, O INVULNERÁVEL

QUARTETO 771378
R Flores de Lima 16
SALA 1
Às 15, 17, 19 e 21.30 – M 12 a.
PAULINA NA PRAIA
Às 23.30 – M. 18 a.
NOSFERATU, O FANTASMA DA NOITE
SALA 2
Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 – M. 12 a.
JENELA INDISCRETA
c/ James Stewart e Grace Kelly
SALA 3
Às 14, 16 30, 19 e 21.15 – M 16 a.
NOSTALGIA
Às 23.30 – M. 18 a
TRON
SALE 4
As 15, 17, 19 21 30 e 23.30 – M 12 a.
ULTRA-SECRETO

QUINTETO 573407
R Actor Taborda 27 B
As 14,30, 16.45, 19 e 21.30 – N ac men 18 a.
PINK FLOYD, THE WALL
Às 24 – Int. men. 13 a.
A MELHOR CASA DE PRAZER DO TEXAS

ROMA TEL 727778
Av de Roma 14 M-N
As 14, 16 30, 19 e 21 30 – M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA
10.ª Semana

ROXY 548560
Av Almirante Reis 20
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 – M 8 a.
O CÃO

SAO JORGE 579144 579344
Av da Liberdade 175
SALA 1
Às 15.15, 18.30 e 21 30 – M. 12 a.
ENCONTRO COM O AMOR
2.ª Semana
SALA 2
As 14.15, 17 45 e 21 – M 12 a.
PASSAGEM PARA A ÍNDIA
6.ª Semana
SALA 3
Às 14.45, 16.45, 18.45 e 21.45 – M. 12 a.
PROTOCOLO
3.ª Semana

7.ª ARTE [illegible]
Av Republica à E. Entre Campos junto ao n.º 63
Às 15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 – M. 12 a.
PROTOCOLO
c/ Goldie Hawn

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro 14 C
Às 15, 18.15 e 21 30 – M. 12 a.
GENTE GIRA
21.ª Semana

TURIM [illegible]
E de Benfica [illegible]
Às 15, 17 30 e 21.45 – M 12 a
OS TAXISTAS DO RITMO

VOX 88 808
[illegible]
As 15, 18 15 e 21 30 – M. 12 a.
OS DESTEMIDOS

XENON [illegible]
Av da Liberdade [illegible]
Às 14.15, 16,30, 19 e 21.30 – M. 12 a
OS FUGITIVOS DO INFERNO

outros cinemas

LISBOA

ALFA-1 – «Passagem para a Índia», às 21.30 (12,anos)
ALFA-2 – «Revolta no Pacífico», às 21.30 (6 anos)
ALFA-3 – «O Caça-Polícias», às 21.45 (12 anos)
ALFA-CLUBE – «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (6 anos)
TERMINAL – «História do Soldado», às 21.30 (12 anos)
ZODÍACO – «O Império do Desejo», às 21.30 (18 anos)
FONTE NOVA – Sala 1 – «Pink Floyd, The Wall», às 21.45 (18 anos)
FONTE NOVA – Sala 2 – «Pinocchio», às 21.15 (6 anos)
FONTE NOVA – Sala 3 – «Nunca Mais Digas Nunca», às 21.30 (12 anos)
MUNDIAL – «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)
APOLO 70 – «Passagem para a India», às 21.30 (12 anos)
CAPITÓLIO – «Violações Sexuais», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «As Insaciáveis do Sexo», sessões permanentes (18 anos)
CITY-CINE – «O Lugar do Morto», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO ACS – «Os Taxistas do Ritmo», às 21.30 (12 anos)
LONDRES – «Amadeus», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI – «Pinocchio», às 21.30 (Todos)
RESTELO – «Os Tarados do Rio Louco», às 21.30 (12 anos)
PROMOTORA – «A História de Bruce Lee», às 21.30 (12 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL – Casino – «Terra Sangrenta», às 21 15 (16 anos)
CASCAIS – Impala – «Gelados Quentes, Sonhos Dormentes», às 21 30 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «Zás! Tudo ao Léu», às 21 30 (12 anos)

Outra Banda

ALMADA – Academia – «Vidas em Jogo», às 21.15 (12 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Dom Camilo», às 21.15 (6 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 1 – «A Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA – Oceano – Sala 2 – «Annie», às 21.45 (6 anos)

Linha de Sintra

CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Nova Iorque, 2 Horas da Manhã», às 21.30 (18 anos)

Porto

VALE FORMOSO – «Fúria de Vingança», às 21.45 (12 anos)
BEBÉ – «Paris Texas», às 21.45 (12 anos)
OLÍMPIA – «Sheena, a Rainha da Selva», às 21.30 (12 anos)
CHARLOT – «Paris Texas», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE – Sala L – «Mulher Pública», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «Aventuras de Hércules», às 21.45 (12 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «Tentação Irresistível», às 21.30 (18 anos)
ÁGUIA – «Pinocchio», às 21.45 (Todos)
RIVOLI – «Mulheres Enamoradas», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
PASSOS MANUEL – «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
CHAPLIN – «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
SÃO JOÃO – «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE – «Amadeus», às 21.15 (12 anos)
PEDRO CEM – «Gente Gira», às 21 30 (12 anos)
LUMIÈRE – Sala A – «O Homem dos Dois Cérebros», às 21 30 (12 anos)
NUNO ÁLVARES – «Pinocchio», às 21.30 (Todos)
JÚLIO DINIS – «As Raparigas Alegres do Campo», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ANJOS AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Cortez**, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, R. da Luz, 199-A (T. 720969); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **PRÍNCIPE REAL - SÃO BENTO: Confiança**, P. das Flores, 59-60 (T. 670401); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bivar, 69-71 (T 547213); **BRANDOA - AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **CODIVEL - ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA; Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO

ALFAMA: Costa, R. Escolas Gerais, 88-A; **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilena**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620); **ALVALADE: Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **ARROIOS - CHILE: Brasil**, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 546843); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carrondo**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **SANTOS: Marcos Nascimento**, C. Marquês de Abrantes, 36-A (T. 664238); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Rainha Santa**, R. Sociedade Fil Piedense, 50-A (T. 2294182). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R dos Álamos, 2-A (T 2296464) Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av da Liberdade, 13 (T. 2233471) Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av Joaquim J Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino** Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Mira**, P. Jorge Af. (T. 20427). Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 134 (T. 23211). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 2216). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146, Algés de Cima (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 2191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. HENRIQUE DE Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T 2470361) Até às 22 horas; **PAREDE: Alair**, Av Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T 2472948). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas (T 2461312). Até às 22 horas, **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T 2852121); **MADORNA: Madeira**, R A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T 260087) Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde Monte Real, Bairro Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **Cavaca**, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T. 955[illegible]). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Catujal. Até às 19 horas; **CACÉM: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

OUTRAS

MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518) Até às 22 horas; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15-A (T. 2518025). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

Porto

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

SÁ DA BANDEIRA, R. Sá da Bandeira, 236; **CANAVARRO**, R. da Restauração, 53; **ANTERO DE QUENTAL**, R Antero de Quental, 520; **VAZ TEIXEIRA**, R. do Heroísmo, 56; **PRELADA**, R Central de Francos, 316

DE DIA E TODA A NOITE

VASQUES, R. das Condominhas, 794; **FÁTIMA**, R. de Oliveira Monteiro, 475; **CONTUMIL**, R. do Contumil 540, **ALIANÇA**, R. da Conceiçao, 2 **BARROS**, R do Loureiro, 104

COIMBRA

SILCAR, R Ferreira Borges, 88-94 (T 22923); **OLIVEIRA RAMOS**, R. Cidade de Santos, 67, Monte Formoso (T 20758); **SÃO SEBASTIÃO**, R. António Jardim, Bairro de São Sebastião, Olivais (T. 712802).

teatros

PORTO

CARLOS ALBERTO – Grupo Experimental de Bailado do Porto, às 21.45 (6 anos)
CAMPO ALEGRE – «Uma Família do Porto», às 21.45 (13 anos)
POVO PORTUENSE – «O Fidalgo Aprendiz», às 22.00 (13 anos)
REALEJO – «Com Papas e Bolos se Enganam os Tolos», às 21.30 (16 anos)
TEP – «Amor de D. Perlimpim com Belisa em seu Jardim», às 21 45 (6 anos)

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

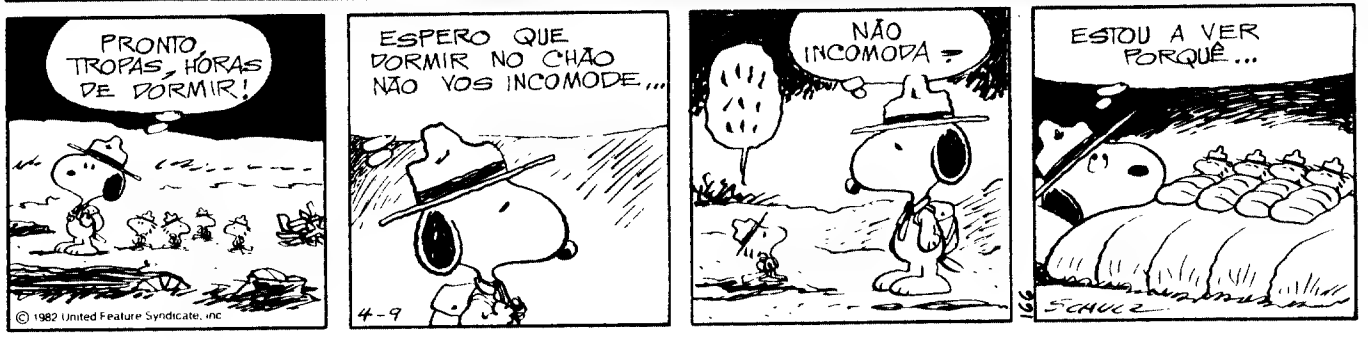
Depósito Legal n.º 1426/82

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154 – Redacção: 320271/2/8

Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

Preço do «DL» na Madeira: 40$00

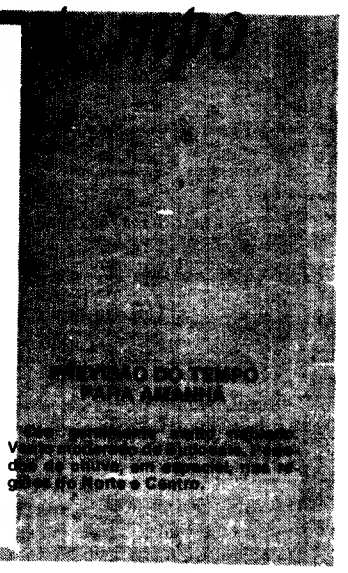


PREIA-MAR BAIXA- MAR

5.58	4,3 m	10.39	0,7 m
17.19	4,2 m	23.00	0,8 m
	Dia 9		
5.43	4,0 m	11.22	1,0 m
18.04	4,0 m	23.48	1,1 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	5º
VIANA DO CASTELO	9º
VILA REAL	7º
PORTO	13º
COIMBRA	10º
CABO CARVOEIRO	13º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	13º
ÉVORA	11º
BEJA	12º
FARO	16º
SAGRES	15º
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	15º



Homilia pascal de João Paulo II evoca o final da Segunda Guerra

O Papa João Paulo II terminou ontem as celebrações da Páscoa com uma mensagem e breves saudações em 47 idiomas perante 300 mil pessoas, na Praça de S. Pedro.

João Paulo II celebrou a missa do dia da Páscoa, que durou duas horas, e terminou com a tradicional mensagem pascal e a solene benção «Urbi et Orbi» a Roma e ao Mundo), que se repete duas vezes por ano: no Natal e na Páscoa.

Na sua mensagem, a que centenas de milhões de pessoas de todo o Mundo assistiram pela Televisão, o Papa recordou os 40 anos que passaram sobre o final da Segunda Guerra Mundial, as cidades destruidas, as guerras atómicas e a perseguição e assassínio de judeus.

João Paulo II classificou de «mártires e heróis» aqueles que morreram na defesa das liberdades, incluindo as dos filhos dos que praticaram violência.

Condenou também «a opressão e todas as formas de tortura que ainda subsistem» e pediu «paz para as zonas do Mundo onde existem conflitos armados».

Recordou ainda «a tragédia da fome que se abate sobre milhões de seres humanos».

Ressurreição

O Arcebispo da Cantuária, no seu sermão da Páscoa, reafirmou ontem a crença da Igreja Anglicana na Ressurreição de Jesus, ao mesmo tempo que um bispo afirmava não haver provas de que Cristo tenha voltado dos mortos.

Em serviços realizados por todo o país, os clérigos da Igreja Anglicana apoiaram o Arcebispo Robert Runcie na rejeição das dúvidas sobre a Ressurreição levantadas pelo bispo David Jankins de Durham.

Runcie afirmou que a história dos Evangelhos se baseia «em recordações de primeira mão e tradição segura. São acontecimentos suficientemente fidedignos».

Mas o bispo Jenkins, cuja demissão tem sido pedida por outros prelados, afirmou que, embora a sua crença na Ressurreição seja «esmagadora», não há qualquer prova de que ela se tenha verificado.

Em entrevista para a Televisão, Jenkins sublinhou «ter a creteza de que Jesus voltou dos mortos» mas admitiu que os discípulos podiam ter roubado o corpo de Cristo do túmulo depois da Crucificação.

Jenkins, que foi anteriormente professor de Teologia, levantou o ano passado dúvidas sobre o relato que os Evangelhos fazem do nascimento da Virgem e da Ressurreição.

Desempregados já são quase meio milhão

O número de desempregados subiu quase 20 mil unidades entre o terceiro e o quarto trimestre do ano passado, ascendendo no fim de Dezembro a 493 20. De acordo com informações hoje divulgadas pelo Instituto Nacional de Estatística este quantitativo é composto por 183 500 pessoas que procuram o seu primeiro emprego (sendo cerca de 125 mil do sexo feminino) e por 39 700 que aguardam novo emprego (165 mil das quais são mulheres).

A taxa de desemprego atingiu assim os 10,8%, depois de no terceiro trimestre do ano ter ficado pelos 10,3%. A revolução do número de desempregados foi a seguinte desde o terceiro trimestre de 1983: 490 400 (10,6% da população activa); 484 400 (10,4% no segundo quarto trimestre); 479 500 (10,6% no primeiro trimestre de 1984); 464 300 (10,2% no segundo); 474 900 (10,3% no tercero) e, finalmente, 493 200 (10,8% no quarto).

Quanto aos diferentes sectores de actividade, registe-se que se verificou uma grande estabilidade no volume de emprego no sector primário, um crescimento significativo do sector secundário uma quebra importante no terciário, que atinge o seu valor mais baixo de sempre.

De notar também que este acréscimo do número de desempregados se ficou essencialmente a dever ao aumento do número de pessoas que procuram um novo emprego. O número dos candidatos ao primeiro emprego registou mesmo um ligeiro recuo.

Cento e dez mil sairam pela Ponte 25 de Abril

Retardatários só hoje regressam a Lisboa

Mais de cento e dez mil veículos saíram de Lisboa pela Ponte «25 de Abril» entre quinta-feira e ontem, apurou esta manhã o «DL» junto da portagem da Auto-Estrada do Sul. Foi no primeiro dia que mais carros saíram (39 227), ao passo que ontem o movimento registado por aqueles serviços rondou os 23 mil carros: menos dois mil e quinhentos que sexta-feira e mais 437 que no sábado.

Muitos dos cerca de noventa mil carros que passaram pela Ponte «25 de Abril» entre quinta-feira e sábado terão entrado em Lisboa, quer por aquela portagem quer pela da Auto-Estrada do Norte, em Sacavém, ontem e esta manhã. De qualquer modo, são muitos os retardatários que só hoje estarão de volta à capita. A «Brisa» não tinha esta manhã ainda números definitivos do movimento de ontem na Portagem de Sacavém.

A PSP prevê que ao fim da tarde de hoje aumente o fluxo de trânsito nas entradas de Lisboa por Sacavém e pela Ponte 25 de Abril, com a chegada daqueles que saíram da capital na quinta-feira e sexta-feira e que por uma ou outra razão se atrasaram no regresso.

Aliás, haverá muitos, entre esses retardatários, sobretudo os que se dirigiram para o Norte, que aproveitaram o facto de em larga parte daquela região hoje ser feriado. Em muitos dos concelhos nortenhos, sobretudo junto ao Douro, o compasso foi hoje a casa pos paroquianos. Isso sucedeu nas freguesias com várias povoações distantes entre si alguns quilómetros em que não é possível levar a cruz a beijar a todos os fiéis no Domingo de Páscoa. Aí, o que se não faz no domingo concluiu-se na segunda-feira.

O trânsito ontem para Lisboa, quer pela Ponte 25 de Abril quer pela Portagem da Auto-Estrada, em Sacavém, levou a medidas excepcionais por parte daqueles serviços, o que mesmo assim não evitou a formação de bichas em qualquer dos lados, se bem que de pouca duração. O quadro seria bem pior se o tempo estivesse bom. Julga-se que o mau tempo terá retido muitos dos condutores que saíram de Lisboa. Daí que se preveja grande afluxo de trânsito, por Sacavém e pela Ponto 25 de Abril, durante a tarde.

Entretanto, entre as zero horas de quinta-feira e a mesma hora de hoje, a PSP havia registado noventa acidentes de viação que causaram 43 feridos, sete dos quais graves. As manobras perigosas constatadas pela corporação foram 38, na sua maioria por excesso de velocidade. O abuso de álcool, ainda segundo a PSP, esteve na origem da maioria dos acidentes de viação.

Recorde-se que a GNR não tomou precauções especiais nas estradas portuguesas durante a quadra pascal. A Brigada de Trânsito limitou-se a reforçar alguns pontos e a dispor de mais homens que o que é habitual, mas em número de longe muito inferior ao que normalmente comportam as suas operações de Natal e Páscoa.

Espanhóis sairam ontem de manhã

O aumento de trânsito, ao princípio da tarde de ontem, nos acessos a Lisboa, implicou a abertura da terceira via da Ponte 25 de Abril e ao funcionamento das seus portagens da Auto-estrada do Norte, em Sacavém. Cinco delas deram entrada aos automobilistas vindos de fora, enquanto a outra escoou os poucos automobilistas que saíram de Lisboa, na sua maioria na direcção de Vila Franca e Santarém.

Mas não só esses: também muitos dos espanhóis que vieram passar as minifériasda Páscoa a Portugal e que hoje, já nas suas terras, recuperam do cansaço da viagem, porque é dia feriado no país vizinho – como praticamente em toda a Europa.

Um informador da portagem da Auto-Estrada do Norte disse esta manhã ao «DL» que o movimento de entradas, ontem à tarde, em Lisboa, foi incomparavelmente superior ao de saídas, quer de manhã quer da tarde, sublinhando ainda que, durante as primeiras horas, foram muitos os espanhóis que tomaram a Auto-Estrada do Norte, provavelmente para saírem em Vila Franca de Xira nas direcções de Elvas e Marvão - Porto Roque.

Por outro lado, Lisboa foi ontem à tarde e esta manhã um verdadeiro «paraíso» quanto a trânsito. O facto de muitos estabelecimentos comerciais não terem hoje aberto as suas portas ajudou bastante. Mas não foi tudo: é que hoje, muitos dos lisboetas ainda se encontravam fora.

Reduzido foi, ontem e hoje, o movimento no «banco» dos hospitais de S. José e Santa Maria, enquanto o movimento nas ruas, segundo um informador da PSP, foi calmo, sobretudo ontem. Os BSB não foram praticamente chamados para nada, apesar da chuva que ontem e esta madrugada caiu, ao mesmo tempo que a maré subia, ameaçando criar situações de pequenas cheias.

«Páscoa branca» na serra da Estrela

O troço da EN n.º 339 entre a Nave e a Torre, na serra da Estrela, abriu ontem ao trânsito. Aquele troço havia sido fechado às seis horas da tarde de quinta-feira, por mor da intensa queda de neve nesse dia à tarde.

O troço entre Sabugueiro e Torre, contudo, continuava esta manhã ainda fechado ao trânsito, ignorando-se quando é que poderá vir a ser desimpedido.

Apesar disso, inúmeras pessoas deslocaram-se no último fim-de-semana na direcção da Serra da Estrela, sem se afoitarem a nela entrarem em direcção à Torre. A morte da família do «Elefante Branco», na passada sexta-feira, como o «DL» noticiou, desmotivou todos aqueles que para ali se dirigiram na esperança de encontrar neve – espectáculo que aliás gozaram, quer nas faldas da serra em Seia, quer na Covilhã.

Diversas actividades recreatipas e desportivas assinalaram, na Porta dos Hermínios, na Covilhã, a chamada «Páscoa Branca», que é nem mais nem menos que a Páscoa na serra coberta de neve, iniciativa do Clube Nacional de Montanhismo daquela cidade.

Provas de esqui na Estrela e um desfile de penteados e a passagem de modelos constituíram o essencial do programa que, segundo o presidente do CNM, visa a «valorização turística da Serra da Estrela e a sua promoção através dos desportos da neve».

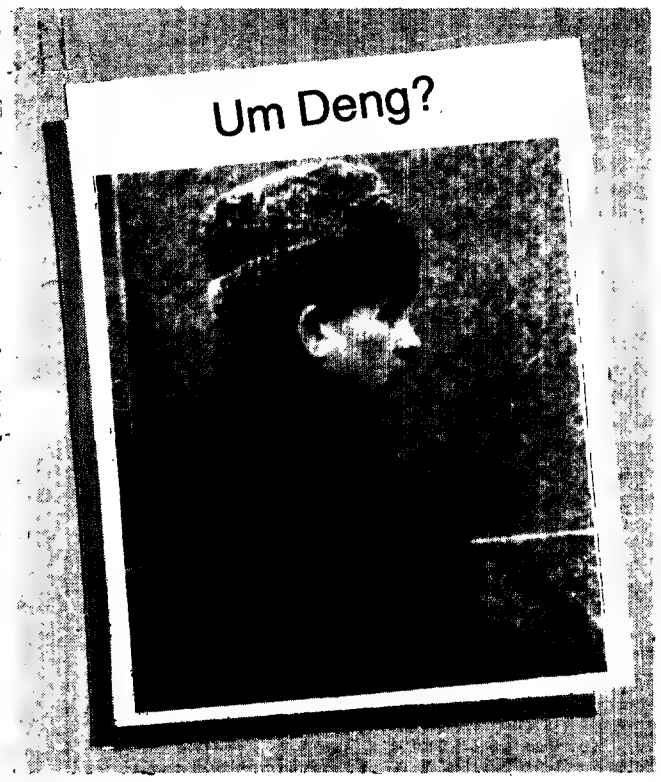
Um dia de rotina para Schroeder

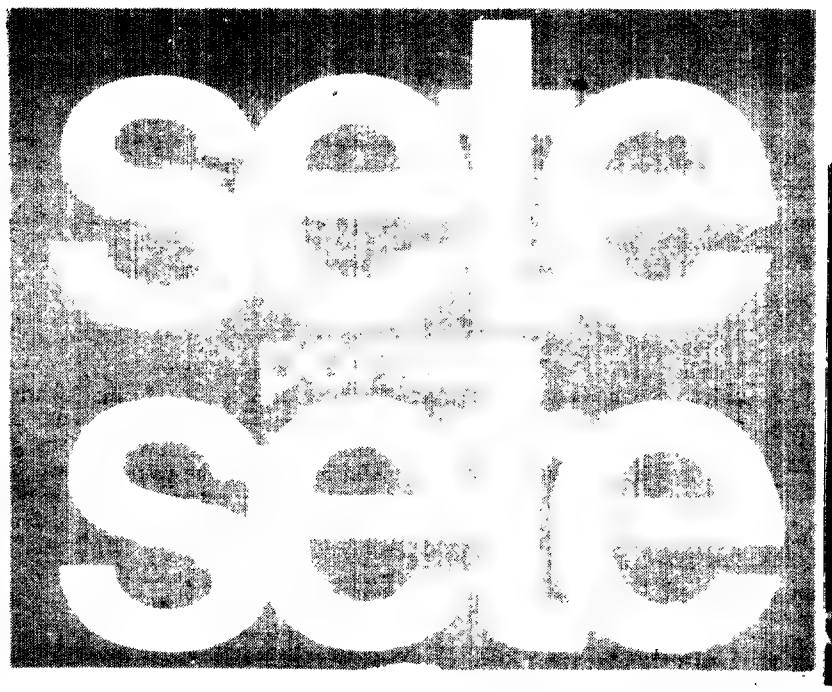
William Schroeder, o primeiro portador de um coração artificial de plástico, passou o seu domingo de Páscoa em casa e preencheu com actos de mera rotina segundo aquilo que o estado de saúde lhe pode proporcionar. De acordo com Robert Irvine, porta-voz do hospital de Audubon, onde o paciente de Indiana foi operado, Schroeder «iniciou já a transição para a vida doméstica, depois de ter estado 133 dias num estabelecimento hospitalar». De 53 anos de idade, o portador do coração de plástico vive num apartamento de quatro divisões, com sua mulher, e acompanhado por enfermeiras e alguns guardas que lhe fazem segurança pessoal.

"Sida" invade os Estados Unidos

Um cientista norte-americano descobriu agora que a SÍDA atinge neste momento mais de dois milhões de cidadãos dos EUA, isto é, quase o décuplo das estimativas oficiais. Em entrevista ao jornal «Observer», Robert Gallo declara que o número de pessoas afectadas por esta doença será na Europa o mesmo dentro dos próximos dois anos. O cientista, que esteve reunido com médicos de Londres e Oxford durante a sua deslocação à Grã-Bretanha, na semana passada, avisou também que uma segunda epidemia, produzida por um vírus semelhante ao que provoca a síndroma da imunodeficiência adquirida (SIDA) estava iminente.

O SUPLEMENTO DAS SEGUNDAS-FEIRAS





Destaque:
TOFFLER

PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

CHAGALL

O presente

Contradizendo espectacularmente as suas próprias declarações de ontem, Fulano prometeu esta manhã, à saída do seu encontro de uma hora com Beltrano, em Tal Parte, que...

São como esta as fórmulas mágicas com que nós, jornalistas, criamos um mundo. Satisfazemos a necessidade de informação, seja ela natural ou cultural — diz a sociologia que se ocupa do que fazemos. E, no entanto, tem-se mostrado impossível o acordo quer sobre qual seria a natureza dessa necessidade de informação, quer sobre as informações de que «verdadeiramente» necessitaria o homem que vive em sociedade.

Aqueles para quem o sentido que as coisas têm é uma questão incontornável admitem que fazemos significar factos, isto é: que com as nossas narrativas, mais do que satisfazer a necessidade de informação, damos sentido ao real. Assim, nós, os jornalistas, seríamos operários especializados de uma labiríntica construção — a construção de uma, ou de mais que uma, visão do mundo. Esta definição da nossa actividade associa-nos directamente ao Poder: com ele ou contra ele, o fio da nossa lenga-lenga ajudaria a tecer o manto de ideias, de comentários e de invenções com que ele se cobre. E assim nós, jornalistas, seríamos acólitos da perpétua liturgia dos poderosos, estejam eles em seu trono ou atravessando o deserto para ali chegarem.

Também tornamos próximo o longínquo, e traduzimos o indecifrável. Por isso nos dizem **mediums**. Mas sobretudo **tornamos presente**. Pôr as coisas no presente, eis o sintoma principal da nossa doença incurável. E de tal modo o presente é o nosso deus vivo, para o serviço do qual diariamente nos preparamos, que quando algum de nós liga, em sua narrativa, passado, presente e futuro, examinando globalmente o seu sentido ou satisfazendo — ainda melhor! — a famigerada necessidade de informação, os seus leitores se sentem participar num dispêndio soberbo, num luxo. Tenho encontrado quem pense que estes gestos grandiosos constituem a «verdadeira» informação. Porém, trabalhando no seio dessas arquitecturas esporádicas, e suportando-as, lá está a invariante obsessão do operário especializado do presente: é porque as coisas estão a acontecer **agora** que há vantagem em compreender a sua genealogia e em que condições poderão modificar-se.

Nós trabalhamos com um objecto inquietante, e que gera angústia: esse **presente** que tanto nos obceca ossifica-se a cada instante, transformando-se em passado, ao mesmo tempo que ameaça fugir-nos, desvanecendo-se sob o peso do devir. Lidamos com ele como se lida com um fluido escaldante: é um vulcão em actividade. Nós apenas aprendemos a domesticar os caminhos da sua lava... quando é possível.

Surpresa: isso mesmo é o que faz, com o seu próprio presente, cada um dos indivíduos de que cada um de nós está r odeado. Porém, um número inimaginável de indivíduos foge do seu presente, ou comporta-se de modo a torná-lo quase inexistente. Uma ideia supostamente económica sobre a vida é aquela, bem comum, de que o presente não passa de uma convulsão incontrolável e temível. Lidar com o momento que passa e, mais ainda, com a complexidade dos presentes em explosão é uma actividade bem menos gratificante do que a de recordar e a de conjecturar.

É verdade que a explosão dos presentes simultâneos se tornou hoje num espectáculo, e por isso mesmo sofreu uma mutação apaziguadora e reconfortante. É um erro definir-se o telespectador, por exemplo, como a vítima do seu próprio gesto de carregar num botão. «Entra-lhe em casa, queira ou não queira, uma montanha de informação sobre os factos mais díspa-ros...», diz dele um proteccionismo que garante preocupar-se com a sua saúde mental. O facto é que a quantidade de ficções e de realidades com que hoje vive um espírito banal é infinitivamente maior do que a considerada necessária e desejável por qualquer espírito «protector»...

É bom lembrar estas simples realidades, no momento em que o «Diário de Lisboa», ao completar 64 anos de existência, se prepara para aparecer ao seu público de cara lavada reordenando os seus dizeres sem perder a sua identidade. Não se trata apenas de uma operação de cosmética — e é com prazer que o sublinho aqui, neste suplemento, que se tem querido um espaço aberto a todos os **presentes** desejosos de aqui espiralarem até se tornarem coisas evanescentes do passado. A seu modo, e sem enjeitar os momentos da sua existência — e foram vários, e bem distintos uns dos outros — em que se arriscou a tornar-se o prisioneiro de facções, este jornal caminhou para o presente múltiplo, contraditório e repleto de «possíveis» sem se sentir constrangido por um freio doutrinário e libertando-se, como quem as sacode, de novas censuras.

Por isso há lugar para, daqui, saudar o velho jornal que se renova, absorvendo porções cada vez mais várias do real que **está a acontecer agora**, e que tem a obrigação de narrar. Mas estas palavras deveriam igualmente servir de introdução a mais este número do Sete Ponto Sete. De qualquer forma, já pertencem ao passado. Boa leitura...

JM

MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

R E P E T I Ç Õ E S

Encenação da Primavera

«Sete Ponto Sete» foi ver e ouvir Alvin Toffler à Gulbenkian no passado dia 29 e o texto que segue é a impressão vivida do que lá aconteceu — uma quase reportagem que é mais o rever posterior de um espectáculo do nosso poder, intentando distinguir o que na sopa é caldo e o que é couve, já que muitos equívocos se constituíram à volta da figura do autor de «A Terceira Vaga». Tanto o livro como o sociólogo andam a ser entendidos pelo que não são, e nisso assemelham-se tanto aduladores quanto detractores.

Que a conferência que Toffler deu para uma grande assistência no Auditório 1 da Gulbenkian não acrescentou nada ao que as pessoas leram de «A Terceira Vaga» era coisa que já se esperava: pelo seu monólogo inicial se viu que o sociólogo estava muito simplesmente a fazer a promoção do último livro de sua autoria que entre nós teve tradução.

O próprio livro, o documentário televisivo que adveio do seu sucesso, não vieram acrescentar nada a uma série de estudos feitos na Europa e nos Estados Unidos sobre a revolução civilizacional e o pós-industrialismo, de que é uma **síntese,** com um valor coadunado às características inerentes a um trabalho do género. No entanto, «A Terceira Vaga» é hoje lida como um evangelho do futuro e o seu autor tido como um seu profeta.

Mais uma vez se confirma que o público leitor prefere o que lhe é dado de sistematizado, arrumado e sintetizado, evitando o trabalho mental mais entediante e dando a ilusão de que se é inteligente. Desse modo, um título que poderia valer por si próprio, tão-somente, à semelhança p. ex. do que fez Edgar Morin com o seu «As Grandes Questões do Nosso Tempo», obra assumidamente de síntese, ganha proporções que obviamente não tem.

Os temas que o casal Toffler encadeou na primeira das conferências da Primavera de modo algum são «tofflerianos» — por isso que aquelas muitas centenas de pessoas que avidamente assistiam à sessão, e os muitos milhares que viam e ouviam a entrevista na Televisão na mesma noite, estavam equivocadas, melhor diríamos, ludibriadas.

Desmassificação, segmentização, dessincronização, produção costumizada, diferenciação complexa, pequena dimensão das unidades de trabalho, integração do consumidor no processo de produção, descentralização, multiplicidade de modelos de desenvolvimento, dispersão produtiva, anticorporativismo, crítica de um planeamento central ou de um mercado exclusivos, diversificação da estrutura familiar, invenção de novos modos de viver conjuntamente, desaparecimento dos conceitos vigentes de propriedade, absolescência das ideias políticas em funcionamento, a casa como núcleo de trabalho, etc., etc., **não são leituras do real em transição feitas pelos Toffler.** Receberam-nas apenas de outros cientistas sociais, que para o grande público permanecem na obscuridade.

Se continuam uma leitura que já era feita, a generalização e simplificação que esquematizam, sendo uma e outra sempre deformantes, confluem para uma incongruência. Por isso que Vítor Constâncio os tenha interpelado perguntando ironicamente qual a razão por que a anterior diversidade produtiva do célebre Sillicon Valley está a dar de novo lugar à concentração, com o desaparecimento das pequenas empresas e a agigantação sobrevivente das mais fortes. Que eu tenha reparado, nem Alvin Toffler nem sua mulher souberam como responder.

E se formos a ver, o conjunto de termos definidores como os que há pouco referimos não derivam unicamente de uma leitura da mudança: eles decorrem também de um **desejo de transformação.** Actualmente, com o definhar das grandes ideologias acontece a saudável tendência de se procurar na ebulição das sociedades os sinais e latências que anunciem um futuro preferível, uma realidade social alternativa esta. Havia que saber distinguir que é leitura do real e o que é desejo de transformação, mas não é esse o caso de Toffler, que faz do desejo realidade em muitas questões. A temática pós-industrial não é um «optimismo» prospectivo, como já tem sido dito; é-o sim a atitude perante a dupla metamorfose tecnológica e societária que têm futurólogos como Toffler.

A mensagem que repete tem a lógica muito certa que advém de uma globalização fechada, o que vai excluir tudo o que contradiga o corpo teórico firmado. Se a intervenção inicial de Alvin Toffler foi de uma grande riqueza aparente, quando posta em diálogo começou a desagregar-se. Infelizmente só nos poucos momentos em que a **encenação** estabelecida falhou.

Entre os interlocutores que se manifestaram salvou-se Constâncio, que trouxe a debate uma omissão constante no discurso do casal Toffler: o problema da criação de desemprego que tem espalhado a inovação tecnológica. As maquinarias substituem os operários, as indústrias de ponta morrem e largam milhentos de trabalhadores tornados desnecessários. As reciclagens ou não se fazem ou fazem-se mal ou pura e simplesmente não são o suficiente para reinserir essas pessoas subitamente sem função na sociedade. Foi Heidi Toffler quem respondeu, tentando desmitificar o desemprego por meio de um incompreensível paralelismo com a desumanidade do trabalho na cadeia de montagem, feito de gestos repetitivos. Conseguiu apenas ser cínica e revelar que o edifício de «A Terceira Vaga» não contempla o que para si pode representar um escolho.

Quando o sindicalismo se posiciona contra a inovação tecnológica, tornando-se conservador, um tratamento da questão do desemprego devia fazer-se exaustivamente. Mas não, o pós-industrialismo está a ser encarado como um fantasma ameaçador, não como um novo ciclo histórico. Dizer, como a mulher de Toffler, que é preciso desenvolver as capacidades pessoais para impedir a dependência é uma sugestão agradável quando já se passou pelas de resolução mais imediata, e, portanto, apenas um desfocar da questão.

Todo um trabalho feito seriamente e com grande qualidade e perspicácia é assim deturpado, e o conjunto de investigadores que se tem dedicado à revolução dos computadores e «robots» passa a ser olhado com desconfiança. Ou seja, está a acontecer neste momento um pouco do que já se tinha passado durante a revolução industrial, com a violenta animosidade dos trabalhadores em relação às máquinas que tinham trazido o desemprego. E obras como «A Terceira Vaga» não têm feito mais que agravar a confusão.

Toffler na mesa do poder

Esta conferência da Primavera foi bem uma cerimónia de poder, e o encenador o próprio Primeiro-Ministro. A legenda que se lhe pôs, a da **modernização do País,** tem sido mesmo a máxima fulcral do presente político de Mário Soares e com certeza que virá a ser a tónica dominante do seu próximo «marketing» presidencial, tendo sido ele o patrocinador da vinda de Toffler a Portugal.

Soares pretendeu dirigir uma clara mensagem ao País e fê-lo por interposta pessoa, a que lhe poderia trazer maior prestígio: precisamente Toffler, a vedeta da modernização, que veio enquadrado numa estratégia do nosso poder, colocado bem no centro da sua dramaturgia. Não cremos que ingenuamente. Aliás, já o mesmo aconteceu no seu país natal, com o presidente Reagan e o seu «milagre económico».

Mas não se pense que isso de alguma forma tenha sido a manifestação de um apoio político a Mário Soares ou sequer uma ponte de poder norte-americano para com o nosso Primeiro-Ministro. Estamos em pensar que tal asserção, que foi feita, não corresponde à verdade. Não nos parece que o casal Toffler morra de amores por Reagan ou tenha algum interesse especial no nosso país. Heidi Toffler contou mesmo na conferência uma pequena anedota que não abona nada em favor do dirigente norte-americano e não é com certeza uma manifestação de simpatia. Por outro lado, Toffler não se coibiu de colocar algumas vezes Soares em posição incómoda, para mais publicamente.

A instrumentalização que deixou fazer de si, e que habitualmente permite, terá um outro sentido: o de melhor proveito próprio retirar para a sua carreira alucinante de supervedeta.

Sentado a meio da «mesa do poder» onde se fazia representar a elite política (Vitor Constâncio, recentemente chegado ao soarismo e nomeado governador do Banco de Portugal, e a social-democrata Helena Roseta) e a elite cultural (o liberal de esquerda Manuel Villaverde Cabral, agora próximo do PS e nomeado director da Biblioteca Nacional) — Alvin Toffler começou a sua palestra depois de um surpreendente discurso laudatório, de muito mau gosto e que provocou hilariedade nalgumas zonas da sala, dito por Cáceres Monteiro (!), o novo responsável pela Direcção-Geral da Comunicação Social, outro lugar do poder.

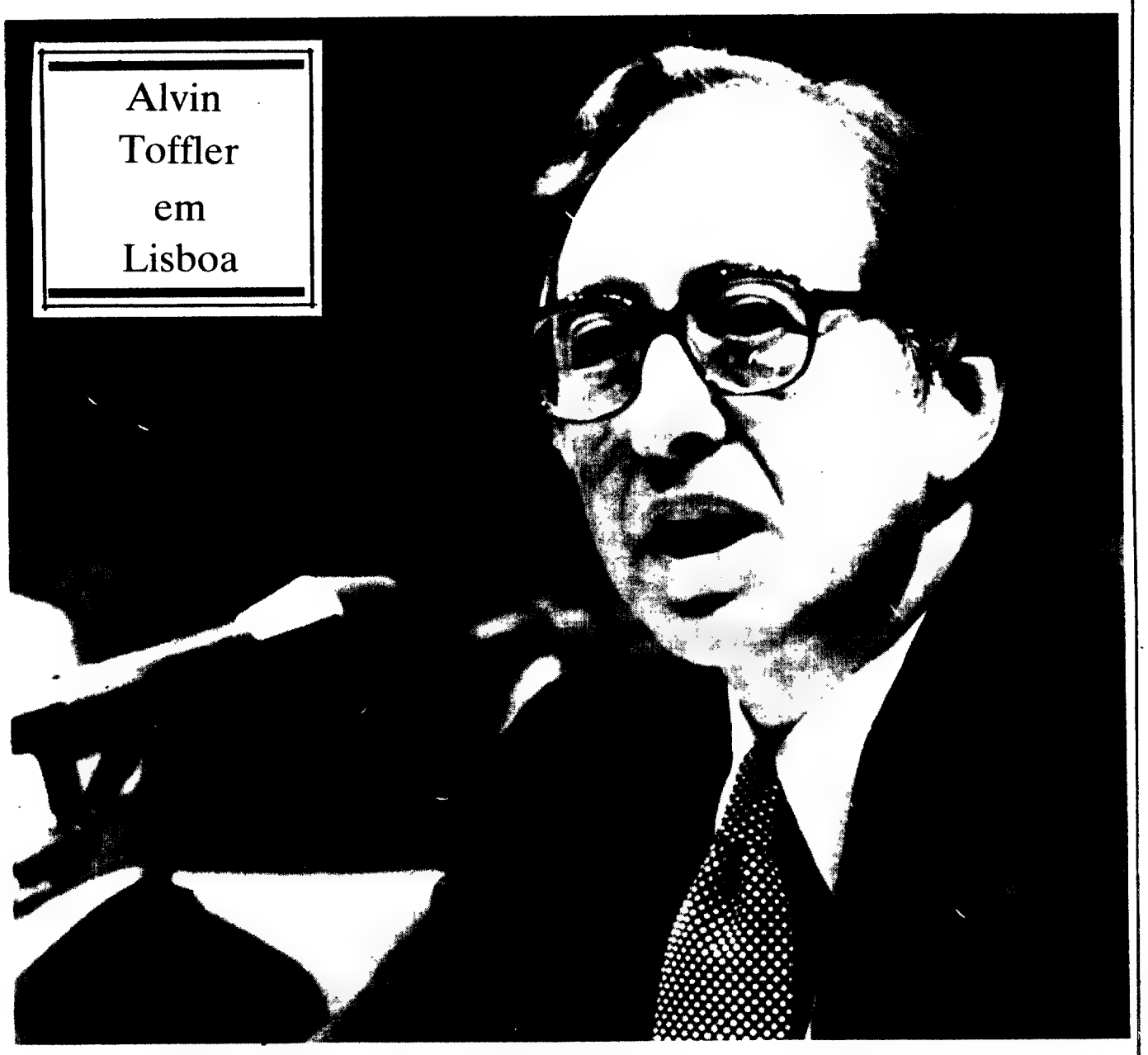
Perante as palavras de Toffler, Constâncio falou do lado do instituído, Roseta aproveitou para dirigir um ferrete ao novo dirigente do PSD, Rui Machete, sentado algures no Auditório. Pequenices como esta última caracterizaram o serão em que Toffler brilhou entre nós.

Questionarmo-nos em como o pós-industrialismo dos Toffler se conjuga com a modernização soarista leva-nos a mais nebulosas questões. A transição civilizacional está a acontecer nas sociedades de economia mais avançada, embora tenha reflexos por todo o lado, como faz notar o próprio Toffler. Portugal é um país a meio de uma gravíssima crise e uma nação em vias de desenvolvimento, de modo que a transição ainda está longe, não sendo os propósitos soaristas de modernização que a trarão mais rapidamente.

Com a prática governativa do ministro da Indústria, Veiga Simão, compreendemos melhor as inerências da estada do autor de «A Terceira Vaga» em Portugal. Esse ministro tem apostado numa hiper-industrialização apressada do nosso país, inclusive com a obtenção da energia de ponta que caracteriza o desenvolvimentismo: a **nuclear.** Ora, o nuclear está a ser rejeitado nos países desenvolvidos pelos negativos resultados que trouxe consigo, facto a que é alheio o sr. ministro. A modernização soarista, por incrível que pareça a conclusão, quer uma superindustrialização do País para se poder finalmente fazer o pós-industrialismo: enfim, um novo determinismo histórico, uma outra domesticação do tempo: depois da refutação socialista do marxismo um advento do groucho-marxismo.

A nosso lado sentava-se o sr. director do «Sete», que durante toda a sessão cantou, fez blu-blu, enrolou o fio dos auscultadores na perna, deu um «show» de festinhas no veludo da cadeira da frente, falou alto, incomodou quem estava à volta, disse que não gostava nada daquilo. Enfim, deu o tom do que se estava a passar naquela noite da Gulbenkian...

Alvin Toffler em Lisboa



Ele não soube como responder à pergunta ironicamente feita por Vítor Constâncio

C O M B A T E S

Mikhail Gorbatchev nos funerais de Constantin Chernenko: será ele uma espécie de Deng Xiaoping soviético? (foto SIDA PRESS, 13/3/84)

Será ele um Deng?

É tentador o paralelo entre a alvorada de uma nova idade, que seria, para a URSS, inaugurada com a ascenção ao poder de Kikhail Gorbachev, e as profundas transformações que acompanharam, na China, os anos em que Deng Xiaoping esteve no poder. Os dois homens pertencem a gerações diferentes mas tanto um como outro surgem nos seus respectivos países como portadores de mudança.

ALAIN JACOB

O nosso confrade londrino **Economist** saudava recentemente a nomeação do novo número um soviético com a pergunta: **Poderá ele ser um Deng?** A interrogação diz muito sobre as esperanças tidas na personalidade de Gorbachev, num país onde ainda não há muito o **Financial Times** fazia uma incursão muito notada nos assuntos internos da China, dando a um dos seus editoriais o seguinte título: «A China precisa de Deng Xiaoping.»

De facto há algumas semelhanças de situaçao entre a URSS e a China. Mais exactamente alguns dos problemas políticos e sociológicos que se põem nos dois países vizinhos.

No primeiro plano o de um melhor exercício das suas responsabilidades por todos os quadros da pequena e média «nomenklatura» que são o sustentáculo destes dois países socialistas. Na China, tal como na URSS, as estruturas do partido confundem-se, não só com as do Estado, mas também com as da nação, de que constituem o cimento unitário. É às organizações do partido que incumbe em ambos os casos, pelo menos teoricamente, ter um duplo papel de animação e de controlo, por conta de um poder central, que ele próprio se confunde com a direcção do partido. Seja qual for a audácia das reformas empreendidas por Deng Xiaoping, ele não se afastou, de modo algum, dessa concepção. Entre outros exemplos a atitude mais que reservada adoptada pelos comunistas chineses perante as formas polacas de contestação sindical mostra uma filosofia política muito pouco diferente da de Moscovo.

Descentralização autonomia

Ora os PC chinês e soviético estão ambos ameaçados de degenerescência. Ser membro deles é, para a maior parte dos filiados, uma espécie de garantia de carreira que, com a condição de fazer o menos possível de ondas, assegura um estatuto materialmente priviligeado até ao dia de uma reforma serena e condecorada — sem falar das operações mais ou menos vantajosas a que a parcela do poder detido pode dar origem. Como nem Gorbatchev nem Deng Xiaoping podem dispensar os seus PC respectivos, a única maneira é instaurar neles costumes diferentes, ou, dar-lhes, pelo menos, um espírito mais dinâmico, ou até, simplesmente, fazer com que um pouco mais de disciplina aí seja respeitada. De momento, é neste último ponto que se está a actuar tanto num caso como noutro, e as linguagens tidas em Moscovo e em Pequim estão a ser muito parecidas.

Se o partido não tem o papel motor que devia ser o seu, e se, antes de lá chegar, a tarefa se anuncia longa — pelo menos pode tentar evitar-se que ele actue como um freio no desenvolvimento da actividade nacional. Problema comum, também, na China e na URSS. Como limitar o domínio dessa «nova classe» de micropotentados em todos os mecanismos que, através do sistema estatal têm a influência mais importante sobre o aparelho de produção e contribuem assim para manter tanto o seu poder como os seus privilégios? Como incitar, do mesmo modo, os que não fazem parte dessa herarquia omnipresente, a correr os riscos que toda a iniciativa comporta, sobre tudo quando ela não é oficialmente «abençoada» pelas autoridades locais? Em suma, como fazer com que um director de fábrica possa comportar-se como chefe de empresa e não como executante prudente da organização do partido?

A este respeito, as coisas estão mais avançadas na China do que na URSS, mas tanto num país como no outro, é na mesma direcção que ao que parece se quer seguir, visto os projectos de **«descentralização»**, de **«reforma económica»**, de **«autonomia das empresas»** de que fala Gorbatchev serem primos (no que diz respeito à indústria, e em menor grau à agricultura) dos que Deng Xiaoping fez adoptar em vários plenários sucessivos do PC chinês.

Mas, em ambos os casos, as ratoeiras são de duas espécies: primeiro os criados por uma pesada burocracia pouco disposta a desfazer-se das suas prerrogativas (Alexis Kossyguine fez a experiência no seu tempo); depois as que são consequência das **dérapages** resultantes de uma maior ou menor «desestatização» das unidades de produção e que se arriscam a tocar na própria natureza do sistema socialista. Deng Xiaoping que não pode ser acusado de tímido neste domínio, acaba precisamente de fazer uma chamada à ordem — o que Gorbatchev também poderá ter que fazer um dia. Seja qual for o valor dos «modelos» propostos por outros regimes socialistas, é justo observar que as respostas, parciais, dadas a este género de problemas num país como a Hungria — que conta menos de onze milhões de habitantes — não são necessariamente adaptadas a massas humanas de centenas de milhões de pessoas desigualmente repartidas em espaços que têm a dimensão de continentes.

Terceira semelhança: assiste-se na China, tal como na URSS, a uma passagem das gerações que já modificou profundamente o tipo das relações entre governantes e governados. Nos dois países as forças vivas ainda eram constituidas, há duas ou três décadas, por homens e mulheres que conservavam a recordação dos duros anos da guerra, de um mil tantismo necessário à sobrevivência da nação, que podiam, em todo o caso, medir os progressos realizados desde os tempos heróicos. Populações onde os de menos de trinta anos são amplamente maioritários já não são sensíveis a esse género de evocação, julgam com certicismo os resultados atingidos e esperam do Estado, se este os solicitar, que lhes pague em contrapartida com uma melhoria do seu nível de vida, e isto bem depressa, até porque a opulência, pelo menos relativa do Ocidente, surge, apesar de todas as censuras, aos seus olhos. Em suma, as mesmas molas não funcionam hoje como ontem funcionavam.

O génio de Deng Xiaoping está em ter compreendido perfeitamente, apesar da sua idade, estas novas realidades, assim como as suas implicações morais. Gorbatchev parece ser sensível aos mesmos imperativos quando logo no seu primeiro discurso fala ao mesmo tempo de melhoria das condições de vida e de **«aumento da consciência social.»**

Níveis de desenvolvimento

Param aí, sem dúvida, as analogias. Quanto às diferenças, essas são profundas.

Se, para começar, a China pode permitir-se fazer passar a sua defesa para o quarto e último lugar dos seus programas de «modernização», a URSS, quer se queira quer não, é vítima de sujeições internacionais diferentes que a obrigam a outras escolhas. Social-imperialismo, talvez, mas acontece que se sonha, em Moscovo, com um mundo em que não devessem ser consentidos sacrifícios tão pesados ao orçamento militar. É certo que com um pouco de optimismo não seria impossível que o sonho se tornasse realidade, que Gorbatchev inovasse neste domínio, que soviéticos e americanos progredissem em Genebra para uma autêntica redução dos armamentos. É uma esperança que já se teve no passado.

Mais fundamentalmente, os níveis de desenvolvimento respectivos dos dois países põem à China e à URSS problemas diferentes. Enquanto quatro chineses em cinco ainda vivem no campo, a população urbana é agora mais numerosa na URSS do que a rural. País fortemente industrializado, a União Sviética deve, antes de mais, tirar partido dos recursos de que dispõe, isto é, tal como já repetiu várias vezes Mikhail Gorbatchev, pôr fim a um esbanjamento multiforme. E isto de maneira tanto mais urgente quanto ela começa a aperceber-se de que os seus recursos não são inesgotáveis. A criação de métodos de produção mais intensivos, quer se trate da produtividade do trabalho para uma mão de obra pouco numerosa ou da utilização mais racional da energia e das matérias-primas, constitui pois um imperativo absoluto. Por seu lado, a China dispõe de uma mão-de-obra pletórica, mas mal começa a fazer o inventário de recursos naturais ainda mal conhecidos. A sua principal dificuldade está em encontrar os capitais e os meios técnicos necessários para os utilizar.

Uma grande diferença

Em grande parte da China a industrialização ainda está por fazer, mas embora ela seja um país pobre, que principalmente tem uma fortíssima pobreza de energia, a sua jovem economia tem taxas de crescimento impressionantes (12% em 1984, para 2,6% na URSS).

Há, naturalmente, riscos correspondentes: desequilíbrio no desenvolvimento dos diferentes sectores, persistência ou aparecimento de **«maiores bolsas de pobreza»** nas regiões menos favorecidas, inflação (o fenómeno já foi sensível nos anos 1979 e 1980). A navegação não pode ser tranquila numa sociedade tão tradicional que também quer entrar em velocidade acelerada no mundo moderno. Resta que o contexto leva — e isto não data de Deng Xiaoping — a uma estratégia de desenvolvimento extensivo que já não é hoje a da URSS.

Mais fácil? Está para ver, e os sucessores de Deng Xiaoping — e que serão os verdadeiros contemporâneos de Gorbatchev terão decerto inveja do seu colega do Kremlin por este não ter de suportar o fardo previsto, no melhor dos casos, prara o ano 2 000, de mil e duzentos milhões de habitantes. Ainda uma diferença e de todo o tamanho. Uma razão também, talvez, para os soviéticos julgarem, por comparação, que se o seu novo número um mostra um pouco de imaginação, eles não serão necessariamente amanhã os que vão estar numa situação pior.

NOS TEMPOS FELIZES, A HARMONIA ESCONDIDA SOBE DAS PROFUNDEZAS. AS CIDADES TORNAM-SE ENTÃO OBRAS DE ARTE

Marc Chagall: uma criança teve de ir-se embora

Os 97 anos do pintor, no seu museu de Nice. Irritada com os fotógrafos, a conservadora, Sylvie Forestier

Chagall desaparece, uma criança morre. Desde o início que a sua pintura nos falava das suas emoções de infância. E à medida que ele se afastava pela idade deste mundo de sensações primárias, aproximava-se delas através do sonho pictórico. O seu pequeno mundo íntimo da aldeia, da família e dos seus primeiros anos parisienses no qual construiu um sonho proustiano de sensações vividas, saía dele como uma fonte. Ainda o vimos na sua exposição do Louvre. Mundo absoluto de poesia, com essas «obras de arte autênticas concebidas por algumas que não foram refeitas» de que falava Apollinaire.

De vez em quando a história da arte cria um pintor assim, que desde o princípio vê tudo, sente tudo e diz tudo à sua maneira como se a pintura fosse para reeinventar. Para Chagall pintar não é uma profissão mas uma fatalidade. Neste domínio nada se ensina, tudo se inventa, tudo se exprime. O conteúdo do quadro é o conteúdo da vida. Ele precisa de um mundo concreto e de um mundo fabuloso totalmente misturados, aquele de que se vem, e aquele com que se sonha. É por isso que neste mintor nunca se trata de formas abstractas mas vivas. Chagall pinta com coisas, com seres. Eles figuram sempre emoções que nele se torna visíveis.

Mas não se deve reduzir Chagall ao folklore da aldeia russa onde nasceu. Da infância à maturidade, depois à velhice, este pintor passou do mundo particular que era o seu para as dimensões universais da poesia, no interior de uma invisível tendência para a expressão do prazer e da extravagância. Não foi sem razão que ele se tornou ao mesmo tempo um familiar da Biblia, de Shakespeare e de Rembrandt. Depois do hedonismo primitivo, a sua pintura conheceu uma lenta ascensão para a expressão religiosa. Mas, se acontecesse a Chagall falar com Deus, o diabo nunca estava muito longe. Ele pintava o homem **«para justificar a nossa pobre vida.»** A sua pintura da vida quotidiana tem um som estranho que perturbbava os

Era uma vez aquele menino de Vitebsk

Vitebsk teria sem dúvida sido esquecida do mundo se uma criança ali não tivesse nascido no dia 7 de Julho de 1887, numa pequena casa de madeira que ainda hoje existe, junto da Rua de Pestowiak, à beira do Dvina. É conhecida por ser a aldeia de Marc Chagall. As pessoas paravam perto da casa e do caminho que leva à loja onde o pai trabalhava. **«Ele carregava tonéis cheios de harenques, com as mãos geladas, calado como uma pedra.»**

Que podia fazer uma criança na vida, em Vitebsk? Pensaram nisso muito cedo. Um dia a mãe foi colocá-lo na loja de um artesão da aldeia. Acaso ou fatalidade? Chagall criança viu um colega de classe desenhar. Também fez um desenho e deu-se conta, confusamente, que encontrara algo que «sabia» fazer. E que um dia seria pintor.

Vitebsk era uma aldeia sem quadros. Mas havia a escola de Penn. Para ser aceite era preciso ter talento. Talento? A criança duvida: **«Com esta minha cara não vão dizer que tenho talento»**, disse-nos ele um dia. Tornou-se o aluno preferido, o **«wunderkind»** da escola, sempre elogiado por todos **«excepto por um professor que me censurava por não saber desenhar»**. Toda a sua vida se falará da impericia do desenho de Chagall, tal como se falou da falta de habilidade de Cézanne. Mas pode-se perdoar a falta de geito de um detalhe, dizia a Ingres, se o artista tem uma visão de conjunto.

Chagal gaguejava um pouco e tinha disposições particulares para o sonho acordado e o diálogo sonhador com as coisas e as pessoas: a casa, as poças do pátio atravessado por galináceos, um morto na neve, um galo no telhado, as estrelas, os samovares, todo o pequeno mundo aldeão que ia «habitar» os seus quadros.

Este mundo, pintava-o ele sombrio e betuminoso, sobretudo depois da sua passagem pela escola imperial para o encorajamento das artes de São Petersburgo, onde viveu três anos, dormindo por vezes na sala de redacção de um jornal de um homem importante, Vinaver, o seu Mecenas. Ele queria mandá-lo estudar pintura em Itália. Mas Roma, com as suas estátuas monumentais, não o atraía. Sonha mas é com Paris.

A luz de Paris

0 Chagall desembarca na **gare de l'Est** no Verão de 1910. A luz de Paris! A luz-liberdade! Está longe de Vitebsk, onde era preciso um passaporte para ir a São Petersburgo e onde algo o levava a pintar quadros sombrios. Ele dizia: **«A luz de Paris, em 1910, era qualquer coisa!»** E guardou dela uma lembrança mítica. **«Os meus olhos acenderam-se!»** Primeira consequência: a sua pintura torna-se clara. Adeus Vitebsk! Adeus betume! Habita agora no **impasse** do Maine, perto do atelier de Bourdelle, depois vai para a Ruche **«porque as rendas são mais baratas»**. Para ele tudo é novo. Deixara a sua aldeia e a língua familiar. Sonhara com Paris e ei-lo que ali se encontra, em Paris que conhece justamente uma revolução artística com o fauvismo e o cubismo. Descobrem-se aí as artes primitivas como uma nova fonte de inspiração e as pessoas não tardam a ficar deslumbradas perante os «ballets» russos, antes de se interessarem pelo desenho das crianças e dos simples.

Mas Chagall não segue os **ismos**. Ele só quer pintar aquilo que vê. Claro que não escapará à confrontação com o cubismo que conclui o endurecimento das formas e a sua deslocação iniciadas pela pintura de Cézanne. E eis Chagall na Ruche, entre 1910 e 1914, com os seus sonhos aéreos, a sua imagética oriental **«flamboyante»**, ainda cheia dos ensinamentos de Bakst. Ele faz esse cubismo seu. Utiliza-o mas à sua maneira, como para sublinhar a sua irracionalidade absoluta. Ele desequilibra a construção das coisas num espaço onde se repara na ausência de uma representação tridimensional.

Chagall encontra Robert Delaunay cuja cor pura o influencia, mas acrescenta-lhe um conteúdo psíquico que só a ele pertence. O que ele mostra não são só as formas mas a emoção. Ele fez rir o burguês mas é olhado com interesse. A sua vitalidade efabuladora, estala nessa sequência de «gouaches» e de quadros de antes de 1914, que espantam os poetas, Cendrars, Appolinaire, Breton. Eles gostam de Chagall porque a pintura dele excita a sua imaginação. Ela inspira-os. O seu pequeno mundo aldeão ressurgiu bruscamente com o burro verde e os galos no telhado, com mães rosadas, leiteiras de cabeça cortada e vacas selvagens. Emoção pura; violência bárbara, elementar; erotismo latente... Uma arte insensata. Que sonho é transportado pelo pincel? O vivido torna-se sonho e o sonho parece ter sido vivido. André Breton fala de «**Total explosão lírica**» e de **«imagens hipnagógicas»**.

E Cendrars:

«Ele pega numa igreja e pinta com uma igreja;
Ele pega numa vaca e pinta com uma vaca;
Com uma sardinha, cabeças, casas, facas;
Pinta com toda as sujas paixões de uma pequena cidade judia:
Com toda a sexualidade exacerbada da província russa.»

Chagall pintava mas também escrevia poemas. Ele conta e conta-se, como Cholem Aleichem, o poeta da aldeia judia da Rússia, efabulava sobre os sonhos de **Tévié, o leiteiro**. Chagall abre as asas de anjo para ver o mundo lá do alto e inverte-o para afirmar a liberdade total que toma com o realismo. Nessa pintura onde acontece que coisas e pessoas estão de pernas para o ar, é a **«razão plástica»** que comanda **«para encontrar a verdadeira expressão»**. Lógica interna: **«É loucura»**, dizia o pintor, **mas é uma loucura bem vinda»**. «Há um caso Chagall como há um caso Chaplin.»

Este caso é Apollinaire, defensor dos cubistas, os novos racionalistas da pintura, que o encontra primeiro, durante uma visita à Ruche, no momento em que Paris descobria novos mundos estéticos que iam enriquecer a pintura moderna. Chagall era, por si só, um novo mundo plástico. E, para Apollinaire, ele é «sobrenatural». No dia seguinte da sua visita, ainda sob o golpe da emoção, ele escreve **Rotsoge**, o poema que acompanhará a exposição Chagall a Berlim, em 1914, quando do regresso do pintor a Moscovo, em plena revolução.

O regresso a Moscovo

Chamam-no para o nomear comissário das belas-artes em Vitebsk, sua aldeia natal. Ele tinha fechado a porta do seu «atelier» da Ruche com um arame, e deixara cento e cinquenta «gouaches» e quarenta quadros, a maior parte do seu trabalho parisiense nas mãos do editor berlinense da revista **Der Sturm,** Herwarth Walden, que devia expô-los, e parte precipitadamente, só pensando, na verdade, numa coisa, encontrar a (sua) noiva».

Um ano depois, em 1915, casa com Bella que tantas vezes vai aparecer na companhia do pintor, nos seus quadros, par de apaixonados que Aragon cantou. Chagall é belo. Ele pinta a sua noiva, a sua esposa. Pinta-se e volta a pintar-se. Sentem-se nas núvens e crescem-lhe asas. O casal plana nos seus quadros. Êxtase. Ele também pinta a aldeia russa, as festas de família, os animais domésticos, o galo com penas de fogo, o carneiro e o burro bíblico, de olhar feroz.

A aldeia cujo filho era pintor acaba de ter uma academia. E quem a dirige é um comissário de belas-artes chamado Chagall. Efervescência artística revolucionária. Tem por discípulo Lissitzki. Convida Malevitch para ensinar arte gráfica. Enquanto que ele, Chagall, ensinava os seus alunos não a pintar mas a conseguir um estado de

O discurso da América

«Durante os últimos anos falei muitas vezes da química, da autêntica cor da matéria, como de uma termómetro da autenticidade.

«Um olhar especialmente agudo pode ver que um cor autêntica, tal como uma matéria autêntica, contém automaticamente toda a técnica possível, assim como o conteúdo moral e filosófico.

«Se há uma crise moral, é uma crise da cor, da matéria, do sangue e dos seus elementos, da palavra da sonoridade, é assim sucessivamente, com os quais se constrói tanto a arte como a vida.

«E se mesmo nos quadros há montanhas de cores, se se vê ou não um objecto, se há muitas palavras e sonoridades, isto não lhe dará necessariamente a autenticidade. (...)

«Como nasceu, como vive e como se educa essa dita química visto que é através dela que se cria a arte, a verdadeira concepção do mundo e da própria vida?

«Ela compõe-se por elementos do amor e de uma certa naturalidade como a própria natureza que não suporta a maldade, nem o ódio, nem a indiferença...»

Marc Chagall

Trecho extraído do «Discurso da América» publicado por les Lettres Françaises, de 4 de Julho de 1963.

Por caus

Foi há dez anos em casa Almoçava-se por entre Ren ção, entre quatro embaix empresa, era um velho se divertido, totalmente est ambiente e bem decidido a possível.

Encontrar este profeta sorte para um jornalista! H abordar. Eu chegava de Ch mente o paralelepípedo de Chagall, junto dos sessent Bank, colocou o mosaico da **Chicago!** disse-me ele à h quecível pronúncia russa, **fosse para a inauguração. medo de morrer lá. Não**

Eu estava em vésperas conversa começava a intere se preocupar com o resto **«Ouça, vá à Galeria Trec minha autoria que lá es duas. Eles têm, no enta alguns anos a convite da F da Cultura. Ela deu uma discurso e perguntou-me: seu país, porque não fica respondi? Por causa da c compreendeu.»**

ra

observadores. Ela não é das que se prestam à separação por períodos. Ela é uma longa corrente ininterrupta que se entendeu por mais de três quartos de século. Como um grande e vibrante tecido de picturalidade incarnada, marcada pelo explendor das imagens no tempo da juventude e pelo esplendor da materia pintada à hora da velhice.

Nada é superficial neste pintor que começou por pintar «a sua» vida e acabou por pintar «a vida» com um sentido forte e soberano da metáfora poética. «**A metáfora**, dizia André Breton, **marcava era só com ele que a sua entrada triunfal na pintura moderna.**» Pintor russo impregnado dessa cultura de aldeia judia que atravessou as grandes agitações da revolução de Outubro, Chagall é um dos grandes pioneiros da arte do século XX. Ele seguiria essa trajectória dos artistas que, nas primeiras décadas deste século chegaram a Paris vindos de Moscovo, via Berlim, e tornou-se com Picasso, Braque, Delauney, Léger e Matisse, um dos «farois» da escola de Paris.

Os acasos da moda faz com que se preste hoje mais atenção a uma parte da sua obra do que a outra. E um **cliché** quer que o melhor seja datado de antes de 1940 e o menos bom depois disso. Isto sabia-o Chagall. Mas para ele era claro que pintava para a eternidade. Para atingir essa qualidade pictórica que sobrevive quando se decantam as modas e as agitações. Ele via na pintura o essencial: a qualidade pictórica. Se ela está presente tudo está salvo. Tudo está perdido se ela não está presente. Não é conquistada, é dada. É viva como a carne ou inerte como uma imagem. É ela que faz o trama da pintura, como na música faz o som. E se em Chagall toda a mancha de cor é pintura absoluta, ele não é menos um extraordinário inventor de imagens oniricas tornadas imagens miticas.

invenção a fim de encontrar um mundo pessoal. Para ele a pintura diz respeito ao indivíduo. Mas a revolução não tardaria a voltar-se para uma arte «diferente», uma arte que entra menor no discurso de uma pedagogia colectiva. Enquanto Chagall viajava a fim de obter créditos para o funcionamento da escola, Malevitch fomentava a «revolução suprematista» e acabava por voltar para si toda a escola. Todos estavam entusiasmados com os rectângulos, os quadrados, as linhas rectas e as perpendiculares.

Chagall prefere partir. Dirige-se para a capital onde, em 1921, ensina de novo mas agora numa escola para órfãos de guerra. É no Moscovo dos anos 20 que ele pinta o espantoso conjunto de pinturas murais para o novo teatro judeu. Num dos painéis Lenine surge como acrobata, de cabeça para baixo. Levou consigo um que foi cortado e transformado em três quadros nos Estados Unidos, **Um erro** confessou ele. O pintor mostrou tanto mais interesse por esses frescos quanto eles ficaram enrolados desde então nas caves do museu Tetriakov, visto o teatro judeu ter sido destruído por um incêndio no tempo de Staline. Só de lá saíram uma vez durante a última viagem de Chagall a Moscovo, no início dos anos 70. O reposteiro do teatro judeu, bem restaurado e conservado, que as autoridades moscovitas recusam expor mesmo no estrangeiro, foi desenrolado perante Chagall, cinquenta anos depois, para que ele o assinasse.

Nos anos 20 a tempestade aumentava em Moscovo para os artistas modernos. Atacado pelos seus pares, ameaçado pela grande onda burocrática que encontrava depois da agitação revolucionária, decide partir e desta vez definitivamente. Kandinsky não tardaria a seguí-lo a Berlim. Nestes anos de domínio da burocracia, a liberdade do artista fora suspensa, e a história de arte por assim dizer parara. Os pintores soviéticos deviam agora ilustrar os valores proclamados pelo Partido.

De regresso a França, Chagall passa por Berlim para aí recuperar os seus quadros. Mas Herwarth Walden tinha-os vendido. A mesma pouca sorte aconteceria a Kandinsk. Chagall só pôde recuperar três quadros. Alguns reapareceram mais tarde em museus, na Holanda, na Suíça, em colecções particulares, mas muitos deles desapareceram totalmente.

Foi em Berlim que o editor de arte Cassirer lhe propôs fazer uma série de gravuras sobre o tema autobiográfico **A minha vida,** livro de recordações que seria publicado em 1922. Foi para Chagall um grande período de gravura. No ano seguinte, 1923, o pintor encontra-se em Paris onde Vollard, o **marchand** de Cézanne e dos impressionistas lhe pede que ilustre **As Almas Mortas,** de Gogol, e, um pouco mais tarde, em 1927, o mundo para ele novo das fábulas de La Fontaine.

Os surrealistas Éluard, Gala, sua mulher, Marx Ernst, amigo do casal vêm vê-lo. Marx Ernst, que então ainda se procurava, é impressionado pela força física dessa pintura que acordara os fogos do expressionismo alemão dos anos 20. E, nos seus primeiros quadros encontram-se **Vacas à Maneira de Chagall!** Eles queriam convidá-lo para o campo, a fim de o juntar ao seu grupo. Perguntou a Robert Delaunac o que pensava. **Não ande com essa gente,** aconselhou-o este...

Tarde ou cedo as coisas não deveriam correr bem entre Chagall e os surrealistas. Nele, eles apreciavam a expressão do sonho mas desconfiavam da sua tendência mística. Ele, por seu lado, guardava as suas distâncias com a «pintura automática», a estética do esboço e do inacabado. Para ele uma obra deve ser terminada: **Uma pintura é coisa viva e um homem não é um esboço...** dizia ele.

A mensagem bíblica

A família de Chagall fora marcada pelo hassidismo, movimento místico que, no século XVIII entusiasmara os espíritos nos «ghettos» europeus. Em certo sentido a sua pintura pintava essa mística e as suas danças extáticas durante as quais a alma se eleva e voa em estado de levitação entre Deus e Eros. É a partir dessas raízes longínquas que a arte de Chagall dialogava com a Bíblia e com os ícones de Roublev.

Celebração mística e conjuro do quotidiano, a pintura de Chagall resolve a sua ambiguidade através da expressão da festa, do prazer, do amor e das flores... Poeta aéreo, amador de pintura carne está sempre pronto para tomar o largo e vogar por cima do mundo, de cabeça ao contrário, embriagado pelo éter das alturas.

De momento Chagall descobre a França, a sua paisagem pastoral perto de Toulon, o lago Chambon onde se entrega ao prazer de pintar flores e folhas das montanhas, e os seus animais que lhe parecem novos. O circo abre uma válvula à sua necessidade de fantasia e de emoções mágicas.

Continua na pág. 6

Em 1961, trabalhando nos vitrais que decorarão a sinagoga de Jerusalém

usa da cor

casa de uma senhora muito rica.
e Rembrandts. A vedeta da refei-
baixadores e três directores de
ho senhor mal vestido, de olhar
e estranho ao leve snobismo
dido a mostrar-se o mais discreto

feta da imponderabilidade, que
ta! Havia um bom pretexto para o
de Chicago onde admirara longa-
lo de mais de 20 metros, no qual
essenta andares do First National
ico das suas quatro estações. «**Ah,**
e à hora do café com a sua ines-
ssa: **...es insistiram para que eu lá**
ação. Mas eu não queria. Tinha
Não se morre em Chicago...»
peras de partir para Moscovo. A
interessar-lhe. Tirou o casaco sem
resto da assistência e disse-me:
Trediakov e conte as obras da
lá estão expostas: uma, talvez
entanto, muitas. Estive lá há
e da Fourtseva, que era ministro
uma grande recepção. Fez um
u-me: 'Senhor Chagall, este é o
fica connosco?' Sabe o que lhe
da cor. Mas creio que ela não

O tecto da Ópera de Paris

Marc Chagall em 1964, diante de um esboço para o tecto da Ópera de Paris, encomendado por André Malraux

Foi preciso que André Malraux se tornasse ministro da cultura para que em 1964 Chagall recebesse uma encomenda oficial. Ao pedir àquele que considerava «**o maior colorista vivo**» que pintasse o tecto original da sala de Ópera de Paris, André Malraux desencadearia uma polémica, de que o pintor sairia triunfante.

Censurava-se a Malraux cometer um contrasenso ao colocar no cenário doirado do Segundo Império aquilo que ele próprio designaria «**um gigantesco nó de quimera**». Foi preciso assegurar que essa «**extravagância**» não seria irreversível e que a composição original de Lenepveu, directamente pintada no cobre da cúpula seria escrupulosamente respeitada e isolada da obra de Chagall por uma leve cupula de plástico.

A inauguração, a 23 de Setembro de 1964, do novo tecto, por altura de uma representação de gala de **Daphmins et Chloé,** foi um triunfo. «**Eu quis,** declarou o pintor, **cantar, tal como uma ave, sem teoria nem método, pôr lá em cima um ramalhete de cores que reflectiria as da sala.**» Chagall, que não aceitou nenhuma remuneração, doou esse trabalho à França, país cuja nacionalidade adoptara em 1937. No tecto da Ópera encontram-se evocações de personagens das óperas de Rameau, Wagner, Debussy, Mozart — que evoluem entre os monumentos de Paris.

O tecto da Ópoera fez com que Chagall recebesse uma série de encomendas de países estrangeiros. Primeiro foi o Metropolitan Ópera de Nova Iorque que lhe encomendou grandes decorações murais para o foyer, depois Israel encomendou-lhe a sua primeira tapeçaria e uma série de mosaicos para o Knesset. Em 1974 os seus vitrais para as três janelas da capela axial da catedral de Reims mostraram que ele sabia inscrever-se num grande monumento. Finalmente, em 1977, foi Chagall o primeiro pintor vivo a expôr os seus quadros no Museu do Louvre.

Aquele menino de Vitebsk

Continuação da pág. 5

Mas eis que Vollard lhe pede que ilustre a Bíblia. Que vá à Terra Santa para se impregnar da paisagem antes de lhe gravar as imagens. Estamos em 1931. Sonho naturalmente místico. Chagall pinta a paisagem e sonha com o Livro dos Profetas. É o princípio da sua obra pintada para a «mensagem bíblica» de que oferecerá, quarenta anos mais tarde, a totalidade à França, que, sob o Ministério dos Assuntos Culturais de André Malraux, lhe construirá em Nice um museu nacional.

Depois da Palestina, Chagall dirige-se, no ano seguinte, em 1932, a Amesterdão, em busca de Rembrandt. Ama-o como pintor e Rembrandt interessa-o como ilustrador da Bíblia. Ele alimentou-se da sua obra. *Estou certo de que Rembrandt gosta de mim*, dizia-nos Chagall para dizer que, na verdade, ele, Chagall, amava Rembrandt como a um irmão.

Pouco antes da declaração de guerra os quadros de Chagall conheciam um aumento de temas religiosos. Eles tornam-se dramáticos. É a sua maneira de dizer o seu sentimento perante as ameaças que se anunciam. Elas escurecem a sua feérie. Em 1941, o pintor faz parte dessa emigração para os Estados Unidos de artistas europeus que fogem ao nazismo. Entre eles contam-se Léger, Masson, Hélion, Max Ernst... Mas não se mistura demasiado a esse encontro de artistas da Escola de Paris, com os seus confrades americanos, que se fecundam uns aos outros. Ele é um caso à parte. Descobre-se isso nos cenários de teatro: *O pássaro azul* de Stravinski, depois *Aleko*, de Tchaikovski apresentado primeiro no México. Numa exposição memorável em casa de Henri Matisse, Chagall mostrou as suas obras trazidas de Paris debaixo do braço, enroladas e sem molduras.

Felizmente nem tudo ficou disperso. E foi com os quadros que não tinham chamado a atenção dos coleccionadores americanos que ele abre a sua primeira retrospectiva em França, no Museu Nacional de Arte Moderna, que vê o dia graças à insistência de Jean Cassou. Ele dá uma parte daquilo que trouxera, entre outras coisas *La Russie aux ânes et aux autres*, para as novas colecções nacionais. Um acontecimento doloroso marcaria a vida e a obra do pintor: a morte de Bella, sua mulher, em 1944, depois de uma breve doença. Pela primeira vez Chagall deixa de pintar e quando recomeça os seus quadros são mais sombrios.

O fim da guerra traz consigo um período rico de consagração dos pintores pioneiros da arte contemporânea. Os museus mostram grandes retrospectivas de Picasso, Braque, Léger, Matisse. É o *Museu de Arte Moderna de Nova Iorque*, que abre as retrospectivas Chagall, em 1946, logo seguido pelo *Art Institute de Chicago*, depois, na Europa, pelo *Museu de Arte Moderna de Paris*, os *Museus das Belas-Artes* de *Amesterdão, de Turim, de Basileia*, e pela *Tate Gallery de Londres*.

De regresso a França, Chagall reflecte a pintura. Outrora era guiado por ela. Mas eis que, na hora da maturidade, ele quer ver mais claro no mistério de uma qualidade pictórica que ocupa, cada vez mais, o centro das suas preocupações. A pintura de Monet impõe-se ao seu espírito com o grande tecido pictórico das *Nymphéas*. Ele encontra em Monet um irmão. Não é um naturalista que imitaria à Natureza. É a própria natureza do homem que a sua pintura exprime. Ele contribui para uma redescoberta desse grande esquecido do impressionismo e faz dele uma releitura que o coloca no primeiro plano. Os pintores abstractos americanos elogiam Monet mas por outra razão: eles vêem nele o percursor da pintura abstracta lírica. *A qualidade pictórica, a pintura contemporânea já não sabe o que é*, disse-nos ele um dia. *Ela imita o mundo mecânico em vez de olhar o mundo vivo*. Chagall fala de química da cor, de «tecido» do pictórico. É o critério absoluto de toda a pintura para além das formas e do desenho, que dá lugar a uma grande fusão da luz e da matéria.

É com estas ideias na cabeça que ele regressa a Paris. Uma Paris com que sonhou em Nova Iorque e que acabou por integrar no seu sistema de invenção pictórica. O essencial é interiorizar. Se a Rússia o fazia correr é porque ela estava dentro de si. Paris fazia agora parte da paisagem interior de Chagall. E, como para selar este novo enraizamento através da pintura, Chagall começa uma série de quadros sobre Paris. Em 1952 casa com Valentine Brodsky, Vava, que acompanhará o homem e apoiará o pintor. Um pouco da Rússia tchekoviana está nessa casa nova e toda branca, onde o feliz casal se instalou a partir de 1966, em Saint Paul de Vence. E isto estimula a sua imaginação.

As quatro estações

Foi neste Midi onde viveu os vinte últimos anos da sua vida que Chagall começa a interessar-se pela arte monumental. O padre Couturier, que quer renovar a arte religiosa, encomenda-lhe os vitrais. A imagética de Chagall, e sobretudo a sua cor, convém esplendidamente à *pintura de luz do vitral*. Volta a fazê-los para Metz, depois para Jerusalém, as Nações Unidas, a igreja Fraummunster de Zurique, e, por fim, para a catedral de Reims... É bom não esquecer o seu tecto para a Ópera de Paris. André Malraux, que queria actualizar as decorações dos grandes teatros nacionais, confia-lhe o tecto do Palais Garnier e, a André Masson, o do Odeon. Aqui um surrealismo violento e convulsivo, ali um pintor feérico. Chagall pinta *as Quatro Estações*, como um ramo de flores que de início parece estranho, mas devemos espantar-nos? Hoje vê-se muito bem que com o tempo o seu flamejante pictórico se integra muito natural ente nos outros barrocos da época napoleónica, num grande casamento da sensualidade e da espiritualidade.

A qualidade pictórica tem a última palavra em Chagall. Malraux, o visionário, notara que aquilo a que se chama a visão de Chagall não é o acto de ver mas o de pintar.

L I M B O S

Os noventa anos de Jünger

O dia 29 de Março é o aniversário de Ernst Jünger. Nascido em 1895 em Heidelberg, o escritor germânico completa os seus noventa anos. As edições Gallimard acabam de publicar o segundo tomo do diário que ele começara em 1965. Na Alemanha, o aniversário de Jünger foi celebrado em Estugarda, no dia 2 de Abril, durante um jantar oferecido pelo presidente do Land de Bade-Wurtemberg e pelo editor Klett-Cotta.

«O Banho de mar era revigorante. Pedi perdão a Neptuno pelos meus erros», escrevia Ernst Jünger a 31 de Março de 1972, quando se encontrava em Hammamet, na Tunísia. Neptuno não poupou as suas mercês ao escritor, porque nos sentimos surpreendidos com o vigor do seu pensamento ao descobrirmos o segundo tomo do seu diário dos anos avançados: **Soixante-dix s'efface** (1).

A velhice diz sobre tudo respeito à maneira como um homem se considera. A nostalgia dos dias mortos provoca em muitas pessoas uma espécie de aversão perante o eu. O perdão que Jünger pedia a Neptuno, e que obteve, tavez fosse o dos maus sentimentos que temos quando atrás de nós há um cortejo demasiado longo de dias desaparecidos. Para Jünger não se trata, porém, de um cortejo triste. Ele sente todo o seu mistério.

Quer ele medite «no seu jardim de Wilfingen», na Alemanha, ou faça deambular os seus pensamentos pelos países mediterrânicos, este homem continua a ser um viajante infatigável. Ele explora, com a mesma avidez de outrora, quer os territórios de dentro de si, como os de fora, continuando a fazer «caças subtis» em todos os domínios.

O precedente volume deste diário íntimo terminava, a 12 de Dezembro de 1980, com «o amor silencioso que aumenta de ano para ano» entre o escritor e o seu leitor. Encontramos Jünger, no dia 24 de Fevereiro de 1971 para um novo encontro que durará até 26 de Dezembro de 1980. São-nos oferecidos dez anos de meditações, de sonhos e de notas de viagem. Também tratam dos menores factos da existência quotidiana, dos problemas do tempo, da vida, da morte.

Assim Jünger retoma a herança de Shakespeare quando diz: «A mentira do tempo: essa existência que levamos no tempo surgiu-me, à medida que os anos passavam, cada vez mais irreal, sem espessura, fantasmática».

Ele pensa que a sobra dos dias que fogem dissimula outro nós, possuidor da nossa verdade. Este habitente das lonjuras deixa-se adivinhar nos nossos sonhos: eles fazem-nos entrever «o nosso eu em toda a sua riqueza». «Quando sonhamos é como tradutores dos nossos próprios textos originais».

«Todo o túmulo põe um problema», diz também o autor, «sobretudo, a sepultura solitária». Mas poucas pessoas se dão ainda ao cuidado de pensar nisso, porque, neste mundo obsecado pelo rendimento e pelo lucro, o resgate a pagar ao êxito social, é afastarmo-nos do passado. Despojarmo-nos dele, «vendê-lo» como Fausto vendia a sua alma.

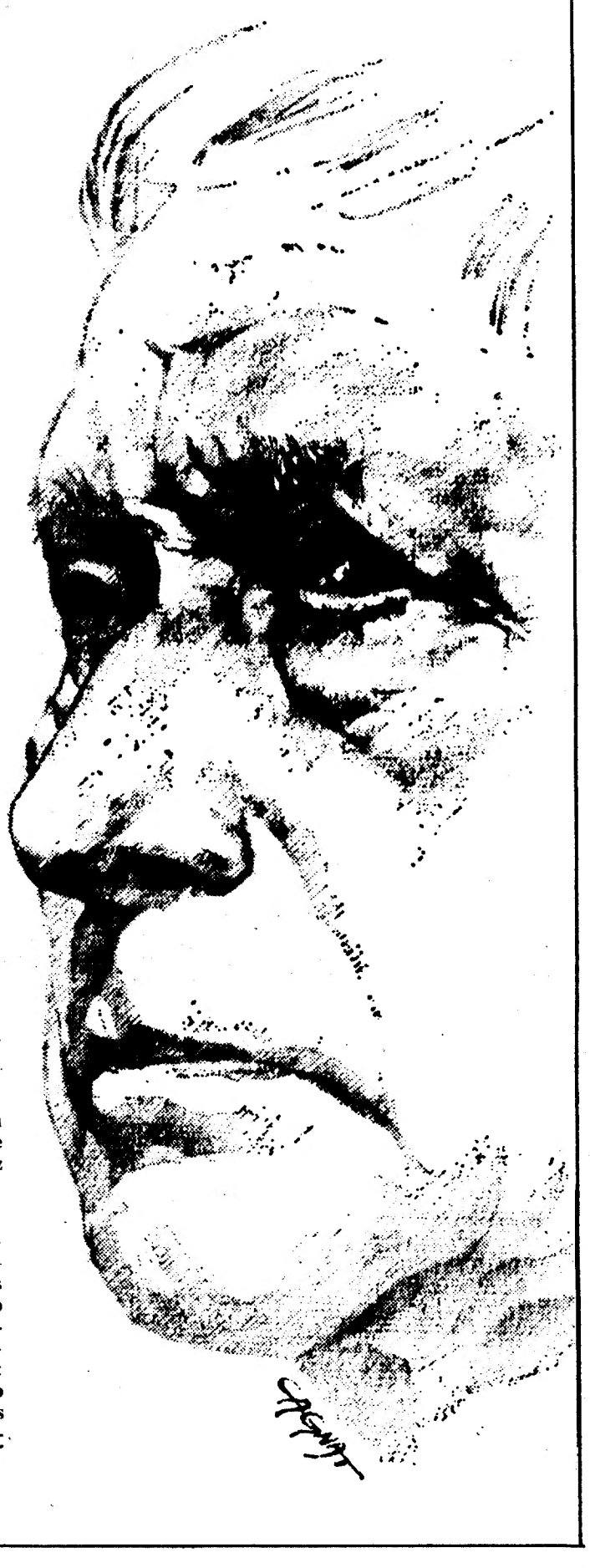
A história e as mitologias moldaram-nos: é ali que reside, segundo «Junger, a alma secreta e regular de cada um. As pessoas que já não buscam os seus rostos no espelho obscuro das épocas antigas obedecem às leis da banalização moderna.

Um longo devaneio

O prazer do diário íntimo é flanar. Passeamos por ele como se estivessemos em férias, indo de um assunto para outro segundo os nossos caprichos. O leitor retém uma breve nota sobre o sabor do vinho de Creta, ou então aprecia a beleza deste apólogo; a história do grumete que morre afogado: **«Uma das grandes ondas que estalam sem se esperar, lambeu-o. Quando se apressaram a virar de bordo, já não o encontram. Talvez tenha nadado durante horas, até á aurora. A Cruz do Sul brilhava sobre a água negra do mar infinito. A cabeça minúscula levantava-se e descia no silêncio da noite, ao ritmo das ondas; a angústia crescia até ao momento em que desapareceu sem ruído. Talvez o grumete tivesse um irmão que meditou sobre o seu destino, tanto e tão bem que foi para o deserto e se fez monge.»**

Explora-se este livro como o próprio Junger — entomologista e botânico apaixonado — explora o campo. Detemo-nos numa confissão: **«Sentimento reconfortante: só estar de licença neste planeta.»** Demoramo-nos numa máxima: **«Todos deveríamos, enquanto aqui estamos, separarmo-nos por vezes do indivíduo duvidoso que representamos.»**

O velho escritor alemão afastou-se da sua própria «**personagem**» e de todas as vaidades. Medindo as desgraças da traição, esforçou-se por não se trair a si próprio. É, sem dúvida, por isso que realiza com tamanha serenidade a última parte daquilo a que chama a sua «**excursão no tempo**». Quanto ao seu leitor, confirma-se na ideia de que a verdadeira meditação prossegue como um longo devaneio.



+ **Soixante-dix s'efface,** de Esnst Junger, tomo II: Journal 1971-1980 traduzido do alemão por Henri Plard, Gallimard.

+ **Assinalemos mais dois livros: a antologia de aforismos de Junger, recentemente publicada com o nome de** Mantrana, **numa tradução de Pierre Morel (Ed.** La Délirante) **e um álbum que retrata, em imagens, a vida do escritor, com documentos de arquivos e fotografias de François Lagarde:** «Ernst Junger, photo-álbum François Lagarde **(legendas trilingues em alemão, inglês e francês) (Ed.** Gris banal)

NEGRO

O branco vai-se queimar à praia para o imitar

MARIA EMÍLIA CORREIA

Pois é.
Não vale a pena perseguir o mundo. Nunca ninguém o apanhará. Eu só desato a cabeleira e apedrejo as sombras de um país que é o meu, de pulmões com úlceras e filhos cabisbaixos.
O que é oficial já tem profissionais que cheguem e que sobrem e se aviltem e singrem.
E por aqui a literatice chega e parte, faz parte, entra pelas frases dentro porque o desenho alinha o meu olhar. Quero ver bem. Não minto.

Pudesse eu ir tão longe como o faria um «viking» a cavalo! Sem Thor, obviamente.

E hoje é assim: são dois os bichos pretos, o Victor e o Beto, naturais de S. Vicente e Praia (Cabo Verde). Têm 17 anos. Riram-se ambos de mim. Pois foi muito bem feito.

Victor — Eu gosto de ser preto.

Beto — Eu também gosto, mas sou mais clarinho do que você.

Victor — Só não percebo é porque é que os brancos não nos gramam e vão para a praia queimarem-se todos para nos imitarem.

Beto — E nós quando vamos à praia nunca ficamos brancos.

Victor – Não é justo, senhora. O nosso corpo é igual.

São ambos alunos supletivos **suspensos** desde há dias do primeiro ano do ciclo preparatório de uma escola dos arredores de Lisboa. Furaram os pneus do carro de uma professora.

— Desadaptados — informa-me um docente.

É a hora do recreio. Não participam. Estão sentados num banco do jardim defronte do edifício.

Trazem correntes nos dedos, enrolam, desenrolam-nas, fazem-nas estalar. Mascam «chewing-gum» e usam pulseiras «punk», de couro, com picos de ferro. Vestem blusões de pergamóide. Os olhos em contraste, são de veludo.

Desconfiança

Victor — Esta conversa é para nos expulsarem?

Emília — Não, é só para eu saber o que é que vocês pensam.

Victor — A gente sabe lá!

Beto — E quem é que a mandou?

Emília — Se não quiseres não falas.

Victor — Posso fumar?

Emília — À minha frente, podes.

Victor — E atrás também. Lá dentro é que é proibido.

Beto — Também não há cerveja e a gente vem bebê-la à rua.

A memória

Emília — Vocês saíram de Cabo Verde muito cedo, mas lembram-se, por certo, de algumas coisas.

Victor — Nós fugimos num barco de pesca. Ia cheio. Eu tinha 4 anos. Cantei todo o caminho agarrado às pernas de um gajo branco e alto. A minha mãe dava sumos a todos. Era os bichos a vomitar. Um mano morreu da barriga.

Beto — A minha mãe tinha um porco grande lá no quintal. O meu irmão gozava comigo, queria pôr-me ao pé dele. Era eu aos berros com medo. Juntou-se gente. Fomos buscar gasolina e queimámos o porco vivo. A minha mãe partiu-o aos bocados e todos os vizinhos comeram.

Victor — Em Cabo Verde é assim. Uma vez eu também matei um porco à cacetada.

Beto — Eu vivia ao pé de um sítio onde as pessoas despejavam as suas necessidades. Havia muitas moscas e cheirava mal.

Victor — Para a minha palhota não havia estradas nem nenhum caminho. Era numa espécie de buraco, lá no fundo. Chegava-se como o Tarzan. Por uma corda, de balanço, como os macacos.

Beto — Disseram-me que no Porto também há quem desça assim da ponte do comboio para chegar a casa, por cima do rio.

Victor — Lembro-me de uma rapariga pequena que era minha vizinha e que saiu pela porta a gritar. Estava toda a arder. Tinha um vestido de «nylon». Gritava. Gritava. Então passou um madjé num táxi que a levou ao hospital. Eu vi tudo. Não havia lá mais ninguém.

Beto — À minha mãe, que era criada, obrigavam-na a meter as mãos na retrete para a desentupir. Ela chorava.

Victor — Eu fui criado com uns manos brancos até aos 7 anos. Havia sempre alguém que cuidava de nós. Fomos criados separados, não tínhamos dinheiro. Eu cantava e dançava muito bem. Os senhores davam-me plasticina e cadernos.

Beto — Eu andei numa creche. A minha mãe comprou-me uns sapatos novos quando eu fiz 5 anos. As vigilantes tiraram-mos e deitaram-nos fora. Passei a andar descalço outra vez.

Victor — Um dia a minha mãe mandou-me comprar petróleo e eu parti o garrafão. Ela estava a fazer pastéis. Eu escondi-me até ser noite.

Beto — Uma vez um matulão esmurrou-me todo. Havia de ser hoje.

Victor — O meu pai era quase branco. Era pica de autocarros.

Victor — De machimbombos, que são animais que servem para carregar pessoas.

Beto — Foi o meu pai que decidiu vir para Lisboa. Ele esteve muitos anos em Angola e achava aquilo mau. Eu já tinha 10 anos e foi a primeira vez que andei de avião. Da Praia ao Sal era uma lata toda velha, os assentos a cair. Do Sal para Lisboa era melhor, tinha comida.

Victor — No aeroporto, lá, só havia água salgada para beber. Podia-se morrer.

Beto — Não morria nada. Já estávamos habituados.

Aquilo lá está bom

Emília — Algum de vocês gostaria de regressar?

Victor — Uma rapariga disse-me que aquilo agora lá na Praia estava bom, que era só estrangeiros e discotecas. Já pararam as chuvas, gostava de lá ir de passagem. O meu pai é embarcadiço, quando ele voltar pergunto-lhe. A minha mãe é copeira mas está desempregada. Tenho lá tios e primos.

Beto — Eu só gostava de saber se ainda lá há camarões.

Victor — E abacaxis, e bananas e maracujás e mangas e papaias e canas-de-açúcar. E pintas.

Beto — Faz-se bagaço. Quando se bebe um grog, que é bagaço com mel de cana preto e limão, queima no peito, até faz tosse.

Victor — Isso não é chema, é poncha, você não se lembra.

O Victor e o Beto moram em barracas, em Linda-a-Velha.

Victor — A minha casa não é uma barraca. É estilo vivenda de tijolo que o meu pai fez sozinho. Tem rede à volta e tudo.

Beto tem 7 irmãos. Pais sem emprego. Victor tem 10 irmãos, 4 de outra mulher.

Na escola

Emília – Vocês acham que são discriminados?

Vítor – Que é descrinados? Do cabelo?

Emília – Não. Eu só pergunto se, pelo facto de serem negros, vos tratam de maneira diferente?

Beto – Aqui na escola é quase só pretos e mulatos, não há perigo.

Vítor – Eu furei os pneus da professora porque ela disse: «não aturo os meus filhos que são brancos e venho para aqui aturar os pretos». É uma racista. Quase todos os professores o são.

Beto – O professor de Inglês noutro dia deu-me com uma cadeira nas pernas. Foi de propósito.

Vítor – Eu já disse à professora de História: oiça lá eu não admito isso nem à minha mãe. A gaja ia levando nos cornos com esta corrente. Mas não respondeu.

Beto – Há professores que nos põem na rua. Têm é medo.

Vítor – Eu já fui posto cá fora muitas vezes.

Beto – Eles põem-nos na rua mas é para não darem aulas.

Vítor – Uma professora também me disse: «porque é que não vão lá para a vossa terra?» Eu respondi-lhe: não vim para aqui à sua conta. Vim à custa dos meus pais.

Beto – A mim o gajo dos Trabalhos Manuais disse: «você ainda vai sair daqui a pontapé». E eu: «ainda te dou um soco na boca que te estendo». E pus-me a assobiar.

Vítor – Para os professores tudo o que fazemos é mau. Eu provoco-os. Ao professor de Inglês eu respondo em crioulo. Assim nem eu o entendo, nem ele me entende a mim.

Beto – Há um professor que só fala de sexo e que diz que não somos crianças mas adultos. É o melhor de todos. Só fala quando já acalmámos. Mantém o respeito.

Negro: oposto a branco

No Webster International Pocket Dictionary, edição 1934, pode ler-se:

Negro – adj. – 1 – Destituído de luz, ou incapaz de a reflectir; desprovido de cor ou tão escuro que não se pode distinguir a cor; – oposto a BRANCO; 2. Envolto em escuridão; destituído de luz; afastado, totalmente penumbroso ou deprimente; ex.: – ter um negro futuro. 3. Que tem pele, cabelo e olhos escuros; especif. pertencente ou componente de uma raça caracterizada pela pigmentação negra, incluindo Negros, Negritos e Nativos australianos. 4. Conspurcado de sujidade; que é desagradável aos sentidos. 5. Que traz vestimentas negras; ex.: O cavaleiro negro. 6. Hostil. Duvidoso, Aziago; ex.: Ter aspecto negro. 7. Desagradável ou ultrajantemente mau; ex.: Negra crueldade. 8. Indicando desgraça, dessoura ou culpa; ex.: Marca negra. 9. Envolvendo práticas proibidas ou banidas: ex.: Magia negra. 10. Vendido, distribuído ou transportado à margem dos trâmites legais, preços concorrentes, prioridade ou restrições de racionamento, ou levado a uma tal venda ou distribuição; ex.: Lucro negro, mercado negro.

Gostos não se discutem

Emília – Mas vocês gostam da escola ou não?

Beto – Eu gosto é de jogar à bola.

Vítor – A escola é velha, chove lá dentro.

Beto – Eu, se pudesse, punha-lhe uma bomba.

Vítor – A escola é um passatempo. Não tenho cabeça.

Beto – Há muitos «betinhos» nesta escola. Eu digo o que penso.

Vítor – Eu só queria chegar ao 2.º ano para tirar a carta de condução. E posso ser dactilógrafo. Agora trabalho de pasteleiro.

Beto – Eu gostava de fazer o 7.º ano para não ir acarretar pedra para a tropa. Queria ser professor para me vingar, mas já é tarde. Vou para cortador. Os manos ganham 7 contos por semana. Se não conseguir dedico-me à mecânica.

Vítor – Isso é um trabalho sujo. Eu vou trabalhar para uma fábrica que vai abrir. A minha mãe já falou com uns bichos. São 30 notas, com almoço e lanche. É uma fábrica de perfumes.

Beto – Assim ficas a cheirar bem.

Break

Emília – Para que é que trouxeram o gravador?

Beto — Para dançar Break. Não sabe o que é Break? É a dança da rua.

Vítor – Eu também danço, só não consigo ainda com a cabeça no chão.

Beto – Vimos uns filmes: «Break-Dance» e «Big-Street».

Vítor – As pintas olham para nós quando a gente dança bem.

As motas

Emília – E de que é que gostam mais?

Vítor – De motas. Já sei fazer tudo em cima delas. Estou à espera que o meu pai chegue par lhe pedir que me compre uma.

Beto – Eu gosto de «boîtes», de cafés e de cinemas.

Vítor – Se eu pudesse ia à Holanda. Tenho lá um irmão que já comprou uma mota e um carro.

Beto – Eu gosto de viver em Nova Iorque ou em Los Angeles. Lá o dinheiro vale mais.

Vítor – Uma DT tem seis motores.

Beto – Onde é que seis motores podem caber numa mota?

As pintas

Emília – Então e como é que é?

Vítor – O «Play-Boy» não presta. O brasileiro já vale mais e a «Bravo». São revistas caras. 195$00, 180$00. E há mais caras, 300, são as práticas.

Beto – Eu gostava da «Lola» e do «Maldrake».

Vítor – Quando têm fotografias são boas.

Beto — Mas a cores. Os madjés a terem relações em todas as posições.

Vítor — A senhora sabe o que é um trombeiro?

Emília — Vou ali àquela pastelaria tomar um café. Querem vir comigo?

Beto — Não podemos lá entrar. Não gostam lá de nós.

Emília — Então eu trago-vos dois sumos. São três minutos.

Penso: quando voltar já não os vejo.

Regresso com as garrafas na mão. [illegible] Esperam-me. Bebem sem agradecimentos. Ouvem Bob Marley.

Vítor — Conhece? É o melhor do raggae.

Beto — A gente gosta do Mic[illegible]son, do Rod Stewart, [illegible]onel Ritchie, dos Cha[illegible] de Peter Tosh, Ti[illegible] George Michael, Pri[illegible] Tudo em cassetes.

Emília — Estávamos a falar de raparigas.

Beto — A minha dá-me cacau. Para que é que servem as pintas?

Vítor — Eu só chulo os meus pais. Não tenho garina certa. Serve uma qualquer.

Beto — Uma qualquer não. Tem que ser linda e mansinha e com o cabelo comprido à Stevie Wonder.

Vítor — O cabelo do Stevie é postiço.

Emília — Gostas mais de namoradas brancas ou pretas?

Vítor — Tanto dá, é só para curtir. Prefiro o estilo sexy, as mamas grandes.

Beto — É. Bolas de basquete.

Vítor — É só para fazer cócegas.

Beto — Eu faço cócegas noutro sítio.

Vítor — Há muitas quequinhas aqui na escola com os dentes de fora. São as piores. Querem logo casar.

Beto — Em Cabo Verde era melhor. Não havia luzes.

Vítor — Uma vez era o meu pai a correr com as cuecas duma pinta na mão. Ficou sem elas. Chamava-se Fatinha.

Beto — Eu gramo na praia e nas matas, ao ar livre.

Vítor — Eu pus uma cama na cave da casa. Mas há o barulho do cano de esgoto, estraga tudo. Fecho-me à chave com ela. Ponho as luzes de cor e a música alta.

Beto — Não diga isso. Você vê uma pinta a despir-se e cai logo para o lado.

Emília — Não pensam em casar?

Beto — Só me caso lá para os 30. Quanto tiver condições. Tem que ser com uma garina com juízo na cabeça, que saiba cuidar dos filhos e que faça uns pitéus.

Vítor — Eu não me quero casar.

A metrópole

Emília — Como é para vocês Lisboa?

Beto — Mil escudos não dão para nada no supermercado.

Vítor — Em Cabo Verde com 2$50 comprava-se um ano de rebuçados. Mas também para arranjar 2$50 era um sarilho.

Beto — Mas agora dizem que quem vai para lá vai bem.

As ganzas

Emília — Que drogas é que já experimentaram?

Continua na pág. 8

doces crónicas

NEGRO

Continuação da pág. 7

Vítor — Só haxe, liamba, drunfos, panteras, ácidos.

Beto — Eu também gosto de cerveja e de whisky. De vinho não.

Vítor — O vinho sabe mal. É azedo. Lá em Cabo Verde uma garrafa era 500 paus. Em Angola deve ser 5 contos.

A famí-lia

Emília — Que frases é que ouvem mais em casa?

Vítor — Se estragares isso já sabes.

Beto — Não te metas na droga.

Vítor — Não faltes ao respeito a ninguém.

Beto — A minha mãe ensinou-me um ditado cabo-verdiano: borrego manso mama em todas as cabras. Quer dizer que se consegue tudo a fingir que se é betinho.

A bomba

Emília — Que é que me dizem da bomba atómica.

Vítor — Eu não tenho medo nenhum. Já há satélites lá em cima que localizam as bombas. E tenho que morrer de qualquer modo.

Beto — Eu vi um filme na televisão: passava um barco e rebentava com os mísseis debaixo da água. Não há perigo.

Vítor — Eu queria morrer com mil anos.

Beto — Eu queria morrer na cama, de doença.

A língua mais difícil

Emília — O que é a política para vocês?

Beto — A política para mim não é nada. Nenhum deles se importa connosco. Só querem saber da massa que mandam para a Suíça, que é o país do papel.

Vítor — Eu gramava matar o Mário Soares.

Beto — Eu nunca vou votar e se votar é em branco

Vítor — Eu boto é no meu prato todos os dias.

Beto — Daqui a pouco em Portugal só os alentejanos é que falam português e o português é a língua mais difícil do Mundo. É pena.

A desconcentração foi ponto forte e permanente. Repetem-se nas motas, nos drunfos, no break, nas pintas. Comentam em crioulo.

Beto — Já acabou? Parecia a Polícia.

Vítor — Sabe o que é que quer dizer crica? É crioulo.

Emília — Não. Como é que se escreve?

Vítor — Não sei. Só sei briôte.

Riem-se: dentes incríveis. Divertem-se à minha custa, pois claro.

Recordo:

«Nós não aprendemos, nada,
Nós não sabemos nada, não compreendemos nada,
Nós não vendemos nada,
Nós não ajudámos,
Nós não traímos
e
Nós não esqueceremos. (*)»

* excerto dum cartaz de liberdade checa in «A Decadência da Família» de David Cooper.

Responsável de edição, João Mendes
Correspondência, Diário de Lisboa /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA

Cooperativa Plataforma

Como pode o fascismo instalar-se por via «legal». Um exemplo recente, num livro alucinante — «A Batalha do Uruguai». Preço: 200$00. Se desejar recebê-lo por apenas 150$00, remeta-nos o recorte desta mensagem acompanhado da referida importância para: Plataforma, Apartado 1332, 1009 Lisboa Codex. (Oferta limitada aos leitores de «Sete Ponto Sete» até 15 de Maio).

Enciclopédias Novas

Vendo «New Caxton Encyclopedia», 20 volumes, 35 000 Esc; «New Junior Encyclopedia», 18 volumes, 12 000 Esc.
Tel: 675002.

Aldeia do Meco

Casa aluga-se, meses de Julho, Agosto, em Moinho de Caixas, a 3 km das praias do Meco e 6 km de Sesimbra. Telefs. 2292260--9216367.

Fotografia — trabalhos

Tomadas de vista, ampliação, apresentação Rui Miguel Bombas — Rui Manuel Cardoso. Telef. 732985

Pele de zebra

Com desenho das listras interessante. Vendo: Carlos Ferreira. Tr. da Légua da Póvoa 14 , 1.º esq.º 1200 LISBOA. Telef. 656429

Filatelia

Vendo séries de selos nacionais carimbados anos 1953 a 1978 e séries novas. Preço cat.º, Eládio de Santos. Selos estrangeiros de todo o Mundo contactar pelo telefone 664508.

Móvel

Vendo móvel em madeira castanha para qualquer «Compact-Grundig» por 4500$00. Contactar telef. 2766891.

Estofador automóveis

Estofos novos, reparações, capas de todos os tipos, capotas etc. Eduardo Reis. Rua Carlos Mardel 47, Tel. 545632.

Cinco idiomas

Senhora que fala cinco idiomas pretende ocupação de tarde. Tel.: 686103 das 17 às 22 horas.

Andar em Almada

Vista panorâmica sobre o Tejo, vendo 3 ass. Bons transportes. Próprio telf. 2756345 a partir das 20.00 horas

Sesimbra

«Sesimbra, aluga-se casa modesta ou parte de casa, junto à praia, de 15 a 31 de Agosto de 1985, para casal com uma filha de 12 anos. Telefonar para 2682330, depois das 18.30 h.

Secretária antiga em mogno

Com as seguintes dimensões: comprimento 1,32 m; largura 0,70 m; altura 0,77 m. Óptima para consultórios, embaixada, etc., contactar pelo telefone 700513 das 20 horas às 21 horas.

Explicações

Matemática, 7.º ao 11.º ano. Contactar F. J. Morais, Rua Luís de Camões, 53, 2.º Dt.º 2795 Linda-a-Velha ou telefone 4191799 das 19.30 às 20.30

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.